

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E**  
**TERRITORIALIDADES**

**VIVIANE RAMOS MACHADO**

**O JORNALISMO COMO PALCO DE DISPUTAS DISCURSIVAS: O**  
**MOVIMENTO FEMINISTA NO JORNAL A GAZETA DO ESPÍRITO**  
**SANTO (1986-2016)**

**VITÓRIA**

**2018**

VIVIANE RAMOS MACHADO

**O JORNALISMO COMO PALCO DE DISPUTAS DISCURSIVAS: O  
MOVIMENTO FEMINISTA NO JORNAL A GAZETA DO ESPÍRITO  
SANTO (1986-2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Comunicação e Territorialidades da Universidade  
Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ruth de Cássia dos Reis

VITÓRIA

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)  
Bibliotecária: Perla Rodrigues Lôbo – CRB-6 ES-000527/O

---

M149j Machado, Viviane Ramos, 1991-  
O jornalismo como palco de discursivas : o movimento feminista no Jornal A  
Gazeta do Espírito Santo (1986-2016) / Viviane Ramos Machado. – 2018.  
145 f. : il.

Orientador: Ruth de Cássia dos Reis.  
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) –  
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. A Gazeta (Jornal). 2. Jornalismo. 3. Feminismo. 4. Análise crítica do  
discurso. I. Reis, Ruth de Cássia dos. II. Universidade Federal do Espírito  
Santo. Centro de Artes. III. Título.

CDU: 316.77

---

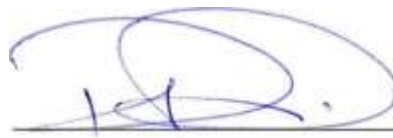
**VIVIANE RAMOS MACHADO**

**O JORNALISMO COMO PALCO DE DISPUTAS DISCURSIVAS: O  
MOVIMENTO FEMINISTA NO JORNAL A GAZETA DO ESPÍRITO  
SANTO (1986-2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Vitória, 06 de abril de 2018.

COMISSÃO EXAMINADORA



Profª. Drª. Ruth de Cássia dos Reis  
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)  
Orientadora



Profª. Drª. Gabriela Santos Alves  
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)



Profª. Drª. Elen Cristina Gerales  
Universidade de Brasília (UnB)

À minha mãe, a primeira mulher inspiradora que conheci.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, João e Vânia, as maiores inspirações da minha vida. Agradeço todo apoio e dedicação em me fazerem sentir capaz de continuar a caminhada de estudos.

Aos meus irmãos Fábio e Felipe por abdicarem dos próprios sonhos para que eu pudesse realizar os meus. Aos meus sobrinhos, Maria Eduarda e Bernardo, que eu amo de todo o coração, iluminam a minha vida e me tornam uma pessoa melhor todos os dias.

Ao Philipe, companheiro de uma vida (que está só começando), pelas constantes provocações para que meu trabalho ficasse cada vez melhor, pela luz em momentos que não conseguia mais enxergar um fim, e por contribuir com seus aprendizados sobre o mundo para que meu trabalho ficasse mais rico.

À minha orientadora Ruth Reis, que com muita paciência e cuidado, me ajudou a chegar até aqui. Obrigada por ter apostado nesta pesquisa, por ter mostrado caminhos possíveis para que ela pudesse ser realizada. Agradeço também pelas sugestões de leitura, pela correção atenta e por ser essa professora que inspira seus alunos a quererem sempre dar o melhor de si.

À professora Gabriela Santos Alves, que acompanhou e me deu orientações preciosas desde a graduação na nossa querida Ecos Jr. e que gentilmente aceitou contribuir para mais essa etapa.

À professora Elen Cristina Geraldês, por aceitar participar da banca examinadora e por na qualificação ter feito observações relevantes e que me fizeram identificar outros pontos de vista para a finalização deste trabalho.

Às minhas colegas Milena Mangabeira e Pâmela Vieira, por estarem sempre dispostas a ouvir meus desabafos e trilharem junto comigo o caminho para a tão sonhada defesa da dissertação.

Às minhas amigas e amigo do coração, Any Cometti, Thaiana Gomes, Esther Radaelli, Maíra Mendonça, Izabelly Possato e Rhayan Lemes, por estarem comigo em mente e coração, por serem os maiores presentes que a graduação em Comunicação Social poderia me dar e por compreenderem minha ausência em tantos momentos, que precisei me concentrar para desenvolver esta dissertação.

Não poderia deixar de agradecer às minhas colegas de trabalho Victoria Varejão, Manoela Albuquerque, Juliana Borges e Naiara Arpini. Conciliar os estudos acadêmicos de uma pós-

graduação com o trabalho em uma redação jornalística de hard news não foi uma tarefa fácil e sem o apoio de vocês, sem as trocas de plantão e sem a torcida de vocês nada disso seria possível.

Também agradeço à Rede Gazeta, empresa que me abriu as portas para que a pesquisa acadêmica pudesse ser realizada e que gentilmente me deram espaço para poder tecer análises importantes sobre sua história e suas coberturas. Aos chefes Rodrigo Rezende, André Junqueira e André Hess, meu muito obrigada por todo o incentivo e espaço disponibilizado para que essa pesquisa pudesse acontecer. À Anelize Roris e Paula Rodrigues, agradeço por terem feito o acesso aos conteúdos de 31 anos de jornal menos complexo do que poderia parecer, me ajudando a desbravar o Centro de Documentação de A Gazeta.

Por fim, agradeço a Coordenação do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades por ter permitido que todo esse processo de aprendizado acontecesse, promovendo meu crescimento pessoal, profissional e acadêmico, culminando nesta pesquisa que será apresentada a seguir.

"Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. O problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos".

Chimamanda Adichie (2012).



## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de entender como os discursos feministas são construídos no território discursivo do jornalismo, em especial no Jornal A Gazeta no período histórico de 1986 a 2016. Partimos do pressuposto de que o jornalismo dá visibilidade a discursos que os padrões culturais tornam invisíveis em uma normalidade e repetição e a partir disso cria notícias que vão pautar o cotidiano. Tratamos, sobretudo, da comunicação, objeto presente no cotidiano, de existência sensível, do domínio do real e firmada em práticas e objetos que podemos ver, ouvir e tocar. Como pano de fundo teórico-metodológico, utilizamos a hermenêutica de profundidade proposta por Thompson (2011), uma possibilidade de investigação social e que busca compreender como as formas simbólicas são produzidas. Além disso, delineamos os principais marcos da história do movimento feminista no Espírito Santo, a partir dos vestígios deixados pelas reportagens presentes no jornal analisado, elaboramos uma análise quantitativa dos dados obtidos no corpus da pesquisa e analisamos um conjunto de seis textos selecionados sob a perspectiva teórica da Análise Crítica do Discurso, de Norman Fairclough (2001). Percebemos, com fundamento na pesquisa empírica, que há uma diversidade no conteúdo publicado sobre o movimento feminista. Embora a maior parte dele esteja publicada em espaços dedicados a produtos ficcionais e culturais, também conseguimos identificar textos com teor político que contrapõem aos modos de organização da sociedade em distintos períodos históricos, contestam padrões machistas e conservadores, ilustram a constante luta por direitos iguais entre homens e mulheres, além de especular sobre o futuro do feminismo. A reprodução dos discursos feministas no jornal, no entanto, não ficou limitada somente a construções positivas; identificamos também o aparecimento de textos que ainda reproduzem um estereótipo de mulher voltada para lar, para as questões domésticas, hiper-sexualizada, e excluída das posições de poder na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; feminismo; Jornal A Gazeta; discurso; poder.

## **ABSTRACT**

This work intends to understand how feminist discourses are constructed in the journalism discursive territory, specially in Jornal A Gazeta, from 1986 to 2016. We started with the assumption that journalism provides visibility to discourses made invisible by cultural standards in its normality and repetition, and, by doing that, creates the news that guides our everyday life. We dealt, most of all, with the communication, current object in our everyday life, with sensible existence, with domain of what is real and established in practices and objects that we see, hear and feel. For the theoretical and methodological framework, we adopted the Depth Hermeneutics (DH), developed by Thompson (2011), a social investigation practice that allows the understanding of how symbolical actions are made. In addition to, we outlined the most important feminist movement milestones in Espírito Santo, starting with the vestiges left by news reports in the analyzed newspaper, worked out a quantitative analysis of the data obtained with the research and analyzed six texts selected under the Critical Discourse Analysis, proposed by Norman Fairclough (2001). We perceived, well-founded by the empirical research, that there is a diversity in the content published about the feminist movement. Even though, most of it are published in spaces dedicated to fictional and cultural products, we were also able to identify texts with a more deep political content, that oppose to distinct society organization methods, refute laddish and conservative standards, illustrate the constant struggle for equal rights between men and women, as well as especulate the future of feminism. The reproduction of feminist discourses in the newspaper, however, was not limited by positive constructions; we also identified the emergence of texts that reproduce the stereotype of a housewife, hyper-sexualized, and excluded from positions of power in the society.

**PALAVRAS-CHAVE:** journalism; feminism; Jornal A Gazeta; discourse; power.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem da interface, mostrando como é estruturada a busca e os conteúdos usando o <i>Tark</i> .....	71
Figura 2 - Imagem da interface, mostrando como é estruturada a busca e os conteúdos usando o <i>Shell</i> .....	72
Figura 3 - Tela Inicial do <i>Voyant</i> .....	75
Figura 4 - Nuvem de palavras formada com corpus completo da pesquisa .....	77
Figura 5 - Nuvem formada com as palavras chaves encontradas entre 1986 a 2016 .....	77
Figura 6 - Nuvem formada com as palavras chaves encontradas entre 1986 a 2000 .....	84
Figura 7 - Nuvem formada com palavras chaves entre 1986 a 2000, com exclusão de termos .....	84
Figura 8 - Nuvem formada com as palavras chaves encontradas entre 2000 e 2004 .....	87
Figura 9 - ONG mostra a repercussão do feminismo nas redes sociais em 2015 .....	89
Figura 10 - Palavras relacionadas ao termo “não é uma” no <i>WordTree</i> .....	90
Figura 11 - Imagem mostra a busca por termos para identificar os contextos no <i>Voyant</i> .....	94
Figura 12 - Palavras relacionadas ao termo “mulher é” no <i>WordTree</i> .....	95
Figura 13 - Palavras relacionadas ao termo “mulher na” no <i>WordTree</i> .....	96
Figura 14 - Palavras relacionadas ao termo “mulher não” no <i>WordTree</i> .....	97
Figura 15 - Palavras relacionadas ao termo “ela é” no <i>WordTree</i> .....	99
Figura 16 - Palavras relacionadas ao termo “homens e mulheres” no <i>WordTree</i> .....	101
Figura 17 - Palavras relacionadas ao termo “ele é” no <i>WordTree</i> .....	101
Figura 18 - Palavras relacionadas ao termo “vida de” no <i>WordTree</i> .....	102
Figura 19 - Palavras relacionadas ao termo “feminista e” no <i>WordTree</i> .....	103
Figura 20 - Palavras relacionadas ao termo “feminista que” no <i>WordTree</i> .....	104

Figura 21 - Palavras relacionadas ao termo “feministas que” no <i>WordTree</i> .....	104
Figura 22 - Palavras relacionadas ao termo “contra o” no <i>WordTree</i> .....	105
Figura 23 - Palavras relacionadas ao termo “ <i>violência contra</i> ” no <i>WordTree</i> .....	106

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Conteúdos produzidos pelo Jornal A Gazeta com temáticas relacionadas ao movimento feminista entre 1986 e 2016 .....	78
Gráfico 2 - Linha do tempo da produção jornalística sobre feminismo entre 1986 e 2016 .....	79
Gráfico 3 - Frequência de editoriais dentro do corpus de 1986 a 2016 .....	82

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Palavras chaves pesquisadas no <i>Tark</i> e no <i>Shell</i> .....	74
Tabela 2 – Distribuição de textos por editoria .....	80
Tabela 3 – Quadro de análise de texto .....	109
Tabela 4 - Quadro de análise da prática discursiva .....	112
Tabela 5 - Gramática - Transitividade .....	116
Tabela 6 – Vocabulário – Criação de palavras .....	131
Tabela 7 - Gramática - Transitividade .....	134

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2 MÍDIA, PODER E JORNALISMO .....</b>	<b>34</b>
2.1 MÍDIA E PODER .....	39
2.2 DISCURSO E NARRATIVA NO JORNALISMO .....	46
2.3 O JORNALISMO E A INSTITUIÇÃO DO PRESENTE E DA MEMÓRIA .....	50
2.4 O JORNALISMO DE A GAZETA .....	52
<b>3 O MOVIMENTO FEMINISTA - UMA HISTÓRIA DE LUTAS E DISPUTAS .....</b>	<b>54</b>
3.1 FEMINISMOS .....	56
3.2 A HISTÓRIA DO MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL .....	60
3.3 O MOVIMENTO FEMINISTA NO ESPÍRITO SANTO .....	64
3.4 OS ESTUDOS DOS FEMINISMOS NA MÍDIA .....	69
<b>4 PESQUISA EMPÍRICA – UMA ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE OS MOVIMENTOS FEMINISTAS NO JORNAL A GAZETA .....</b>	<b>71</b>
4.1 METODOLOGIA DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS .....	71
4.2 LINHA DO TEMPO E AS PAUTAS DO MOVIMENTO FEMINISTA EM A GAZETA .....	78
4.3 PRIMEIRAS ANÁLISES .....	89
4.4 ANÁLISE DO DISCURSO .....	107
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>137</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>141</b>

# 1 INTRODUÇÃO

As questões de gênero, sobretudo das relações de desigualdade entre homens e mulheres, passam por um processo de reconfiguração embalado pelo fortalecimento da luta pelos direitos humanos e das minorias em geral nas últimas décadas. É nesse contexto que se tornam urgentes os estudos sobre as abordagens midiáticas, num momento em que a sociedade atravessa um processo de reconfiguração das lutas feministas. Muitas são as temáticas que aparecem quando tratamos das lutas das mulheres, representadas neste estudo pelo movimento feminista. Entre elas as condições igualitárias de trabalho, a forma como a mulher ainda é vista através de um olhar machista e conservador, o direito ao corpo, o baixo índice de ocupação de postos de trabalho, baixa remuneração, a dupla jornada, etc. Passamos por um período histórico em que a cultura machista e opressora começa a ser questionada e fortemente combatida com o surgimento em maior escala de coletivos e ativistas do feminismo. Mais do que antes enxergamos o movimento feminista em pauta nas conversas diárias e no cotidiano comunicacional das pessoas, devido à atuação expressiva da militância feminista nas ruas e nas redes sociais, permitindo com mais vigor a discussão sobre a mulher e seus papéis na sociedade.

Nos últimos anos, encontramos um maior número de mulheres realizando um movimento de resistência em face a diversas situações cotidianas de opressão, levantando questões que durante séculos foram apagadas dos discursos da sociedade, como a cultura do estupro, o assédio sexual e moral, o machismo, a desigualdade, entre outros tópicos, que permitiram que as questões do movimento feminista fossem disseminadas e as mudanças no curso da sociedade ocorressem, ainda que a pequenos passos.

Na internet, através das redes sociais, as minorias encontram um espaço mais amplo e aberto para apresentar suas pautas e gerar discussões a respeito de suas causas e lutas. Essa mudança só foi possível a partir de uma evolução tecnológica, que ampliou as possibilidades de comunicação. Esse sistema de comunicação conta com um aporte tecnológico que permite atualizações em tempo real, interações sociais mais amplas e imediatas, uma linguagem universal digital que promove a integração entre produção e distribuição de textos, sons, e imagens da nossa cultura, permitindo assim a personalização (CASTELLS, 1999). O crescimento exponencial das redes interativas de computadores possibilitou a criação de novas



formas e canais de comunicação que têm potencial de moldar novas configurações da sociedade. Segundo Castells,

nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais. O fundamentalismo religioso, cristão, islâmico, judeu, hindu e até budista provavelmente é a maior força de segurança pessoal e mobilização coletiva nesses anos conturbados. Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social (CASTELLS, 1999, p. 23)

Essa explicação de Castells, pode ser uma das possibilidades de entendimento do porquê de as novas tecnologias terem permitido o fortalecimento da luta por direitos humanos e das minorias, entre as quais se inclui o movimento feminista.

As grandes transformações tecnológicas ao longo da história da humanidade possibilitaram as mudanças nas relações sociais e de trabalho. No século XXI, a revolução digital e a conexão do mundo em redes de computadores transformaram também as relações comunicacionais. Nesse contexto, as tecnologias atuam como mecanismos que, historicamente, provocam mudanças na indústria e na sociedade. Além disso, configuram-se como principal fonte de troca de informações entre as pessoas. Como aponta Lee (2013), desde a invenção dos tipos móveis de Gutenberg até o uso do telégrafo, do telefone, do rádio e da televisão os processos de comunicação permitiram novas configurações na capacidade de produzir, transmitir, armazenar, gerenciar e recuperar informação. O avanço tecnológico permitiu ainda melhorias na padronização de procedimentos e na habilidade de produzir e disseminar informações. Para além dessa troca de informações, a mudança na matriz de comunicação também produz novas formas de sociabilidade e altera a noção de presença, espaço e de lugar.

A revolução tecnológica, concentrada nas tecnologias de informação e comunicação, remodela a base material da sociedade em um ritmo mais acelerado que outrora. “Economias por todo mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável” (CASTELLS, 1999, p. 21). As redes interativas, ocasionadas pela revolução promovida pelo uso de computadores, crescem de forma exponencial e criam possibilidades, novas formas e canais de comunicação, assim como moldam a vida e são moldadas por ela. É nesse ambiente no qual estamos imersos na contemporaneidade.

Embalado por tal processo de evolução tecnológica, o jornalismo atravessa momentos de reconfiguração. A produção de notícias, a disseminação de informações, as práticas profissionais foram amplamente impactadas com a chegada da internet e a posterior efervescência das redes sociais. O jornalismo, sendo um fenômeno social, cultural e político, ainda tem um papel importante na pauta de discussões da sociedade, embora sua hegemonia esteja em questão. Tal como está configurado, o jornalismo proporciona o acionamento de relações entre as pessoas, no que se refere à sua dimensão comum, além de ser um espaço de disputa de poder, controle e hegemonia pelos discursos e narrativas que circulam e se consolidam. Vide a teoria do agendamento, agenda *setting*<sup>1</sup>, que tenta explicar o poder da mídia e do jornalismo no cotidiano. Com as redes sociais, outros espaços e possibilidades começaram a surgir. Para que o jornalismo se faça presente nos locais onde as pessoas trocam informações e desenvolvem uma vida social, muitos veículos de informação também buscam reverberar o que está em pauta nas redes sociais como uma maneira de se incluir no debate. Por muitas vezes, jornalistas são pautados pelo que acontece nas redes sociais.

Como aponta Appadurai (2004), os meios de comunicação eletrônicos mudaram decisivamente os meios de comunicação de massa tradicionais. Segundo o autor, esses meios foram os responsáveis por transformarem o campo da mediatização de massas, já que oferecem novos discursos para a construção de eus imaginados e de mundos imaginados. A comunicação tem na tecnologia uma forma de transformar seus modos e meios de produção, além de encontrar novas abordagens para assuntos que insistem desde outros momentos históricos.

Essa pesquisa trata sobretudo da Comunicação, objeto presente no cotidiano, de existência sensível, do domínio do real e firmada em práticas e objetos que podemos ver, ouvir e tocar (FRANÇA, 2001). Entendemos, aqui, a Comunicação como um fato do nosso cotidiano, dotada de uma presença exaustiva na sociedade contemporânea, deixando marcas discursivas. É um processo social que permite a produção de sentidos, que materializam formas simbólicas; existiu desde sempre, mas é problematizada e complexificada na modernidade, com o surgimento de múltiplas formas e modulações na sua realização (FRANÇA, 2001). Dentro desse contexto, o jornalismo e suas práticas investem sentido sobre eventos banais e os

---

<sup>1</sup> A Teoria do Agendamento ou *Agenda Setting* defende que as notícias ao serem consumidas tendem a pautar as conversas cotidianas dos receptores, que consideram importantes todos os assuntos que estão na imprensa (MCCOMBS; SHAW, 1972).

transformam em acontecimentos singulares, dotados de relevância. Os enunciados construídos no jornalismo satisfazem uma necessidade básica do ser humano, a de saber o que acontece em todos os lugares, de conhecer os fatos que vão além da sua própria existência, chamada por Bill Kovach e Tom Rosenstiel de Instinto da Percepção. “O conhecimento do desconhecido lhes dá segurança, permite-lhes planejar e administrar suas próprias vidas” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 36). Embora o jornalismo satisfaça uma necessidade básica humana, tal como é exercido na grande imprensa, não consegue fornecer com plenitude informações suficientes sem estar envolto em preconceitos humanos, estereótipos, falta de atenção e ignorância (CAREY apud KOVACH; ROSENSTIEL, 2003).

Neste trabalho, o jornalismo também é visto como um território, onde se estabelece um palco de disputas discursivas sobre as questões da sociedade, entre as quais a questão dos direitos da mulher e do feminismo. Para entender os territórios, buscamos referências na Geografia, ciência que mais tem se dedicado a explorar este conceito transdisciplinar. Os territórios são frutos de uma construção histórica, social e sempre vinculados a processos de apropriação e dominação de um espaço e de pessoas (SAQUET, 2015). Os territórios que compõem a comunicação são vistos, portanto, como instrumentos que os homens, comunidades e sociedade usam para tomar posse do mundo e realizar transformações (RAFFESTIN, 1993). Sob o nosso ponto de vista, os territórios da comunicação são compostos por plataformas de circulação, mensagens e códigos, sua linguagem e discursos, normas e procedimentos, meios e modos de produção usados em todo o processo comunicacional, que a todo tempo são disputados e apropriados. Entendendo as questões que permeiam tais territórios, podemos compreender de forma mais objetiva as experiências que são produzidas nesses espaços, ou seja, as suas territorialidades.

Sabemos também que as disputas nesse território são principalmente discursivas, por isso a busca por sentidos produzidos pelos textos jornalísticos é um dos recursos que nos permite entender como os meios de comunicação produzem enunciados e como tais enunciados firmam sua hegemonia na cultura e na vida social. A linguagem própria do homem é o que permite o pensamento e a ação, além de possibilitar a vivência em sociedade, uma atividade que se desdobra no “teatro da vida social cuja encenação resulta de vários componentes, cada um exigindo [...] uma competência” (CHARAUDEAU, 2014, p. 7).

Este trabalho tem como questão-problema como os discursos feministas são construídos no território discursivo do jornalismo, em especial do Jornal A Gazeta do Espírito Santo, no período histórico entre 1986 e 2016.

Além disso, também busca entender como o jornalismo dá visibilidade a determinados discursos e a partir disso pauta e modela as questões que se tornam presentes no nosso cotidiano. Para tanto, estará em questão a maneira como os movimentos feministas estão mostrados em um jornal de expressiva influência no Espírito Santo e como se dão as disputas de poder nesse espaço legitimado na sociedade.

O trabalho quer conhecer as peculiaridades do discurso, como se formam e como podem ser analisados a fim de fazer deduções sobre o funcionamento da sociedade. Queremos compreender qual a função social do jornalismo, o que motiva a produção e veiculação de informações sobre o cotidiano, investindo sentido sobre eventos banais e transformando-os em acontecimentos singulares, dotados de relevância. Além disso, precisamos reconhecer as mudanças sofridas pelo jornalismo, sobretudo nos seus modos de operação ao longo dos anos.

Transformações na dinâmica das redações ocorreram e mudaram a relação com os leitores, com o setor comercial das empresas jornalísticas e seus financiadores, impactando todo o processo de construção da notícia. Assim, as notícias ao longo dos anos também devem ter sofrido alterações, seja de tamanho, conteúdo ou mesmo importância relativa nas páginas dos jornais.

Essas questões precisam ser levantadas e postas para verificação ao analisar como são selecionados os temas que dão visibilidade a determinados discursos. Também não se pode deixar de reconhecer que toda essa lógica do campo jornalístico está permeada por relações de poder que incidem diretamente em tudo o que é publicado todos os dias nos jornais.

Para que possamos compreender o modo como o movimento feminista é retratado no referido jornal, precisamos conhecer sua história, identificando as principais lutas, conquistas e percursos. E enfim poderemos traçar uma análise crítica do discurso sobre ele.

Nossa escolha pelo Jornal A Gazeta deve-se ao fato de ser dos maiores veículos de informação jornalística do Espírito Santo. Fundado em 11 de setembro de 1928, com 89 anos de existência,

já publicou mais de 31.000 edições<sup>2</sup>. O jornal chega a todos os municípios do estado e é lido por formadores de opinião. A Gazeta é um dos veículos do maior grupo de comunicação multimídia do estado<sup>3</sup>, formado por 19 negócios na área de comunicação. O grupo publica dois jornais impressos diários, três portais de notícias na internet, um portal de anúncios online, um acervo de fotos jornalísticas, oito rádios e quatro emissoras de TV aberta afiliadas à Rede Globo.

As notícias publicadas no jornal A Gazeta, por sua tradição e importância histórica, pautam os veículos online, de rádio e a televisão, fazendo reverberar um mesmo assunto, chegando de Norte a Sul do Espírito Santo e em regiões vizinhas ao estado como sul da Bahia e nordeste de Minas Gerais. Até 2011, o jornal era publicado em formato standard<sup>4</sup>, mas passou a circular em um formato tabloide, impresso em papel e em versão digital para dispositivos *mobile*. Voltado para um público das classes ABC, A Gazeta tem segmentos semanais sobre informática, imóveis, veículos, vida e empregos. Antes do surgimento da internet e de outros meios de comunicação, era o principal veículo a que as pessoas tinham acesso às informações sobre os acontecimentos cotidianos da região. Essas características evidenciam a relevância da escolha do corpus para buscar entender que discursos são produzidos a partir da mediação jornalística produzida por esse veículo de comunicação.

Os estudos que antecedem a essa pesquisa apontam para o jornalismo enquanto um território discursivo, formador de ideologias e sujeitos. O jornalismo também se configura como um território de disputa de poder, por seu caráter legitimador, por seu reconhecimento como enunciador autorizado na sociedade contemporânea, pois o que se diz a partir desse lugar tem valor de verdade. Estamos diante de uma atividade complexa, visto que é realizada no interior de uma instituição reconhecida socialmente.

Alsina (2009) já apontava uma “face oculta” da produção da notícia para explicar essa complexidade. Para o autor, a mídia não mostra seu processo de produção (embutido de um jogo de poder) e transmite para os receptores/consumidores da mensagem que são apenas transmissores de informação, no sentido mais puro, trazendo fatos imparciais e verdadeiros. No entanto, a construção da notícia pertence a uma realidade simbólica, pública e cotidiana. “Os

---

<sup>2</sup> Dado coletado em março de 2018.

<sup>3</sup> Rede Gazeta

<sup>4</sup> Standard é o nome do formato de jornal com 55 centímetros de altura. É o maior formato desse tipo de publicação.

jornalistas são, como todo mundo, construtores da realidade ao seu redor. Mas também conferem estilo narrativo a essa realidade, e, divulgando-a, a tornam uma realidade pública sobre o dia-a-dia” (ALSINA, 2009, p. 11).

Outro ponto relevante para a discussão proposta por este trabalho é de como o discurso jornalístico, a partir da sua narrativa e dos seus modos de organização, se relaciona com o cotidiano. O jornalismo, assim como outras mídias, apresenta-nos todos os dias um recorte da sociedade a partir de um discurso midiático elaborado sobre os diversos assuntos que pautam o cotidiano das pessoas: os problemas das cidades, os embates políticos, as histórias de pessoas que retratam fatos ordinários.

As relações dos meios de comunicação com a sociedade passaram por transformações ao longo da história. França e Guimarães (2006) abordam a problemática que envolve o tratamento que essa relação recebe de quem a analisa, o de estudar como as tecnologias moldam a sociedade e por outro lado como as distintas instâncias sociais utilizam a comunicação, transformando-a. A compreensão da relação dos participantes dos processos comunicacionais também foi marcada por mudanças. Antes, era tratada como uma simples relação de emissão/recepção. Hoje, tratamos de interlocução, compreendendo os sujeitos inscritos em relações complexas que podem assumir diferentes configurações.

Vivemos numa sociedade globalizada, marcada por fluxos de informação e pela disseminação de imagens. Mas vivemos também inseridos na nossa realidade cotidiana (“o aqui do meu corpo, o agora do meu presente”). O desenrolar da nossa experiência no mundo é marcado por intervenções de toda ordem: damos respostas a questões profissionais e familiares; nos relacionamos com os colegas, amigos, instituições; falamos sobre o passado, o presente, o futuro; nos informamos sobre a atualidade; produzimos e reagimos a imagens. O que move – e o que articula – tudo isto? Como acontecem as relações de força entre as várias dinâmicas aí envolvidas? (FRANÇA; GUIMARÃES, 2006, p. 91).

A categoria central desta pesquisa é o poder e suas relações. Partimos da definição que “o poder é uma relação entre sujeitos que, com base na produção e na experiência, impõe a vontade de alguns sobre os outros pelo emprego potencial ou real de violência física ou simbólica” (CASTELLS, 1999, p.33). Para Castells, as instituições sociais são constituídas para garantir o cumprimento das relações de poder que precisam ser estabelecidas em cada período histórico, incluindo os controles, limites e contratos sociais.

Embora, historicamente, afirme-se que o poder tem base no Estado e no “seu monopólio institucionalizado da violência”, Foucault (2002) chama a atenção para uma outra natureza do poder, além deste que está incorporado a instituições e organizações, que circula e está difundido em toda a sociedade, sendo estabelecido em todas as relações. Não há, portanto, necessariamente, na sociedade aqueles que têm e os que não têm o poder, sua natureza está nas relações.

Foucault, em 1973, já apontava a mudança que a sociedade atravessa na contemporaneidade e que continua até os dias atuais. Depois de um período predominantemente disciplinar, de formar corpos dóceis para o trabalho, transformou-se em uma sociedade de controle, de vigilância, baseada na submissão e no controle dos indivíduos no tempo e no espaço.

Deleuze (1992) continua a discussão de Foucault sobre as sociedades de controle e aponta que a substituição da sociedade disciplinar para a de controle aconteceu após a Segunda Guerra Mundial. As mudanças no mundo capitalista, proporcionadas principalmente pelas inovações tecnológicas, permitiram evidenciar uma característica muito presente nas sociedades contemporâneas: a urgência. “Nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que um deformador universal” (DELEUZE, 1992, p. 221).

Há também o registro de uma mudança na forma como os indivíduos são reconhecidos dentro da sociedade. As massas se tornaram amostras, dados, mercados, bancos de dados. Deleuze (1992) também acentua as mudanças no modo de operação do capitalismo, que não se dirige mais pela produção. Não se compra mais matéria-prima; os capitalistas deixam essa função para os países periféricos e compram os produtos já prontos.

O que ele quer vender são serviços, e o que quer comprar são ações. Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado. Por isso ele é essencialmente dispersivo, e a fábrica cedeu lugar à empresa. A família, a escola, o exército, a fábrica não são mais espaços analógicos distintos que convergem para um proprietário, Estado ou potência privada, mas são agora figuras cifradas, deformáveis e transformáveis, de uma mesma empresa que só tem gerente. [...] O controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua (DELEUZE, 1992, p. 223).

Além dessa discussão sobre a inserção das tecnologias na sociedade e como ela configura as mudanças no cotidiano, também é interessante observar que o poder está implícito em todas as relações sociais, ou seja, se há uma relação estabelecida entre dois atores há poder de um sobre o outro (RAFFESTIN, 1993). Assim, podemos observar que nos discursos produzidos pela imprensa sempre vão existir relações de poder, marcadas pelo uso de símbolos que reforçam uma determinada visão ou estrutura social. “O poder se manifesta na ocasião das relações. É um processo de troca ou de comunicação quando, na relação que se estabelece os dois polos fazem face um ao outro ou se confrontam” (RAFFESTIN, 1993, p. 53).

A natureza do poder, então, seria definida pelos seguintes aspectos: ele não se adquire, é exercido; as relações de poder não estão em posição de exterioridade, mas são imanentes a ela; as relações de poder são intencionais e não subjetivas; onde há poder há resistência (RAFFESTIN, 1993).

Uma outra categoria desta pesquisa é o discurso. Para entender como o discurso se configura no jornalismo recorreremos ao aporte teórico de Foucault. Partimos da percepção de que em toda sociedade a produção de discursos é controlada, selecionada, organizada, redistribuída por alguns procedimentos que têm o objetivo de dominar o acontecimento aleatório. Ele não seria, portanto, responsável por manifestar ou ocultar desejos, mas o objeto do desejo, um fim em si mesmo. Foucault (2007) não nos fornece métodos para analisar o discurso, mas aponta modos de como entendê-los, sejam hegemônicos ou de resistência.

Para além dessa convicção, também trabalhamos com a proposição de que na sociedade há discursos que “são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (FOUCAULT, 1999, p.22). Isso acontece porque, segundo Foucault, discursos podem se tornar hegemônicos ou saírem de cena. Entre outras razões esse surgimento e esquecimento encontra, na contemporaneidade, forte contribuição do jornalismo. É assim que o jornalismo e as mídias em geral têm importante papel nessa dinâmica de funcionamento dos discursos.

As alterações operadas nos discursos que circulam na sociedade não são constantes ou absolutas. Não há uma divisão estabelecida entre os discursos fundamentais e criadores, e os discursos que são repetidos. Muitos textos se confundem, desaparecem ou mudam de forma. O



discurso nunca é fruto de um acaso; há uma ordem para que ele seja tal como é, que antecede a sua materialidade (FOUCAULT, 2007).

Nesta abordagem teórica, o discurso é tratado como uma prática descontínua, que se cruza por vezes, mas também se ignora ou se exclui. Ele é definido como uma dispersão, formado por elementos que não são ligados por nenhum princípio de unidade, por esse motivo não é possível, ao analisar o discurso, identificar um único aspecto que o forma e tirar dali a sua intencionalidade pura. A análise do discurso teria a missão de descrever a dispersão, buscando regras capazes de determinar os elementos que compõem o discurso. O discurso é, sobretudo, o espaço em que poder e saber se articulam, porque quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente (BRANDÃO, 2004).

Charaudeau (2015), ao debater o discurso das mídias, aponta para os termos informação e comunicação como sendo responsáveis por ditar a ordem do discurso na contemporaneidade. Para o autor, as mídias, suporte organizacional, se apossam desses dois fenômenos sociais para integrá-los às suas lógicas econômica, tecnológica e simbólica. “Trata-se da maneira pela qual os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem as representações dos valores que subjazem a suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido” (CHARAUDEAU, 2015, p. 16).

A informação é definida como a transmissão de um saber, com o suporte de alguma linguagem, seja ela verbal ou não verbal, por alguém que o detém para alguém que o desconhece. Segundo Charaudeau, é a transformação de um estado de ignorância para um estado de saber. O discurso enquanto um ato de linguagem tem papel central nessa transmissão. Isso quer dizer que

a linguagem enquanto discurso aponta para uma maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido. Assim, pode-se dizer que a informação implica processo de produção de discurso em situação de comunicação (CHARAUDEAU, 2015, p. 33).

Informar, sob a perspectiva teórica de Charaudeau, é enunciar. A enunciação não existe fora da linguagem, nem mesmo em uma exterioridade humana; e depende do campo de conhecimento em que está inserida, do dispositivo onde aparece e da situação de em que acontece.

A informação é apropriada pelo campo do jornalismo, que possui determinada autoridade, principalmente porque exerce influência sobre outros campos de produção cultural (BOURDIEU, 1997). Partimos do conceito de Bourdieu de que o mundo é estruturado em campos que possuem práticas específicas em que os indivíduos ocupam posições diversas, porque não dispõem do mesmo capital, seja ele simbólico, material, social ou cultural. Por esse motivo, haverá sempre dominantes e dominados, um espaço de disputa.

A influência do campo jornalístico sobre os demais acontece também por causa da autoridade jornalística, pois é um lugar onde o que se diz tem valor de verdade, é reconhecido e aceitável socialmente. Embora tenha se perdido o prestígio, ainda há uma expressiva parcela da população que tem nos noticiários sua única fonte de informação, mesmo com o acesso a outros dispositivos.

Antes de entender o percurso histórico do movimento feminista, faz-se necessário compreender a história da mulher na sociedade ocidental. Para historiadores, como afirma Hahner (1981), as mulheres estiveram ausentes ou mal interpretadas em registros históricos, porque os homens que escreviam o curso da história e na condição de transmissores da cultura na sociedade não julgavam importante o papel da mulher.

Por isso, as mulheres permaneceram à margem das principais relações do desenvolvimento histórico. [...] na medida em que os historiadores, em geral pertencentes do sexo masculino, devotavam seus maiores esforços à investigação da transmissão e exercício do poder, a mulher continuava a ser basicamente ignorada. Na história política, diplomática e militar havia pouco lugar para a mulher, que há muito estado bastante afastada da estrutura de poder (HAHNER, 1981, p. 14)

Os movimentos que lutavam pelos direitos das mulheres no Brasil começaram, segundo Hahner (1981), ainda na segunda metade do século XIX, quando um grupo feminista considerado pioneiro no país proclamou insatisfação com os papéis estabelecidos na sociedade, atribuídos a homens e mulheres. Nessa época, assim como são vistos na atualidade, existiam grupos de homens que se assumiam contrários à obtenção de direitos iguais para as mulheres e por isso desqualificavam o movimento. Percebemos a partir desses relatos que o início da história do feminismo no Brasil foi marcado pela luta das mulheres por igualdade de direitos em relação aos homens. A primeira movimentação, em meados de 1890, foi pelo sufrágio feminino.

Rangel (2011) explica que ao contrário de muitos países ocidentais, o feminismo brasileiro nasceu na imprensa, época em que foi considerada como único instrumento capaz de divulgar o pensamento das feministas do século XIX.

Dessemelhante dos países citados, onde as feministas haviam adquirido a prática de conciliar ativismo e escrita militante, desde os primeiros ensaios do movimento, no Brasil, a adoção conjunta desses elementos, de forma objetiva e harmoniosa, só aconteceu no despontar do século XX. Até esse momento, prevaleceu como uma manifestação bastante tímida, embora incisiva, que orbitava entre a literatura e a imprensa (RANGEL, 2011, p. 153)

Com o tempo, as bandeiras e estratégias de luta das mulheres mudaram. Messa (2006) aponta que o feminismo na contemporaneidade mudou as bandeiras que levantava no passado. A queima de sutiãs, o repúdio aos afazeres colocados na sociedade como próprio das mulheres (saber cozinhar, lavar, passar, costurar, etc.) não são mais levantados com vigor pelas feministas.

Hoje, o revigoramento do movimento feminista e a frequente produção de conteúdo por parte das ativistas do movimento feminista nas redes sociais na internet<sup>5</sup> fizeram com que o tema ganhasse visibilidade no Brasil e no mundo, crescendo junto com as lutas por outras identidades e singularidades. Um exemplo disso no Brasil é a página “Não Me Kahlo” que possui 1.197.077 seguidores e um alcance de milhões<sup>6</sup>, cujo objetivo é defender o direito das mulheres e desenvolver estudos sobre o feminismo. Em 2015, o grupo lançou uma campanha no Twitter chamada #meuamigosecreto, que denunciava diversas situações machistas que acontecem no dia a dia e geraram milhares de compartilhamentos incluindo reverberação em outras redes sociais.

Junto com essa visibilidade dos movimentos na internet, velhos estereótipos continuaram a aparecer, entre eles a antiga percepção de que as feministas não eram “femininas”, despidas de qualquer vaidade; outro paradigma que ainda é reproduzido, principalmente entre os contrários ao movimento, é de que as feministas acreditam na superioridade das mulheres em relação aos homens. Apesar dessas disparidades entre o que se é e o que se fala sobre o feminismo, uma de suas principais lutas contemporâneas das feministas é mostrar que a mulher pode ser o que ela

---

<sup>5</sup> Ao tratar de redes sociais referimo-nos às páginas e grupos utilizados por ativistas no Facebook para disseminar os conteúdos feministas, além de grupos no WhatsApp e perfis no Twitter.

<sup>6</sup> Dado coletado em 3 de janeiro de 2017.

quiser; pode atuar nos espaços que quiser e preza, acima de tudo, pela igualdade entre os gêneros.

A compreensão dos discursos presentes no jornalismo como objetos simbólicos que produzem sentidos, observando-se os modos de construção, estruturação e de circulação que compõem os sentidos dos textos é necessária para uma melhor compreensão do papel da imprensa na formação de sujeitos e na construção da memória a ser partilhada no futuro. É a partir dos vestígios deixados pelos autores do discurso que podemos ir mais longe para identificar o processo discursivo e sua força na constituição de comportamentos e de relações.

Entendemos que pesquisas dedicadas a analisar os discursos presentes no jornalismo permitem que o tema seja levado adiante em novas investigações e percepções sobre as abordagens jornalísticas. Para além da questão da linguagem, na nossa reflexão teórica sobre a territorialidade aplicada à Comunicação e, sobretudo ao jornalismo, percebemos que os processos comunicacionais no território informacional são amplos e devem ser estudados levando em consideração todas as relações de poder e dominação inerentes a qualquer território.

Compreender esse processo torna-se crucial para identificar de forma mais assertiva como as ideologias influenciam na produção das notícias, na percepção do público e na construção da sociedade. Ou seja, como o jornalismo desempenha seu papel de formador de ideologias. Além disso, faz-se necessário compreender que o contexto da produção de comunicação está imerso em um ambiente onde as relações são construídas historicamente e há, sobretudo, uma preocupação em manter posições ideológicas dominantes.

Por fim, entendemos que esse trabalho nos dá pistas sobre como evoluir com as discussões sobre a análise do discurso, jornalismo e poder, além de indicar novos caminhos teóricos para ampliação desses estudos.

Os estudos de mídia ganharam destaque pela importância da comunicação e das mediações na construção social e demarcação da posição dos sujeitos que nelas se movimentam. A cultura que a mídia reproduz

fornece modelos de como ser e agir, onde as imagens e espetáculos nela veiculados ajudam a construir o cotidiano, padronizar comportamentos sociais

e forjar identidades. Estudá-la, então, passa a ser uma premissa para compreender processos e práticas sociais que urgem em nossa sociedade midiaticizada (KELLNER apud MESSA, 2006, p. 1)

Neste âmbito, nossos objetivos gerais são:

- Entender os discursos feministas são construídos no território discursivo do jornalismo, em especial do Jornal A Gazeta, no período entre 1986-2016;
- Compreender como se estabelecem as disputas de poder no jornalismo e por que esse território reproduz discursos que virão a ser legitimados na sociedade.

E os específicos:

- Compreender a história do movimento feminista, retratada no Jornal A Gazeta, identificando seus discursos, percursos e lutas;
- Identificar temas mais frequentemente associados a mulheres e às suas lutas;
- Mapear principais eixos de lutas das mulheres que foram mostrados nos jornais;
- Identificar principais personagens que compõem as narrativas sobre o feminismo;
- Analisar, sob a perspectiva teórica da Análise Crítica do Discurso, o conjunto de matérias do jornal A Gazeta, no período histórico entre os anos de 1986 e 2016.

Essa pesquisa tem como pano de fundo teórico-metodológico a hermenêutica de profundidade proposto por Thompson (2011) como possibilidade de investigação social<sup>7</sup>. Na hermenêutica de profundidade, a pesquisa busca compreender como as formas simbólicas são produzidas. Assim, essa compreensão é feita a partir de uma visão mais analítica e interpretativa do objeto, partindo de uma perspectiva macro, seguida de uma dimensão microsocial, lugar onde se dá a produção de sentido.

A proposta de Thompson é analisar o contexto sócio histórico e espaço temporal do fenômeno em questão, a fim de explorar análises discursivas, semióticas, etc. Nesta pesquisa, a análise de discurso foi o padrão formal escolhido para compreender o objeto. Por fim, espera-se com esse

---

<sup>7</sup> Essa escolha servirá como pano de fundo, sendo aplicada parcialmente a proposta de Thompson, analisando mais profundamente duas etapas propostas pelo autor. Além disso, outro autor será recorrido para realizar a análise do discurso – Norman Fairclough.

percurso teórico-metodológico uma reflexão filosófica e uma ferramenta metodológica que compreende situações sociais. O processo metodológico divide-se em cinco fases, com dimensões de análise distintas, porém complementares, que não necessariamente devem seguir a mesma ordem.

O ponto de partida da pesquisa social, nesse caso, é a interpretação da doxa, ou seja, a hermenêutica da vida cotidiana; a interpretação de como são elaborados conjuntos de juízos que supõem tratar-se de uma verdade óbvia, mas que para a filosofia é uma crença ingênua a ser superada para que o verdadeiro conhecimento apareça. Nessa fase, busca-se entender como os sujeitos entendem a realidade cotidiana. Ao analisarmos o jornalismo damos conta dessa etapa, uma vez que ele é permeado pela dimensão das faças cotidianas. O jornalismo lida com os juízos correntes e, desta forma, ele compõe e está imerso na hermenêutica, ao mesmo tempo que a institui. A segunda fase é a análise sócio histórica, em que são reconstruídas as condições sociais de produção do fenômeno, circulação e recepção das formas simbólicas. Ao analisar o jornalismo, nesse aspecto, devemos reconstruir o conjunto de regras que o constituem e o sustentam para identificar como as formas simbólicas são produzidas e como são recebidas na sociedade. Ainda nessa fase, precisamos conectar o conjunto de regras, relações e recursos situados dentro dos campos de interação (jornalismo e sociedade) e que recursivamente produzem discursos. A terceira fase é a análise discursiva em que serão estudadas as formas simbólicas na perspectiva da estrutura interna do discurso. A análise do discurso se relaciona fundamentalmente com as condições de produção do discurso e o contexto sócio histórico. A quarta fase, a de reinterpretação, é uma síntese que integra “o conteúdo das formas simbólicas à análise do contexto da sua produção. Trata-se de uma explicação interpretativa, plausível e vem fundamentada do fenômeno investigado” (VERONESE e GUARESHI, 2006, p. 89). A quinta e última fase se volta para uma interpretação crítica em que parte do pressuposto de que o sentido estabelece e sustenta relações de dominação. Nossa análise dos movimentos feministas no jornal A Gazeta vai utilizar essa fase principalmente para demonstrar aspectos ideológicos do discurso de maneira fundamentada.

Para tratar de questões sobre a relação entre poder e discurso, selecionamos Michel Foucault. Já para a Análise Crítica do Discurso dos textos sobre o movimento feminista no Jornal A Gazeta, valeremo-nos dos estudos organizados por Norman Fairclough.

Na perspectiva teórica deste trabalho, o discurso não pode ser dissociado das questões relacionadas a ideologia, uma vez que é uma prática social cristalizada ao mesmo tempo que modela uma visão de mundo (FIORIN, 1993). As ideologias, desde a organização do homem em sociedade, compreendem um mecanismo complexo de investimento de sentidos que delineia o que os membros de uma sociedade pensam e como devem pensar. Para que ideologias permaneçam como dominantes, mecanismos são usados para a perpetuação ou reprodução de condições materiais, ideológicas e políticas de exploração (FIORIN, 1993).

Na perspectiva da Análise Crítica do Discurso, a investigação parte do modo como o “abuso do poder social, a dominância e a desigualdade são postos em prática, e igualmente o modo como são reproduzidos e o modo como se lhes resiste, pelo texto e pela fala, no contexto social e político” (VAN DIJK, 2005, p. 19). A Análise Crítica do Discurso busca compreender de que modo as estruturas do discurso legitimam, confirmam, reproduzem, desafiam e põem em prática as relações de poder e de dominância na sociedade.

Van Dijk (2005) apresenta alguns dos principais postulados da Análise Crítica do Discurso, resumido por Fairclough, que nortearão esta pesquisa. A Análise Crítica do Discurso dedica-se aos problemas sociais, entendendo que as relações de poder são discursivas. Para além disso, pressupõe que o discurso constitui a sociedade e a cultura, tem um funcionamento ideológico, e é uma forma de ação social.

Neste trabalho, serão consideradas as diretrizes gerais sobre Análise Crítica do Discurso propostas por Norman Fairclough, indicadores das principais categorias colocadas em cena por essa perspectiva.

O primeiro passo para a análise é a definição de um projeto interdisciplinar, isto é, o discurso depende da prática social e para entendê-lo é preciso buscar suporte nas ciências humanas e sociais. Em seguida, analisar o corpus e, por fim, apresentá-lo.

Além de atuar nas agenda e estruturas de pensamento sobre questões do presente, o jornalismo se coloca momento como um importante repositório em que ficam armazenados dados que evidenciam os discursos por ele construídos e/ou disseminados sobre tudo o que ele trata em diferentes tempos históricos. Os jornais mais bem organizados mantêm coleções de todas as

edições veiculadas que falam a leitura que fizeram da vida e da história vivida pela sociedade. Com as tecnologias digitais, esses repositórios transitaram para bases digitalizadas o que lhes atribui nova configuração e performance, principalmente porque permitem explorar de maneira mais dinâmica uma base de dados maior. O jornal A Gazeta tem suas coleções digitalizadas, a que tivemos acesso e sobre as quais vamos explicar a seguir, mostrando como esse corpus de análise foi coletado e tratado.

O Jornal A Gazeta, objeto empírico da análise do discurso deste trabalho, conta com um repositório digital de matérias, com busca acessível ao banco de dados. Dentro da empresa dois *softwares* permitem acessar todo o material publicado, sejam textos ou imagens: o *Tark* e o *Shell*.

Nos dois programas é possível realizar buscas de reportagens em um dia, durante um período, ou ainda antes e depois de uma data escolhida. Os textos, imagens e anexos são colocados na íntegra, junto às informações sobre a editoria onde a matéria foi publicada, um pequeno resumo, número da edição do dia e a autoria do conteúdo.

O acesso a esse repositório nos dá condições de aproximação a um conjunto de dados cada vez maior e mais complexo, muito difíceis de serem obtidos sem o suporte de meios digitais. No entanto, embora a busca por essa base de dados seja realidade com o auxílio da tecnologia, a análise do discurso ainda é uma ação humana. Portanto, o desafio aqui foi transformar essa extensa base de dados do Jornal A Gazeta, que será categorizada pelos *softwares* em um objeto de análise a ser interpretado por nós.

O nosso trabalho será dividido em três capítulos, nos quais vamos discutir: 1. Mídia, poder e jornalismo; 2. Movimento Feminista, sua história e suas lutas; 3. Pesquisa Empírica.

O primeiro capítulo busca entrar na discussão sobre o jornalismo como um território, onde se estabelece um palco de disputas discursivas sobre as questões da sociedade. A proposta é também discutir as questões de poder e discurso no jornalismo, a fim de entender como o jornalismo contribui para a formação discursiva de sujeitos, como a notícia é construída para constituir o presente e a memória da sociedade e como representações sociais são construídas a partir daí. Para tanto, valemo-nos de conceitos de autores como Pierre Bourdieu, Michel



Foucault, Claude Raffestin, Marcos Aurélio Saquet, Miquel Rodrigo Alsina, Nelson Traquina, Adriano Duarte Rodrigues, Patrick Charaudeau, Norman Fairclough, entre outros.

No segundo capítulo nos aproximamos ainda mais do objeto empírico da pesquisa, fazendo uma pesquisa bibliográfica sobre o movimento feminista. Para entender a formação discursiva e todo o aparecimento do movimento feminista no jornal, descrevemos seu percurso histórico no Brasil e especificamente no Espírito Santo, além de traçarmos um panorama de como esse movimento se situa atualmente, identificando quais foram as principais lutas ao longo dos anos a fim de entender o seu discurso.

Já no terceiro capítulo, tratamos do objeto empírico da pesquisa, em que apresentamos os resultados da aplicação teórico-metodológica das coletas, mineração, visualização e análise dos dados. Propomos fazer uma discussão geral sobre o movimento feminista, sua trajetória histórica, a fim de relacionar com aquilo que for coletado das reportagens do Jornal A Gazeta. Além de realizarmos uma análise das publicações em que os movimentos feministas aparecem, levando em consideração as categorias propostas por Fairclough (2011).

## 2 MÍDIA, PODER E JORNALISMO

Nos estudos contemporâneos de comunicação, a mídia assume diferentes significações. Para alguns, ela é a condição da sociedade democrática, responsável por tornar visível o invisível e por desvelar as mazelas do mundo. Para outros, a mídia nada mais é do que um espelho deformante da realidade, o “espetáculo da democracia” [...] em que “os jogos de aparências se apresentam como informação objetiva, democracia, deliberação social, denúncia do mal e da mentira, explicação dos fatos e descoberta da verdade” (CHARAUDEAU, 2015, p. 29).

Ao falarmos de mídia, nos referimos ao conjunto de instituições responsáveis por mediar a comunicação humana, fazendo uso de um suporte tecnológico.

Concretamente, quando falamos da mídia estamos nos referindo ao conjunto das emissoras de rádio e de televisão (aberta e paga), de jornais e de revistas, do cinema e das outras diversas instituições que utilizam recursos tecnológicos na chamada comunicação de “massa” (LIMA, 2004, p.50)

Com a globalização e convergência tecnológica, essas instituições passaram a habitar outros territórios de informação, a usar outras tecnologias em prol dos seus objetivos. Entendemos também os meios de comunicação como sendo responsáveis por construir conhecimentos, agendar temas públicos e fornecer bases para que se possa entender sobre o mundo, a partir das suas visões apresentadas. A mídia não é vista como um mero suporte de informações, um simples meio. Aqui, vislumbramos que os conteúdos que circulam na mídia exercem efeitos cognitivos sobre seus públicos e, sobretudo, que a mídia constitui um poder.

Informar é o ato de transmitir um saber detido por alguém que o possui, com o suporte de alguma linguagem, para outra pessoa que não o possui, fazendo conseqüentemente que se passe de um “estado de ignorância a um estado de saber” (CHARAUDEAU, 2015, p. 33). Informar é enunciação, não existe fora da linguagem, nem mesmo em uma exterioridade humana, e depende do campo de conhecimento em que está inserida, do dispositivo onde aparece e da situação de enunciação em que acontece (CHARAUDEAU, 2015).

A mídia se apossa dos fenômenos sociais da informação e da comunicação para integrá-las às lógicas com a qual opera. Nas sociedades ocidentais, de tradição liberal ou neoliberal, a mídia atua predominantemente dentro de uma lógica econômica em geral na forma de negócios mantidos por entes privados, que colocam como prioridade o lucro, tratam as informações como

produtos e seus destinatários como consumidores<sup>8</sup>. Há também uma dinâmica determinada pela tecnologia, marcada pela preocupação de transmitir tecnicamente um maior número de informações com maior qualidade e menos ruído; e uma lógica simbólica, que serve à democracia e governa as demais lógicas. É a sua forma simbólica que vai nortear, inclusive, todo o trabalho dos atores responsáveis pela veiculação de informações na mídia, uma vez que é responsável por regular as trocas sociais e produzir sentidos, através da manipulação da linguagem (CHARAUDEAU, 2015).

Nesse sistema complexo, há uma variedade de linguagens que possuem papéis distintos. Enquanto uns se preocupam em entreter outros se preocupam em informar, como é o caso do cinema, da televisão ou do jornalismo. Ainda que mídia e jornalismo sejam diferentes estão intrinsecamente diferentes, visto que o jornalismo, que se diferencia dos outros processos de comunicação porque tem como função reunir, detectar, avaliar e difundir notícias, ou comentar fatos cotidianos (KUNCZIK, 2002). O jornalista é, então, a figura responsável por checar e transmitir informações sobre os fatos cotidianos. No entanto, como veremos adiante, esse trabalho de informar está inserido em um campo complexo, permeado de relações de poder.

O jornalismo pode apresentar diversas facetas e apontar para diferentes caminhos, no entanto, é inegável a sua capacidade de transmitir a informação de um para muitos. Seja com o objetivo de manipular os que recebem a mensagem, seja com o objetivo de transmitir um conhecimento desinteressado. E, como aponta Charaudeau (2015), isso acontece porque aquele que transmite a informação parte de um lugar legitimado, seja por posição social, pelo papel que o informador desempenha na situação de troca, seja pelo grau de engajamento que tem com a informação.

Em um longo período histórico, o jornalismo foi hegemônico nessa tarefa de transmitir informações em larga escala para um grande público. Na contemporaneidade, muitos colocam em cheque a hegemonia do jornalismo, tal como se configurava tradicionalmente, visto que a partir do acesso mais amplo à informação, sobretudo através da facilidade proporcionada pela internet no alcance de mais fontes de informação, os produtos jornalísticos tornaram-se questionáveis, fazendo jornalistas e jornais reduzirem seu prestígio. Embora essa mudança ocorra, vale destacar que muitas pessoas ainda consideram os meios de comunicação

---

<sup>8</sup> Tratamos aqui das sociedades que possuem tradição liberal ou neoliberal, mas entendemos que existem modelos em que a mídia é propriedade do Estado e há também modelos mistos, em que há uma parcela pertencente ao Estado e outra às empresas.

tradicionais como principais fontes de informação, o que não os deixa isentos das manipulações que possam ocorrer.

A questão que surge diante disso é: se o ato de informar pode ser realizado por todos, bastando possuir um saber, porque a informação é atribuída a um domínio exclusivo, nesse caso, as mídias e em particular o jornalismo. Por que o jornalismo é um enunciador autorizado na sociedade contemporânea e seu lugar de fala tem valor de verdade?

Antes de avançarmos, precisamos evidenciar que levamos em consideração o conceito de campo de Bourdieu (1997), sobretudo pela constatação de que o campo jornalístico exerce influência sobre outros campos de produção cultural. Partimos do conceito do autor de que o mundo é estruturado em campos que desenvolvem práticas específicas em que neles os indivíduos ocupam posições diversas, porque não dispõem do mesmo capital, seja ele simbólico, material, social ou cultural. Por esse motivo, haverá sempre dominantes e dominados e um espaço de disputa.

Outro conceito que vamos considerar para entender como o jornalismo pauta questões presentes no cotidiano é o de Heller (2016). Antes de abranger a questão discursiva, precisamos compreender os aspectos da vida cotidiana que influenciam e são acionadas pelo jornalismo. Heller define que “a vida cotidiana pertence a todo homem, que participa dela com todos os aspectos de sua individualidade e personalidade” (HELLER, 2016). Além disso, o homem, na cotidianidade, não tem tempo para refletir sobre todas as atividades que faz e, por isso, o cotidiano possui esse aspecto espontâneo e pragmático. Desde que nasce, o homem já está inserido na cotidianidade. Assim que este homem adquire todas as habilidades necessárias para viver em sociedade passa a ser adulto e responsável por suas próprias decisões. O cotidiano também é marcado pela heterogeneidade, principalmente no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de todos os tipos de atividade.

Nesse sentido acontece uma hierarquização das partes orgânicas da vida cotidiana, que são a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada e o intercâmbio e a purificação. A vida cotidiana é hierárquica, porque o grau de importância de cada parte orgânica depende do tempo histórico e da sociedade em que o homem está inserido. Em algumas sociedades, por exemplo, o lazer e o descanso são mais importantes

que a organização do trabalho e da vida privada. O cotidiano é o lugar onde a sociedade adquire existência concreta e lida com uma soma de insignificâncias que podem ser sistematizadas para gerarem sentido. É na arte e na ciência que o humano genérico consegue uma “suspensão” do cotidiano e permite fugir da cotidianidade para criar algo, que traga reflexividade e fuja da alienação, tão inerente ao cotidiano. Mesmo assim, até mesmo para o artista e cientista torna-se impossível suspender completamente a vida cotidiana (HELLER, 2016).

Os modos de ser do sujeito ordinário são uma condição de existência para o homem. É por isso que nesse modo de vida ordinário encontra-se a base de toda a Comunicação, visto que o sujeito tem suas relações mais corriqueiras e não sistematizadas quanto ao uso e consumo de referências sociais. A distância entre conhecimento científico e conhecimento do senso comum (cotidiano) começou na Modernidade quando se percebeu a necessidade de romper com as explicações que já existiam sobre o mundo. Em tempos pós-modernos, vimos um rompimento dessas grandes narrativas científicas que desconsideravam o conhecimento do cotidiano e que esvaziavam as práticas triviais. Assim, os estudos sobre o cotidiano têm a pretensão de entender e questionar os modos de organização das sociedades e de como a existência humana encontra-se implicada neste processo (JOSGRILLBERG, 2014).

Outra contribuição que também podemos usar para complementar o exposto anteriormente é a de Berger e Luckmann (2014) que definem a vida cotidiana como sendo uma realidade interpretada pelos homens e dotada de sentido, o mundo real. Na vida cotidiana, as atitudes do senso comum são interpretadas e dadas como certas pelo homem ordinário. Assim, há uma realidade objetivada, ou seja, a linguagem marca as coordenadas da vida em sociedade, desde os objetos que são usados até a maneira de se portar diante das situações (BERGER; LUCKMANN, 2014).

A vida social é sempre partilhada, marcada por interações face a face, em que o outro é plenamente real. No argumento desses autores, o conhecimento sobre o outro é mais real do que sobre si mesmo, já que para que possamos nos conhecer precisamos acessar nossas subjetividades e parar para refletir. Ou seja, no cotidiano é muito mais frequente termos mais a percepção do real em relação ao outro do que em relação a nós mesmos. O fato de viver o cotidiano implica sistemas tipificadores em relação ao outro, porque apreendemos a nossa vida cotidiana a partir do outro. Além disso, essa tipificação afeta diretamente a maneira como nos

relacionamos com ele e fica muito clara nas relações face a face: assim como temos uma percepção pré-construída sobre o outro, ele também terá sobre nós. E é nesse jogo de sentidos produzidos que se encontra a construção simbólica do discurso jornalístico.

A linguagem é originada da vida cotidiana, nas interações face a face. No entanto, a linguagem pode ser desvinculada, principalmente quando a usamos por meio de suportes tecnológicos. Atualmente, essa linguagem consegue promover interações que transcendem o tempo e o espaço. Além disso, ela nos força a nos encaixar em padrões. Um exemplo citado por Berger e Luckmann para lançar luz a essa constatação é que não usamos as mesmas regras de sintaxe alemã para falar inglês, tampouco falamos para nossa família da mesma maneira que falaríamos com colegas de trabalho. A linguagem nos dá a possibilidade contínua de objetificar nossas experiências e compartilhar a vida cotidiana.

Nesse sentido, o jornalismo pode ser considerado uma suspensão do cotidiano, uma vez que, embora lide com a vida comum, também intercede sobre ela com um saber-fazer que é muito próximo das ciências. O jornalismo possui práticas que se assemelham ao do fazer científico no sentido de que, assim como o cientista, o jornalista usa técnicas características das ciências para produzir as notícias e relatar os acontecimentos, gerando um valor de verdade. A maneira como o jornalista lida com as técnicas de reportagem, buscando rigor na apuração (dando importância a todos relatos que evidenciam os mais diversos lados, fazendo uso de dados existentes, a verificação *in loco*, etc.), selecionando os fatos que mais são relevantes para produzir seus conteúdos e a própria produção das notícias, configuram um processo que é quase científico. Além disso, os valores do jornalismo tais como a imparcialidade, a objetividade, a busca pela verdade, a precisão no relato dos fatos, a relevância, entre outros, também tentam aproximar ainda mais o campo jornalístico do científico.

Inserido nesse contexto, o jornalismo também atua para pautar o cotidiano, que já é marcado por ações espontâneas e pragmáticas. Isso faz com que os dispositivos acionados pelo jornalismo sejam relacionados sobretudo com as questões simbólicas, visto que são elas que irão nortear toda a ação cotidiana do homem, feita sem reflexão.

## 2.1 Mídia e Poder

As percepções experimentadas do mundo tornaram-se dependentes dos dispositivos midiáticos, muitas vezes complexos e permanentes e que marcam a vida cotidiana. Desde que as mídias surgiram, influenciaram diretamente no funcionamento das instituições e da vida privada, moldando as experiências coletivas e individuais (RODRIGUES, 1999). Exemplos de como podemos observar a onipresença da mídia na vida das pessoas são vistos desde quando as famílias organizavam jantares e saídas de acordo com o horário do telejornal ou das novelas, ou ainda quando governos tomam decisões e escolhem divulgar suas ações em horários de maior audiência na televisão. Com o passar dos anos e com os avanços tecnológicos, essa onipresença é ainda mais expressiva. Sobretudo em tempos de internet e a efervescência de dispositivos *mobile*, uma parcela significativa da população não consegue se “desligar” dos produtos de comunicação, passando a trocar mensagens em tempo real, acompanhando produtos midiáticos compulsivamente. As sociedades passaram a se organizar em torno do domínio da informação.

Antes de prosseguirmos, vale ressaltar que utilizaremos o conceito de “campos sociais” de RODRIGUES (1999, p. 18), como complementar ao conceito de campo de Bourdieu<sup>9</sup>, para buscar pistas para entender o campo do jornalismo. Segundo Rodrigues, um campo social é “o resultado ou o efeito de uma gênese, de um processo de autonomização bem-sucedido, graças à aquisição da capacidade de impor, com legitimidade, regras que devem ser respeitadas num determinado domínio da experiência” (RODRIGUES, 1999, p. 18). Tais campos sociais teriam legitimidade perante às instituições e à sociedade, além de serem publicamente reconhecidas e respeitadas.

Um outro conceito trazido por Rodrigues (1999) é o de “campo dos media”, um campo social que é dotado da capacidade de mobilizar os

indivíduos e o conjunto da sociedade em torno de valores comuns, contrariando a tendência fragmentadora da modernidade que a autonomização dos campos sociais implica. O campo dos media é, deste ponto de vista, um aliado poderoso da pretensão mobilizadora dos outros campos sociais. É que, não podendo já contar com os mecanismos de repressão física, em virtude dos ideais modernos de emancipação do sujeito, os campos sociais contam doravante com os mecanismos retóricos da linguagem para o convencimento

---

<sup>9</sup> O conceito de campo de Rodrigues (1999) traz similaridades com o conceito de Bourdieu, no entanto o conceito de Rodrigues traz mais proximidade com o campo do jornalismo e os estudos de mídia. São referências fundamentais para o entendimento de como funcionam as mídias.

e a mobilização em torno de valores e das regras que o campo dos media se encarrega de criar, promover e impor ao conjunto da sociedade (RODRIGUES, 1999, p. 25)

Ainda de acordo com Rodrigues (1999), o “campo dos media” utilizado por ele para definir domínios de experiências de comunicação, como a moda, a publicidade, as relações públicas e o jornalismo para explicá-los em relação a sua capacidade de mediação da experiência dos outros campos sociais. Entretanto, para o autor, não é todo o funcionamento desses domínios que pertencem ao campo dos media. Rodrigues explica que, por exemplo, “a administração de uma empresa jornalística, embora pertença obviamente ao setor jornalístico, não faz parte do campo dos media” (RODRIGUES, 1999, p. 26).

Nesse sentido, podemos classificar o jornalismo como um campo social que exerce funções dentro da sua competência de checagem e divulgação de informações para a sociedade. Segundo Rodrigues (1999), um campo social tem funções dentro do domínio que lhe é específico: uma função discursiva e outra função técnica. No jornalismo, podemos encontrar a função discursiva na sua capacidade de usar seu espaço legitimado na sociedade para enunciar seus princípios (objetividade, transparência, etc.), seus valores, suas regras que existem dentro da competência jornalística. Já a outra função, a técnica, consiste no exercício da competência do jornalismo para manter sua legitimidade – isso ocorre por exemplo quando os jornalistas continuam a veicular informações que prestam ao interesse social.

Para além disso, ao pensar no campo jornalístico, pode-se apontar os efeitos produzidos por ele aos destinatários dos discursos por ele disponibilizados. As mídias de massa tentam atingir um maior número de pessoas possível. No entanto, o público é formado por pessoas que estão inseridas em cenários sociais e econômicos diferenciados, que geram múltiplos processos de ressignificação dos conteúdos recebidos, ou seja, a informação pode não chegar da mesma forma a todos. É sabido que os receptores vão absorver o conteúdo da maneira que lhes convém, a partir de suas visões de mundo. Quando se escreve, quase nunca se sabe os efeitos provocados nos receptores. Há por muitas vezes uma distância entre o efeito produzido e o efeito esperado. É nesse ponto que o jornalismo vai tentar buscar atingir os destinatários emoções; essa pode ser uma explicação do porquê muitas vezes a informação é carregada de depoimentos pessoais, narrativas marcantes, histórias de vida, que fazem com que o leitor/ouvinte/telespectador consiga absorver melhor a mensagem de acordo com suas percepções pré-concebidas. Além disso, essas estratégias usadas podem gerar outros efeitos de sentido pelo jornalismo, tais como



o de proximidade, de verdade e de realidade sobre os assuntos pautados. É importante destacar que o ato de comunicar ou informar é uma escolha.

Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2015, p. 39)

Assim como Charaudeau, Bourdieu (1997) destaca que o grau de autonomia dos jornais, ao informar, depende das questões econômicas, principalmente da parcela da receita que vem de publicidade do Estado ou de empresas privadas. Quanto maior o valor recebido, menor é a autonomia para colocar-se como um contrapoder. Já o grau de autonomia do jornalista vai depender da posição em que ele ocupa na estrutura do veículo de informação (se é editor, repórter ou freelancer), da segurança em relação ao seu emprego e, por fim, da sua capacidade de produzir informações.

Os diferentes poderes agem não somente pela pressão econômica, mas também pelo que Bourdieu chama de “monopólio da informação legítima” (BOURDIEU, 1997). Tal pressão simbólica pode acontecer justamente porque esses poderes detêm as fontes oficiais, ou seja, dão credibilidade à informação perante o receptor. As autoridades de Estado também pressionam a imprensa com sua capacidade de definir a ordem do dia, com a convocação de entrevistas coletivas e as intervenções no cotidiano da sociedade.

O peso do campo econômico no jornalismo passa a ser maior que em outros campos.

O campo jornalístico é o lugar de oposição entre duas lógicas e dois princípios de legitimação: o reconhecimento pelos pares, concedido aos que reconhecem mais completamente os valores ou os princípios internos, e o reconhecimento pela maioria, materializado no número de receitas, de leitores, de ouvintes ou de espectadores, portanto, na cifra de venda e no lucro em dinheiro, sendo a sanção do plebiscito, nesse caso, inseparavelmente um veredito do mercado (BOURDIEU, 1997, p. 104)

Os jornalistas, para Bourdieu, são mais propensos a adotar o critério de audiência na produção de notícias, tornando os textos mais curtos, mais simples, quando ocupam posições mais elevadas na hierarquia da empresa jornalística. Enquanto os jornalistas mais jovens tendem a se opor a essa lógica comercial e preferem agir de acordo com os valores e princípios internos do jornalismo, buscando reconhecimento dos seus pares.

A busca pelo furo jornalístico também é apontada como parte da lógica mercadológica. Isso acontece porque os jornalistas trabalham com um produto perecível – as notícias. Quanto mais novas, mais inéditas e mais atraentes, essas notícias ganham prioridade em relação às demais. Em um palco de disputas discursivas, vence aquela que mais interessa ao mercado e a busca por clientela. No entanto, segundo aponta Bourdieu, a conquista do furo passa despercebida pelos leitores, que pouco se importam com isso, e valorizados pelos concorrentes, que buscam atingir o mesmo grau de novidade.

Para se manterem no mercado, as empresas jornalísticas monitoram as atividades dos concorrentes com o objetivo de encontrar os acertos e de uma certa forma repeti-los para sua audiência.

“Nesse domínio, como em outros, a concorrência, longe de ser automaticamente geradora de originalidade e de diversidade, tende muitas vezes a favorecer a uniformidade da oferta, da qual podemos facilmente nos convencer comparando os conteúdos dos grandes semanários ou das emissoras de rádio ou de televisão com a vasta audiência” (BOURDIEU, 1997, p.108).

Shudson (2011) aponta para as novas configurações do que tradicionalmente conhecemos como jornalismo. Observamos que há uma mudança significativa em relação ao que Bourdieu (1997) dizia sobre o jornalismo no passado, embora algumas características permanecem as mesmas. O jornalismo passou por transformações nos últimos anos que têm exigido novos entendimentos sobre o trabalho de jornalistas e o que configuram as notícias. Shudson (2011) sugere que cinco fronteiras que o jornalismo tinha definidas, claras e estáveis mudaram significativamente.

A primeira delas é a fronteira entre o leitor e o escritor. O surgimento dos blogs permitiu que pessoas que possuem conhecimento sobre determinada temática pudessem expressar suas opiniões e partilhar em um domínio próprio, não precisando para isso ir necessariamente a um jornalista para que a informação possa chegar a um número expressivo de pessoas. “Não importa o quão competentes são as pessoas numa redação, ou as suas fontes, a pessoa mais inteligente sempre será outra – e graças à Internet, essa pessoa pode já ter iniciado um blogue” (SHUDSON, 2011, p. 141).

Outra fronteira que não é mais definida com clareza é sobre o formato do gênero jornalístico; “a notícia de primeira página é apenas o primeiro nível”. Isso acontece porque *tweets*, textos em blogs, livros jornalísticos também podem informar sobre acontecimentos do cotidiano.

A terceira fronteira é a do profissional e do amador. Cada vez mais, um número significativo de amadores auxilia na construção do texto jornalístico – um exemplo é a participação de ouvintes/leitores/telespectadores como assistentes da produção jornalística, chamados por alguns veículos como “cidadão repórter”, entre outros. Já as duas últimas fronteiras são relacionadas aos aspectos econômicos e de negócios. Segundo Shudson, elas concernem na relação entre o jornalismo e seus modos de financiamento; e da relação entre redação e o setor financeiro. Essa lógica econômica das empresas jornalísticas influencia diretamente na produção dos conteúdos e de uma certa medida já acontecia antes e agora volta com mais força, sobretudo pela dificuldade que as empresas jornalísticas têm de manter o modelo de negócios que aos poucos se torna insustentável, vide o grande número de jornais que foram fechados ou disponibilizados apenas *online* nos últimos anos.

Na minha opinião, o melhor modelo é misto: um jornalismo parcialmente dependente do governo, e, portanto, orientado para a esfera política; parcialmente dependente do mercado, e portanto substancialmente ligado às preferências das audiências; e parcialmente ligado apenas a si próprio, aos valores e cultura distintos do jornalismo, e assim parcialmente isolado das exigências do Estado e do mercado (SHUDSON, 2011, p. 145)

Para Shudson, a produção jornalística está mais cooperante e competitiva, além da disseminação de notícias estar mais lateral e menos hierárquica, uma vez que as pessoas obtêm notícias sobre o mundo de diversas formas não somente através da figura do jornalista. A esses profissionais, muitas vezes, cabe a checagem das informações que circulam na internet, ao desmentir boatos, publicar análises, buscar conteúdos alternativos a partir de uma base de dados consistente, etc.

O jornalismo tornou-se um trabalho 24/7 (...) O que observa nos jornalistas hoje em dia, penso eu, não é um ritmo de trabalho alimentado pela paixão – embora seja assim que tudo começa –, mas um ritmo de trabalho alimentado pela cafeína. É um ritmo de trabalho sem pausas. É um ritmo que me faz lembrar Charlie Chaplin na linha de montagem (SHUDSON, 2011, p. 146)

Traquina (2005), ao tratar do jornalismo, apresenta a teoria interacionista que trata as notícias como o resultado de um processo que transforma os acontecimentos em produtos. Além disso, os jornalistas ainda atuam pressionados pelo tempo, porque sua matéria-prima (os

acontecimentos) pode surgir em qualquer lugar e qualquer momento, o que torna o trabalho ainda mais complexo. Para essa teoria, o acesso ao campo jornalístico é estruturado. No entanto, as fontes de informação não possuem acesso igual ao campo, tornando evidente o jogo de poder implícito na relação entre fonte/jornalista. Essa disparidade faz com que algumas fontes tenham mais divulgação que outras. Isso permite, por exemplo, que setores da sociedade com menor capacidade de acionar o campo jornalístico tenham dificuldade de tornar seus acontecimentos uma notícia.

Se pretendem jogar no tabuleiro do xadrez jornalístico, precisam ajustar o seu modo de interação organizacional aos modos das organizações estabelecidas. A cobertura do movimento social depende em parte da capacidade de criar um aparelho de publicitação e demonstrar a sua vontade de participar na teia de faticidade que sustenta o trabalho jornalístico (TRAQUINA, 2005, p. 198)

Glitin (apud TRAQUINA, 2005) afirma que o enquadramento do que vira ou não notícia é influenciado pelas pressuposições tradicionais do jornalismo de que as notícias envolvem acontecimentos e não as condições em que foram produzidos; as notícias privilegiam pessoas e não o grupo; as notícias destacam o conflito e não o consenso; as notícias privilegiam o fato que alimenta a estória e não o fato que a explica (TRAQUINA, 2005, p. 198).

A notícia é então um produto de negociações múltiplas e que legitima o *status quo*. De acordo com essa teoria interacionista, as notícias são um aliado das instituições legitimadas na sociedade, porque elas são as responsáveis por manter a ordem e os discursos que já estão postos na sociedade.

As notícias também criam uma espécie de agenda setting (MCCOMBS; SHAW, 1972), cuja definição se baseia na ideia de que os indivíduos no espaço público organizam seus comentários e suas conversas cotidianas a partir daquilo que consomem nas mídias.

“A mídia não deve ser caracterizada como a agenda da sociedade, mas um dispositivo cuja operação consiste em estabelecer relações de agendamento” (VAZ; ANTUNES, 2006, p. 49). Isso quer dizer que a mídia oferece diariamente à sociedade assuntos para a conversação social e dentro desse contexto o jornalismo se coloca como um dispositivo privilegiado de visibilidade dos discursos.

O agendamento vai conferir mais destaque a um assunto ou outro, mas também ampliar a visibilidade de acontecimentos selecionados previamente de acordo com seus critérios pré-estabelecidos. “A agenda midiática é sobretudo uma arena na qual se digladiam diferentes falas presentes no tecido social. Obviamente, tais falas podem ganhar visibilidade de diferentes maneiras” (VAZ; ANTUNES, 2006, p. 49).

No entanto, independentemente de o assunto exposto na mídia gerar uma agenda para a sociedade, a mídia ao selecionar os acontecimentos que deseja dar destaque cria um amplo registro de tudo o que decidiu documentar. Isso mostra aos pesquisadores o rastro deixado pelos veículos de comunicação e as narrativas criadas, sobretudo para que possa entender a partir deles qual o discurso presente na mídia, que questões da sociedade preocupam o jornal a partir das marcas discursivas deixadas nessas notícias.

### **2.1.1 Jornalismo e Territorialidades**

O campo do jornalismo, sua linguagem, códigos, meios e modos de produção, é formado por territórios que são frutos de uma construção histórica, social e sempre vinculados a processos de apropriação e dominação de um espaço e de pessoas. Nesse sentido, trabalhamos com a definição de território como instrumento que os homens, as sociedades e as comunidades tomam posse do mundo, realizando transformações ou estragos. Os conceitos de territorialidade, território e espaço podem ser apropriados para lançar luz às questões territoriais políticas, econômicas, informacionais, etc. Na definição de Raffestin (1993), o território não pode ser considerado redutor, obsoleto ou mistificador, é resultado de um processo de produção.

Os territórios que compõem a Comunicação são vistos, portanto, como os instrumentos que os homens, comunidades e sociedades usam para tomar posse do mundo e realizar transformações. As experiências comunicacionais, aquelas que são produzidas nesses territórios, permitem que seja ampliada a compreensão do objeto em questão. Essas experiências são chamadas de territorialidades.

A territorialidade, como define Saquet, é a apropriação social de um espaço, partindo das relações sociais, de regras e normas, das condições naturais, de trabalho, das técnicas e

tecnologias, das redes e dos conflitos que envolvem diferenças e desigualdades. Podemos identificar essa apropriação social do espaço da mídia, que apresenta relações sociais, tanto de jornalistas, quanto dos leitores; desvela suas regras, normas na produção diária de notícias e informação para a sociedade; além de fazer uso de técnicas e tecnologias a todo o momento para acompanhar modos de produção cada vez mais instáveis e passivos de mudanças.

“Territorialidade é definida com a tentativa, por indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica” (SACK, 2013, p.76). No caso do jornalismo, por exemplo, percebemos o uso da informação como um meio que os segmentos dominantes usam para afetar, influenciar ou controlar a sociedade, de forma que as relações de exploração sejam mantidas, alimentando todo um sistema.

O poder mostra-se presente nessa relação. É como a máxima apontada por Raffestin, que diz que o poder está implícito em todas as relações sociais, ou seja, se há uma relação estabelecida entre dois atores há poder de um sobre o outro. Sendo assim, a territorialidade também é permeada pelo poder.

Sack (2013) foi um outro autor que, da mesma maneira que Raffestin, enxergou essa relação e pontuou que “a territorialidade é uma poderosa estratégia geográfica para controlar pessoas e coisas por meio do controle de área” (SACK, 2013, p. 63). Além disso, essa experiência no território é usada nos relacionamentos cotidianos e em organizações complexas; e é o meio que espaço e sociedade estão inter-relacionados.

Entendendo esses conceitos, passamos a observar que nos discursos produzidos pela mídia sobre diversos assuntos existe a presença de relações de poder, marcadas pelo uso de símbolos que reforçam uma mesma estrutura dominante.

## **2.2 Discurso e Narrativa no Jornalismo**

Como exposto anteriormente, uma das categorias centrais dessa pesquisa é o discurso. Partimos do aporte teórico fornecido pelos estudos de Foucault, sobretudo, os que trazem a percepção de

que em toda a sociedade a produção de discursos é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por alguns procedimentos que têm o objetivo de dominar o acontecimento aleatório. Para Foucault (2007), o discurso é “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2009, p.133).

O discurso é entendido aqui como o resultado expressado em signos de um jogo de escrita, leitura e troca a partir de um acontecimento. No entanto, sabemos que um discurso é produzido sob condições históricas e possuem regras pré-estabelecidas nas sociedades. As instituições, tais como o Estado, a escola, a família, a Igreja, etc., seriam então as responsáveis por ditar essa ordem do discurso a partir das regras de controle introjetadas para consolidar suas leis.

O discurso nada mais é do que uma reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência em si (FOUCAULT, 2007, p. 49).

Também partimos da perspectiva de Charaudeau (2015) de que nas sociedades ocidentais contemporâneas a informação e a comunicação são as responsáveis por ditar a ordem do discurso<sup>10</sup>. Segundo o autor, a instituição da mídia faz uso do seu poder de informar e comunicar para de certa medida influenciar na maneira como os indivíduos vão regular suas trocas sociais, suas representações, seus valores e produzir sentidos, reproduzindo velhos discursos ou os reinventando, ou ainda criando.

Para Charaudeau, as mídias tratam-se de uma máquina de informar. Isso porque há um conjunto de atores e engrenagens que fazem o negócio funcionar, cada um submetido às suas regras de funcionamento, cada um responsável por um aspecto do processo. Embora o jornalista esteja na origem da informação ou ainda seja ele que mostre o rosto para a notícia ele não é o único responsável pelo conteúdo apresentado. A máquina de informar midiática é humana, apesar de ser uma máquina, porque quem a opera tem intencionalidade e produz sentidos.

---

<sup>10</sup> Sabemos que existem em outros modelos de sociedade outras formas que “ditam” a ordem do discurso na contemporaneidade. No entanto, neste trabalho, focaremos nas discussões acerca das sociedades capitalistas ocidentais, no qual está inserido nosso objeto de análise.

Outro ponto de vista levantado é o de Fairclough (2001) que diz que o discurso é adaptado e circunscrito pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis. O autor aponta ainda que uma série de elementos como a classe e outras relações sociais, as relações entre instituições, as normas e convenções moldam e restringem os discursos. O discurso também é responsável por constituir todas as dimensões da estrutura social. Isso significa que ao mesmo tempo em que ele é restringido pelas normas de funcionamento da sociedade, ele também as restringe.

Fairclough (2001) afirma que o discurso é uma prática de significação do mundo, que constitui e constrói o mundo em significado. O discurso tem ainda três aspectos de efeitos construtivos. São eles: a construção de identidades sociais para os sujeitos sociais; a construção das relações sociais entre as pessoas e a construção de sistemas de conhecimento e crença. Nesse sentido, podemos encontrar no discurso jornalístico todos esses efeitos construtivos, uma vez que colabora para a construção das identidades sociais, estabelecem relações sociais e constroem sistemas de conhecimento e crença.

No jornalismo é onde se evidenciam as marcas discursivas que colaboram para a construção de ideologias que perpassam o tecido social. Mesmo com a mudança na forma como a sociedade se organiza, o jornalismo continua tendo um papel central na visibilidade e no apagamento de discursos.

### **2.2.1 Acontecimento**

Pensando na regra do discurso jornalístico de que a opinião é livre, mas os fatos são soberanos, Rodrigues (1999) define o acontecimento como o ponto zero da significação, é o referente daquilo que se fala. O acontecimento é o que vai romper a linearidade de uma história e em uma escala de probabilidade de ocorrer será mais imprevisível quanto menos provável for. O jornalismo se preocupa em noticiar acontecimentos dos mais imprevisíveis possível e por esse motivo se mostra atento à natureza especial do fato.

Esses acontecimentos marcados pela falha, inversão ou excesso da ordem cotidiana das coisas não são os únicos que recebem atenção dentro do discurso jornalístico. Rodrigues (1999) aponta



os meta-acontecimentos como uma categoria dentro dos acontecimentos notáveis a partir do momento que recebem visibilidade. Os meta-acontecimentos só existem porque há o discurso jornalístico e porque são provocados por ele. Um exemplo disso ocorre quando manifestantes decidem fechar uma rodovia apenas quando os jornalistas estão presentes. “O meta-acontecimento não é, por isso, regido pelas regras do mundo natural dos acidentes da natureza que atingem os físicos cósmicos [...] É regido pelas regras do mundo simbólico, o mundo da enunciação” (RODRIGUES, 1991, p. 30). Por esse motivo, são considerados acontecimentos discursivos, porque só existem dentro do discurso jornalístico e midiático.

No discurso jornalístico, costuma-se distinguir os fatos das opiniões pessoais. No entanto, para preservar o profissionalismo, os jornalistas buscam entrevistados que digam aquilo que ele mesmo gostaria de dizer. Assim, o discurso subjetivo entra em ação, deixando de lado apenas a publicação de um fato. No jornalismo, a veracidade de um fato se dá pela confiança no que a testemunha diz e não somente pela observação e verificação direta.

Quando vemos um telejornal ou folheamos as páginas de um quotidiano partimos habitualmente do pressuposto de que o jornalista é digno de confiança e nos relata aquilo que efetivamente aconteceu, fazemos fé na credibilidade da sua palavra, confiamos na fiabilidade das imagens do acontecimento. Raramente nos encontramos na situação de podermos verificar in loco a veracidade dos factos relatados (RODRIGUES, 1999, p. 32).

Outra contribuição sobre como o acontecimento está presente nas narrativas do jornalismo é a de Charaudeau (20015) que aponta que o acontecimento sofre transformações desde que surge para ser informado. Ele é construído no momento em que o jornalista percebe diretamente a informação ou ainda quando é relatado por testemunhas, agências de imprensa e documentos. Até chegar ao cidadão/receptor, o acontecimento passa ainda por uma série de filtros que vão construir sentidos e gerar outras significações quando for recebido pelo público. As instâncias de recepção são variadas, fragmentadas e ao mesmo tempo coletivas e, por isso, é difícil prever como os acontecimentos vão ser absorvidos após serem transformados em linguagem.

Motta (2004) diz que o jornalismo é uma atividade de reprodução. Isso porque “representa a vida, as ações dos homens, dos bons e maus homens, relata os dramas, as tragédias, as sagas e as epopeias contemporâneas” (MOTTA, 2004, p. 15). As notícias contam histórias de uma cultura e buscam relatar através de sua narrativa de acontecimentos a maneira como um povo se comportou ou fez em determinada época. No jornalismo, tal como nas narrativas literárias,

também encontramos tragédias, comédias, representação de dores, relatos de felicidade, entre outras histórias que habitam o cotidiano da sociedade.

Para narrar os fatos e torná-los acontecimentos dotados de relevância, o jornalismo recorre a algumas ferramentas para conseguir, além de tudo, fazer a informação chegar ao destinatário. Sua comunicação é (ou deveria ser) totalmente voltada para o seu alvo, fazendo uso de técnicas para persuadir e seduzir a audiência. Além disso, tenta comprovar aquilo que diz com provas para apontar seu valor de verdade, isso acontece quando os noticiários levam especialistas para tratar de um assunto, reforçam o que já é dito pelo jornalista a partir de uma testemunha ou até mesmo enriquecem o material com imagens que ilustram os fatos citados. Por fim, na narrativa do jornalismo, também tenta de certo modo ensinar seus destinatários. “Assim como a arte, o jornalismo constrói-se sobre as ambiguidades, os dilemas e contradições do mundo da vida. Mas, como o teatro, não apresenta soluções nem promessas de resolver os dilemas. Deixa isto para a religião, a política, as ideologias” (MOTTA, 2004, p. 16).

### **2.3 O Jornalismo e a Instituição do Presente e da Memória**

As notícias, produto do jornalismo, são construídas a partir de um mundo filtrado. Não há realidade que não passe por algum filtro de um ponto de vista particular. Sempre que vamos descrever uma realidade empírica estamos lidando com uma realidade construída e não com a realidade em si mesma. “Defender a ideia de que existe uma realidade ontológica oculta que, para desvelá-la, é necessário fazer explodir falsas aparências, seria reviver um positivismo de má qualidade” (CHARAUDEAU, 2015, p. 131).

A notícia, segundo a definição proposta por Rodrigo (2009), é uma “representação social da realidade cotidiana, produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (RODRIGO, 2009, p. 299). Essa representação social é entendida como um instrumento que as pessoas usam para apreender a realidade ao seu redor e que apesar da sua continuidade histórica pode mudar de acordo com as circunstâncias.

O discurso midiático não está coberto por um espaço social mascarado ou deformado. O espaço social é uma realidade empírica heterogênea que vai depender do olhar lançado a ela para

possuir significações, assumindo posições distintas quando os atores sociais mudam. Para que o acontecimento exista, ele precisa ser nomeado e só conquista significado quando está em discurso. É do acontecimento que surge a notícia, conjunto de informações que tem um caráter de novidade determinada por uma fonte que se relaciona com um mesmo espaço temático (CHARAUDEAU, 2015).

Segundo Lowenthal (1998) reconhecemos o passado através dos vestígios deixados por ele ou das narrativas que foram criadas a partir dos acontecimentos.

Lembranças não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores e em códigos que são constantemente alterados, em ações e percepções posteriores e em códigos que são constantemente alterados, através dos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta. (LOWENTHAL, 1998, p. 103)

A partir do surgimento das tecnologias como a fotografia e a imprensa, aumentou-se a capacidade de se conhecer o passado. Apesar disso, é preciso lembrar que essa constituição da memória de uma sociedade a partir da imprensa trata-se de um mundo filtrado que surge de um processo complexo, que envolve inúmeros atores e interesses múltiplos até se configurar como uma narrativa daquele presente.

Os acontecimentos destacados pelo jornalismo oferecem uma leitura do imaginário de uma sociedade. Tais acontecimentos representam para a sociedade tanto uma memória quanto um mito. Segundo Motta (2004), os acontecimentos jornalísticos levados ao jornalismo diariamente são pontuais, mas para os leitores acabam sendo encarados como uma história, adquirindo um aspecto narrativo. Percebemos isso quando lemos as notícias e tentamos acompanhar seus desfechos. Para satisfazer esse desejo dos leitores de continuarem atentos a essa história são criadas diversas suítes para um mesmo acontecimento. Todos os dias que abrimos os jornais, vemos algum noticiário da televisão ou acessamos portais de notícias online nos deparamos com esse tipo de narrativa.

Somos induzidos a pensar que os incidentes narrados precisam adquirir na mente do leitor ou ouvinte um encaixe de sequências encadeadas e compreensíveis. A determinação do receptor é construir significados integrais [...] porque são histórias, os leitores estão sempre procurando o começo, o desenvolvimento e o desfecho dos acontecimentos. Assim, as fragmentadas

notícias do dia a dia conformam naturalmente integralidades difusas, acontecimentos unitários significativos. As notícias de cada dia podem prolongar a conformação do enredo e retardar o desenlace do acontecimento, como ocorre nos contos e romances. Mas, a busca do leitor é sempre por sentidos unitários, por conexões compreensivas. (MOTTA, 2004, p. 18)

Ainda segundo Motta (2004), as notícias podem ser compreendidas como pequenos episódios que são inacabados, mas que gradualmente são refigurados na imaginação dos destinatários, que criam conexões e geram outras significações sobre ela. “Gradualmente o leitor vai preenchendo imaginativamente as lacunas, construindo conexões, recompondo a narrativa e fazendo a fusão de horizontes” (MOTTA, 2004, p. 19).

O que vai permitir a história seguir para quem recebe a história são os fatores redundantes trazidos pela mídia, como a continuidade temática, o cenário, os personagens, etc. “Os fragmentos trazidos pelo leitor são a intertextualidade, a acoplagem estrutural de ficções entrelaçadas” (MOTTA, 2004, p. 19).

Para que as notícias sejam notícias e sejam capazes de marcar o presente e no futuro se configurarem como memória de uma sociedade, os acontecimentos são selecionados de tal modo a atenderem tanto ao interesse de quem os escreve como de quem o vai ler no futuro. Com a possibilidade de acesso mais amplo a tecnologias que permitem agrupar os conteúdos publicados por um noticiário, criando um vasto repositório de notícias, será possível encontrar caminhos para analisar com mais precisão quais discursos são presentes ao longo de um largo período histórico sobre determinada temática no jornalismo. É esse desafio, inclusive, que moldará esta pesquisa nos próximos capítulos.

## **2. 4 O Jornalismo de A Gazeta**

O jornal A Gazeta, objeto da nossa pesquisa, faz parte da Rede Gazeta, uma empresa de comunicação com gestão familiar, que começou com o Jornal A Gazeta como produto e hoje conta com outros 17 negócios na área de comunicação.

A Gazeta foi fundada em 1928 e desde então circula diariamente em todo o Espírito Santo. O jornal promete levar “conteúdo editorial de qualidade, notícias locais e do mundo. Tudo para o leitor ficar sempre bem informado, a qualquer hora e lugar”<sup>11</sup>.

Segundo informações do IVC (Instituto Verificador de Comunicação), A Gazeta é o impresso que mais possui assinantes na versão impressa e digital no Espírito Santo. Além disso, a maior parte dos seus leitores pertencem à classe AB (49%) e possuem ensino médio completo ou superior incompleto (44%). Em relação à faixa etária dos leitores, 33% tem entre 20 e 29 anos, 26% entre 30 e 39 anos, 22% entre 40 e 59 anos, 13% entre 10 e 19 anos, e 6% são maiores de 60 anos<sup>12</sup>.

A Gazeta tem uma linha editorial voltada para a cobertura de assuntos cotidianos, além de investir opinião sobre os temas e investigações com profundidade. Atualmente, o jornal possui as editorias Mundo, Cidades, Economia, Vida, Esportes, Opinião, Política, Caderno 2, Pensar e Prazer&Cia, e os suplementos Imóveis, Motor e Revista AG.

De acordo com um relatório publicado pela Rede Gazeta em 2016, o investimento publicitário de governos e prefeituras nos veículos de comunicação do grupo correspondeu a 13% de todo o faturamento, sendo o restante (87%) do setor privado<sup>13</sup>.

O jornal dedica-se mais a notícias locais e regionais, embora publique textos sobre assuntos nacionais e globais, principalmente aqueles que afetam o cotidiano dos capixabas.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.redegazeta.com.br/veiculos-e-negocios/a-gazeta/>>

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://papodemidia.gazetaonline.com.br/a-gazeta/sobre/>>

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.redegazeta.com.br/wp-content/uploads/2015/04/RELATORIO-2016-FINALIZADO-EM-0108.pdf>>

### **3 O MOVIMENTO FEMINISTA - UMA HISTÓRIA DE LUTAS E DISPUTAS**

Para compreender como o feminismo foi estruturado na história ocidental, precisamos conhecer e situar o percurso das mulheres na história. Durante muito tempo, a mulher foi uma figura ausente nos estudos da História. Para HAHNER (1981), essa ausência pode ser explicada porque eram os homens que escreviam os registros das ocorrências do passado e, como estavam na posição de transmissores da cultura na sociedade, não julgavam importante o papel da mulher. Embora existam registros de que durante o processo histórico diversas vozes femininas foram aparecendo, estas ficam silenciadas e apagadas nos discursos sobre a história do mundo, uma vez que não se reuniram em um movimento estruturado como acontece a partir do surgimento do movimento feminista.

Afinal, sem a mulher, a história, como tem sido escrita em seu sentido mais amplo, fica incompleta e, inevitavelmente incorreta. A mulher é essencial para o alcance de uma visão equilibrada e multidimensional da realidade, passada e presente (HANHER, 1981, p. 13)

Na Grécia Antiga, por exemplo, ALVES e PITANGUY (1982) apontam que a mulher ocupava uma posição equivalente à do escravo, porque assim como as pessoas sem liberdade, elas não possuíam direito ao voto e por isso não eram consideradas nem mesmo cidadãs. A figura da mulher era vista como a de reprodutora da espécie humana, sendo a responsável por amamentar e criar os filhos. Além disso, “produzia tudo aquilo que era diretamente ligado à subsistência do homem: fiação, tecelagem, alimentação. Exercia também trabalhos pesados como a extração de minerais e o trabalho agrícola” (ALVES E PITANGUY, 1982, p. 12). Enquanto isso, os homens gregos exerciam atividades fora do ambiente privado doméstico e desenvolviam atividades que eram consideradas nobres como a filosofia, a política e as artes, que eram campos sumamente masculinos. Essa postura a respeito da figura da mulher se repetiu em outros séculos e há resquícios dessa representação até os dias atuais. Em outros períodos históricos, o afastamento da mulher do ambiente doméstico estava ligado ao afastamento do homem por motivos de guerra. Era quando as mulheres podiam conquistar outros espaços. Em todos esses séculos, contudo, algumas mulheres rompiam com esses paradigmas, mas estas não são tão conhecidas pela falta dos registros.

Uma explicação possível para isso é o que aponta HANHER (1981): o silenciamento que faz com que a mulher esteja à margem do desenvolvimento histórico. As mulheres foram ignoradas

pelos historiadores, além do pouco espaço por elas ocupados nas estruturas de poder. Mas, com o passar dos anos, os historiadores passaram a debruçar seus interesses de estudo sobre os grupos considerados insignificantes nesse processo, sendo um deles o grupo das mulheres. A partir disso, o desenvolvimento da história da mulher foi provocado pelo interesse pela vida privada, da família e do cotidiano.

Segundo HAHNER (1981), há dificuldades em se reconstruir o passado do ponto de vista das mulheres, que estão em diferentes classes e camadas sociais. “Devemos recusar a aplicação, à mulher, de critérios explicitamente masculinos, pois, quando se empregam tais critérios no exame do passado, a mulher desaparece em grande parte, da história” (HAHNER, 1981, p. 16). Apesar de serem postas como minorias, as mulheres compõem geralmente a maioria da população. Em alguns casos, como as membras de famílias poderosas, elas estavam mais próximas do poder do que muitos homens. Segundo HAHNER (1981), enquanto algumas mulheres eram exploradas na realização de seus trabalhos, outras estavam entre aqueles que exploravam. Diferente de outras minorias, que estão sempre à margem da sociedade, as mulheres encontram-se distribuídas em todos os grupos e classes sociais, e ainda colaborando com a manutenção de muitas estruturas de poder pelo mundo, mesmo que seja excluída das maiores posições de poder.

HANHER (1981) sugere, então, que a história da mulher seja vista não sob a perspectiva de uma história de protesto ou de figuras célebres, nem somente sobre as imagens de mulheres ou mesmo o papel sexual que desempenharam na história. Para a historiadora, é preciso investigar as experiências de vida das mulheres, suas atividades cotidianas, seus problemas, seus modos de ver o mundo e seus valores.

O feminismo surge, então, segundo HANHER (1981), para discutir e conquistar a emancipação feminina e dar à mulher espaço de destaque na sociedade nos aspectos políticos, econômicos e sociais. Para além da luta por direitos iguais, o feminismo tem a ver com a maneira que a mulher é percebida e qual a sua posição dentro da sociedade. “O objetivo do feminismo é uma sociedade sem hierarquia de gênero, uma sociedade na qual o gênero não seja utilizado para conceder privilégios ou legitimar opressão” (ALVES e PITANGUY, 1982, p. 9).

Em que pese o avanço que se pode inferir com o surgimento das lutas feministas, não se pode assegurar que haja se trate de um movimento unitário. No feminismo contemporâneo, há a presença de múltiplos discursos e diversas tendências. As primeiras manifestações de um movimento feminista têm a marca do feminismo branco, intelectual e de classe média, o que por muitas vezes excluiu as mulheres que estavam fora desses padrões. Percebe-se que dentro do próprio movimento é possível identificar minorias que têm seus discursos suprimidos por um discurso hegemônico (RIBEIRO, 2016).

### **3.1 Feminismos**

O feminismo não conta com uma definição unitária, uma vez que se trata de um movimento complexo, diversificado, com diversas raízes, construído no cotidiano e não tem um ponto de chegada determinado previamente. O feminismo, por ser caracterizado como um processo de transformação, emerge com contradições avanços e recuos. Por esse motivo, neste trabalho, usamos a designação feminismo, mas estamos tratando de “feminismos”, uma vez que são muitas vertentes dentro desse movimento.

Como afirma ALVES e PITANGUY (1982), o feminismo é marcado por se organizar de forma descentralizada e recusar um direcionamento único, imposto a todas as militantes. Assim, é caracterizado pela auto-organização das mulheres em frentes múltiplas, em que podem expressar as próprias experiências. “Os pontos de vista e as iniciativas são válidos não porque se originem de uma ordenação central, detentora de um monopólio da verdade, mas porque são fruto da prática, do conhecimento e da experiência específica e comum das mulheres” (ALVES e PITANGUY, 1982, p. 9).

O movimento das mulheres surgiu em um período histórico em que outros movimentos de libertação foram aparecendo. Entre eles, o movimento negro, dos homossexuais e das minorias étnicas. Sendo assim, junto com esses outros movimentos de minorias, as mulheres buscavam a superação da desigualdade em que viviam com relação aos homens.

O feminismo rompe com as relações de poder, com os modelos políticos tradicionais que atribuem neutralidade ao espaço individual. Isso quer dizer que o feminismo mostra que o sexo



também é político. O movimento feminista parte do pressuposto de que política é intrínseca a todas as relações humanas e sociais, não somente presente na esfera pública.

Um outro ponto tocado pelo feminismo, que é consenso em todas as suas vertentes, é o rompimento com a hierarquização das relações sociais entre homens e mulheres, que colocam em evidência a assimetria e o autoritarismo.

Esse reducionismo biológico camufla as raízes da opressão da mulher, que é fruto na verdade de relações sociais, e não de uma natureza imutável. O novo debate feminista demonstra que a hierarquia sexual não é uma fatalidade biológica e sim o fruto de um processo histórico e, como tal, pode ser combatida e superada. Sendo História, e não natureza, é passível de transformação (ALVES e PITANGUY, 1982, p. 56)

Embora o feminismo tenha um aspecto descentralizador, porém organizado e visível na sociedade, ele também age na esfera doméstica, território onde a militante busca recriar as relações interpessoais em uma perspectiva em que a mulher não seja desvalorizada.

O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades femininas ou masculinas sejam atributos do ser humano em sua globalidade. [...] que as diferenças entre os sexos não se traduzam em relações de poder que permeiam a vida de homens e mulheres em todas as suas dimensões: trabalho, na participação política, na esfera famílias, etc... (ALVES e PITANGUY, 1982, p. 9)

A presença da mulher na história é silenciosa e ausente. Isso também contribui para o apagamento da própria mulher, que cresceu achando natural essa forma de discriminação. É difícil para a mulher romper com a imagem já previamente definida pela sociedade sobre o que é ser mulher. Desde o nascimento, a mulher carrega uma série de expectativas sobre como ela deve ser e agir dentro da sociedade. Nesse sentido, a própria mulher interpreta como natural a condição de subordinada. Ela passa a se ver através do olhar masculino, reproduzindo os preconceitos e a discriminação que já sofre.

### 3.1.2 Correntes do feminismo

As frentes de luta do feminismo variaram de acordo com momento histórico e as condições sociais, econômicas e culturais do país em que estão inseridas. O que resulta num movimento com múltiplas vertentes e formas de organização.

O feminismo é heterogêneo, composto por diversas correntes e diferentes tipos de pauta. Segundo NOBREGA (2015), o pensamento feminista é formado por variadas correntes que têm diferenças nas suas percepções sobre as causas das opressões contra as mulheres e a forma de se combater esse problema. Com o objetivo de entender essas diferenças básicas, NOBREGA (2015) especificou três correntes que são base para uma série de outras dentro do feminismo: o radical, o liberal e o marxista.

O feminismo começou a se delinear como movimento influenciado pelos ideais da Revolução Francesa, fundamentada pelas iluministas. Embora o iluminismo pregasse a igualdade e liberdade das pessoas, as mulheres não estavam contempladas nessa pauta. Elas ainda eram privadas do poder de decisão sobre os rumos da sociedade e, em muitos casos, sobre os rumos das suas próprias vidas. Diante disso, a francesa Olympe de Gournay escreveu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, como forma de rebater o documento célebre da Revolução Francesa, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

No novo documento, proclamava que as mulheres também possuíam direitos inalienáveis, tais como a liberdade, a propriedade e o direito à resistência contra a opressão. Se as mulheres podem subir ao cadafalso e ser punidas por suas condutas e opiniões, também podem subir na tribuna e participar das decisões políticas. Por esses motivos, e por ser uma crítica ferrenha dos procedimentos jacobinos, como o uso disseminado da pena de morte, uma de nossas pioneiras foi condenada e morta na guilhotina (NOBREGA, 2015).

Mary Wollstonecraft foi outra mulher que ainda no século XVII já militava sobre a concessão de direitos iguais. Em “Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher”, livro escrito em 1792, Wollstonecraft defendeu que a desigualdade na formação das mulheres impedia que elas desenvolvessem capacidades para competir por espaços com os homens.

Segundo NOBREGA (2015), esse momento histórico foi marcado pelo que se definiu posteriormente como feminismo liberal. Essa corrente colocava em pauta a inclusão das mulheres na nova ordem criada após a propagação das ideias iluministas.

Negavam a existência de uma natureza que definiria a capacidade dos sexos e acreditavam que as diferenças entre homens e mulheres eram fruto da falta de educação igualitária e de direitos civis e políticos. O capitalismo, dessa forma, apenas precisaria ser aperfeiçoado com algumas reformas que beneficiariam as mulheres, como educação igualitária e inserção na vida pública, política. Com o fim da discriminação e a mudança de mentalidades as mulheres finalmente alcançariam a sua emancipação (NOBREGA, 2015).

O passar dos anos e o desenvolvimento do capitalismo fez surgir uma nova corrente – o feminismo marxista. Isso aconteceu porque novos problemas passaram a surgir na sociedade pós Revolução Industrial principalmente para o proletariado, que sofre as desvantagens de uma sociedade capitalista. Se as mulheres da burguesia e da nobreza já sofriam com a falta de direitos políticos e civis básicos, as mulheres da classe trabalhadora ainda somavam a pobreza e as cargas horárias de trabalho degradantes (seja o trabalho na fábrica ou em casa). A corrente marxista do feminismo surge com a propagação das ideias de Karl Marx. Segundo essa corrente, a desigualdade entre homens e mulheres tem origem no mundo do trabalho e na organização da economia. “Sendo assim, a libertação das mulheres se daria com a abolição da propriedade privada e com a transformação da divisão sexual do trabalho” (NOBREGA, 2015).

É na década de 1970 que surge uma outra corrente feminista, a radical. No feminismo radical, a percepção é de que o patriarcado seja a origem da opressão sofrida pelas mulheres.

O feminismo radical ganha relevância em torno dos anos 1970. Sua nomenclatura não denota alguma espécie particular de extremismo, mas tem razão de ser porque as fundadoras de tal vertente acreditaram encontrar a “raiz” da dominação masculina, que seria o patriarcado. Na ideologia do patriarcado, o homem é quem mantém autoridade sobre mulheres e crianças, pois são os responsáveis pela liderança política, o controle de propriedades etc.

Diante desse domínio masculino, as mulheres têm seus corpos controlados através do controle de maternidade e sexualidade. Inicialmente, o patriarcado oprime as mulheres no âmbito doméstico, mas também afeta a esfera pública, já que influencia na forma como as mulheres são vistas e colocadas na sociedade. Essas três correntes feministas se misturam e se complementam dando origem a outros grupos diversos, o que torna o movimento feminista mais plural e diversificado. Diante disso, vão surgindo outras correntes, como a do feminismo interseccional e o feminismo queer (NOBREGA, 2015).

No feminismo interseccional, a causa da opressão às mulheres é definida por uma interseção de fatores – de gênero, raça e classe social. O termo surgiu nos anos de 1980, segundo ANUNCIADA (2015), quando a professora de Direito Kimberlé Crenshaw cunhou o termo. Ela teria criado essa expressão porque o feminismo consagrado na época tratava de maneira diferente os aspectos de gênero e raça, mesmo que ambos tivessem relacionados. É importante considerar que as opressões atingem as mulheres de maneira diferente dependendo da sua classe social e da cor da pele. Historicamente, mulheres negras estiveram marginalizadas do acesso à cultura, à educação, expostas à violência e sofrendo racismo dentro do próprio feminismo.

Uma mulher é oprimida pelo machismo; uma mulher negra é violentada também pelo racismo, e uma mulher negra e pobre sofrerá com o acréscimo de uma violência que a segregará por sua condição social, além de sua cor e seu gênero. É para encarar os diferentes panoramas e perspectivas e suprir as necessidades antes ignoradas que o feminismo negro se faz obrigatório para um diálogo coerente e justo dentro dos movimentos sociais (LIVRO AMIGO SECRETO, 2016, p. 53)

Uma característica comum dos grupos feministas da atualidade é sua existência no ambiente online. Com as redes sociais na internet<sup>14</sup>, muitos ativistas se reúnem para gerar grandes transformações e dar visibilidade ao tema tanto no âmbito estadual quanto nacional e global. Ocasionalmente, esses mesmos grupos que se formam também se reúnem para ações e eventos que mobilizam mais mulheres, principalmente em datas como o Dia Internacional da Mulher ou em momentos de protesto.

Embora essa característica do novo modelo de sociedade que vivemos seja usada para aproximar pessoas inconformadas com o cotidiano, para alguns autores, como CRARY (2014), as novas tecnologias de comunicação não são capazes de determinar a criação de revoluções. Crary afirma que as redes sociais apenas reforçam a segregação e facilitam a vigilância dos interessados em acabar com o processo revolucionário. “Qualquer turbulência social cujas fontes primárias estejam nas mídias sociais será, inevitavelmente, efêmera e inconsequente em termos históricos” (CRARY, 2014, p. 130).

---

<sup>14</sup> Ao nos referirmos às redes sociais, estamos tratando das páginas, perfis ou grupos criados por ativistas no Facebook, Twitter, Instagram ou WhatsApp que são usados para disseminar conteúdos feministas.

### 3.2 A História do Movimento Feminista no Brasil

No Brasil, o feminismo teve origem no século XIX, quando um grupo feminista considerado pioneiro no país proclamou sua insatisfação com os papéis que estavam estabelecidos na sociedade, atribuídos a homens e mulheres. Nessa época, grupos de homens se colocaram contrários a essa obtenção de direitos iguais, uma vez que queriam manter o *status quo*, desqualificando o movimento de luta das mulheres. O início da história do feminismo no Brasil foi marcado pela busca por igualdade de direitos em relação aos homens, característica que se faz presente no movimento nos dias atuais (HANHER, 1981).

Nesta época, o feminismo ficou restrito à imprensa por ser um instrumento capaz de divulgar os pensamentos das militantes no século XIX (RANGEL, 2011). Algumas mulheres conquistaram espaços na imprensa tradicional, como Nísia Floresta<sup>15</sup>; enquanto outras escreviam em meios alternativos, fazendo uma imprensa independente e, assumindo elas mesmas a posição de editoras, redatoras e proprietárias dos próprios órgãos de imprensa.

O feminismo brasileiro nesse século estava relacionado a um pequeno grupo de mulheres que assumiram o interesse de expressar as ideias feministas no país. Segundo RANGEL (2011), essas vozes foram se erguendo de forma desordenada, autônoma e desalinhada. A imprensa foi adotada como um instrumento capaz de fazer a divulgação dos pensamentos de emancipação das mulheres. Antes desse período, a imprensa tradicional e a indústria literária não permitia a publicação de artigos opinativos produzidos por mulheres. Somente depois que elas mesmas passaram a fundar suas próprias publicações é que foram ganhar espaço na mídia tradicional.

#### 3.2.1 A mulher brasileira e o trabalho

A participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro começa no período colonial, quando algumas delas precisavam prover o sustento das famílias. Para tanto, desenvolviam atividades domésticas e comerciais. Vendiam o que foram condicionadas a vida toda a fazer,

---

<sup>15</sup> É considerada uma precursora do feminismo na América Latina, porque é de sua autoria os primeiros textos registrados sobre a temática dos direitos das mulheres.

como bordados e doces. Apesar dessa característica comum, outras improvisavam atividades tradicionalmente masculinas como tropeiras e cocheiras.

A sociedade brasileira, que se pautou no poder masculino, jamais prescindiu da mão-de-obra feminina. Tanto as mulheres das camadas mais abastadas da sociedade quanto as mulheres pobres conviveram com o trabalho, desenvolvendo-o cada uma de acordo com a sua necessidade (NADER, 2013, p. 68)

No final do século XVI, com a descoberta das minas e com o deslocamento do eixo econômico para o Sudeste e o Sul do país, a vida urbana cresceu e mais mulheres começaram a participar do mercado de trabalho. NADER (2013) afirma que isso se deu por conta da falta de escravos e dos espaços deixados por homens que buscavam enriquecimento em outras regiões. As mulheres então participavam dos pequenos negócios e serviços relacionados ao abastecimento urbano, promovendo a organização do mercado de ambulantes de alimentos e produtos de consumo.

Um recenseamento feito em 1872 indicou alguns trabalhos desenvolvidos pelas mulheres que fugiam dos padrões. Elas atuavam como criadoras, jornaleiras, operárias de tecidos, artistas, manufactureiras e fabricantes, comerciantes, operárias em calçados, em couro e peles, professoras, proprietárias, guarda-livros e caixeiras, operárias em vestuários, etc. (NADER, 2013)

### **3.2.2 Ondas do feminismo no Brasil**

Para compreender o percurso histórico do feminismo organizado, cada período foi dividido em “ondas”. O termo onda foi cunhado por Marsha Lear, uma ativista feminista norte americana que escreveu um texto sobre o que ela considerava a segunda onda do feminismo em uma revista dentro do New York Times em 1968.

As feministas da primeira onda, no início do século XIX, lutavam pelo direito ao voto e o direito ao trabalho sem precisar da autorização do marido. No Brasil, nesse momento, as mulheres conquistaram direitos legais e coincidiu com parte do movimento sufragista, um aspecto específico de toda a agenda do movimento de emancipação feminina. No entanto, os movimentos das mulheres eram restritos a um grupo de mulheres letradas e cultas, que tinham tempo para o lazer, excluindo, então, as operárias, pobres, camponesas, negras e etc. Os jornais

eram editados por essas mulheres cultas, que queriam despertar em outras da mesma classe social o sentimento de auto progresso.

Vale destacar que à medida em que apareciam brasileiras em busca do sufrágio feminino, surgiam as organizações formais que lutavam pelos direitos das mulheres. No entanto, essa aceitação limitada do sufrágio ocorreu principalmente quando a ideia chegou às mulheres da elite, que tomavam conhecimento da causa a partir da emancipação feminista na Europa ocidental e nos Estados Unidos.

Nísia Floresta foi um dos principais nomes da primeira onda do feminismo brasileiro. Em um tempo em que a maioria das mulheres não era letrada, Nísia dirigiu um colégio para mulheres no Rio de Janeiro e escreveu livros sobre a defesa dos direitos das mulheres, dos índios e dos escravos. Duarte (2010) aponta que Nísia foi uma das primeiras mulheres a romper com os padrões da época e publicar seus textos em grandes jornais no Brasil.

Em “Direito das mulheres e injustiça dos homens” (1832), Nísia Floresta fala sobre a diferença de ser homem e mulher na sociedade brasileira do século XIX. Ela destaca o sentimento dos homens em relação às mulheres, buscando apontar as justificativas masculinas para a opressão que empregam sob as mulheres, sem deixar de defender o ponto de vista feminino.

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito do nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para o seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer, e aprazer a nossos amos, isto é, a eles homens. [...], entretanto, eu não posso considerar esse raciocínio senão como grandes palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais difícil dizer do que provar (FLORESTA, 1832, p. 81)

A segunda onda, segundo Ribeiro (2016), compreende os anos de 1970, quando o Brasil passava por uma crise da democracia, sob a vigência de um governo ditatorial. As mulheres atuaram no combate à ditadura militar, na luta pela valorização do trabalho da mulher, na luta pelo direito ao prazer, direitos civis e o uso do anticoncepcional e contra a violência sexual.

Para Pitanguy (1982), a primeira forma de limitar o potencial das mulheres é a barreira exercida pela sexualidade entendida como indissociável de sua condição biológica. Além disso, por

vezes, a cultura enfatiza e supervaloriza a condição natural da mulher de fazer nascer outra vida e acaba limitando o papel dela na sociedade.

A virgindade, a castidade, a passividade sexual, a carga de tabus e preconceitos, constituem os principais elementos socializadores da sexualidade feminina. Vê-se esta ainda submetida a orientações governamentais, que decidem sobre o corpo da mulher, restringindo ou expandindo a sua reprodução através de políticas demográficas (PITANGUY, 1982, p. 60).

Além de denunciar a manipulação exercida sobre o corpo da mulher, a segunda onda colocou em evidência a violência contra a mulher, lutando contra os espancamentos, estupro e assassinatos que as mulheres sofriam – e ainda sofrem. A violência simbólica também foi denunciada, porque faz com que o feminino seja desvalorizado em detrimento do masculino. Na luta pela valorização do trabalho da mulher, destacavam-se as bandeiras de lutas por salários iguais, funções iguais e direitos iguais aos dos homens. Isso porque o mercado de trabalho sempre foi desigual com as mulheres, mesmo que o acesso tenha sido facilitado pelas lutas de outras épocas do movimento.

A terceira onda começa no fim do século XX, nos anos de 1990, e é um momento em que se abre espaço para questionar os paradigmas definidos pelo feminismo nas outras ondas.

O feminismo que estava posto começou a ser desconstruído, a partir de críticas feitas inicialmente por Judith Butler (1990), que contribuíram para que uma renovação acontecesse. Para Butler (1990), a construção da categoria mulher, limitando o conceito e excluindo as mulheres trans, por exemplo, seria um dos problemas graves do feminismo, porque teria como resultado a regulação e exclusão social. Além disso, Butler defende que o gênero e o sexo são construídos culturalmente, diferente da visão feminista de que apenas o gênero seria um fator cultural, enquanto o sexo é biológico.

Para as feministas da terceira onda, o discurso feminista pregado até o momento era excludente, já que as opressões afetam as mulheres de modo diferente, dependendo da sua condição social, econômica, cultural ou étnica. Um exemplo disso é a disparidade entre o que defendiam as mulheres da elite e as operárias. Enquanto as da elite, desejavam o acesso da mulher à educação, ao trabalho, as operárias se colocavam contra o padrão moral da época e questionavam a imposição do casamento, a submissão da mulher em casa, além da luta pela redução da jornada de trabalho.



### 3.3 O Movimento Feminista no Espírito Santo

Embalado pela luta pelo voto feminino nacionalmente, um grupo de mulheres do Espírito Santo começou a lançar luz em torno da causa feminista no Estado. Por volta dos anos de 1930, quando o direito ao voto foi aprovado para todas as mulheres do Brasil, no governo de Getúlio Vargas, surgiu a “Federação Espírito-Santense Pelo Progresso Feminino”. Segundo NOVAES (1999), o objetivo inicial do grupo era reunir mulheres que não tivessem nenhuma ligação partidária. Nesse período, os principais nomes do movimento feminista capixaba eram Sílvia Meireles da Silva Santos, Judith Leão Castelo, Indá Soares Casanova, Maria Stella Novaes e Júlia Lacourt Pena.

Muito colaborou-se [...] para que, na Constituição Federal de 1936, fosse mantido, sem restrições, o voto feminino, assim como nenhum obstáculo se criasse ao trabalho da mulher, nas fábricas, no Serviço Público, nos escritórios etc, clamava pela declaração geral da igualdade política, econômica e jurídica dos sexos” (NOVAES, 1999, p.117)

Embora o movimento feminista tenha começado na capital, Vitória, ele se expandiu para o interior do Estado. Em 1933, foi fundada a União Cívica Feminina em Cachoeiro de Itapemirim, formada por Cacilda Werneck Pereira Leite, Aurora Herkenhoff Machado e Gomes, Luci Machado, Celi Gomes de Souza e a Baronesa do Guandu. Ao longo dos anos, as mulheres começaram a ganhar espaço também na política. Em 1947, Judith Leão Castelo se tornou deputada e passou a defender também os interesses das mulheres capixabas na Assembleia Legislativa. Ela foi reeleita sucessivamente até completar 16 anos como deputada. A carreira da parlamentar foi focada nas pautas de Educação, Cultura e Bem-Estar Social.

Apesar das realizações, a Federação Espírito-Santense Pelo Progresso Feminino encerrou as atividades. NOVAES (1999) explica a organização levou

o mesmo fim de todas as iniciativas grandiosas no Espírito Santo. O combate, a amargura, a desilusão...para extinguir-se deixando a outrem o resultado dos esforços e do sadio idealismo dos seus promotores. Lutaram [...] as precursoras do feminismo, no Espírito Santo; mesmo porque comadres e vizinhas, defensoras das velhas normas, apegavam-se ao assunto: - “Mulher eleitora? Qual... o lugar da mulher é... mãe! Entretanto, muitas vezes, semelhantes conceitos reduziam-se ao que o povo diz “opiniões da boca para fora”. Intimamente, às moralistas, presas a conceitos retrógrados, vontade não faltava de imitar suas corajosas conterrâneas (NOVAES, 1999, p. 120)

As mulheres da época continuavam a sofrer com os velhos preconceitos e com o que se esperava do destino social de quem nasceu mulher. Reduzida sua participação ao lar, as mulheres

encontravam dificuldades em estudar e conquistar profissões antes ocupadas apenas por homens.

Com relação ao mercado de trabalho, NADER (2013) explica que, do período colonial, pouco se sabe sobre as mulheres da época. A historiografia faz referência à participação delas nos ambientes urbanos, como habilidosas tecelãs, que viviam do artesanato, da fiação e da costura. No interior do estado, nas comunidades imigrantes, dos pequenos proprietários de terra, o desenvolvimento de um sistema de relações de produção familiar fez com que houvesse a distribuição de mão-de-obra sem distinção de sexo.

“Nas famílias dos pequenos proprietários, as mulheres exerciam atividades iguais às dos homens, participavam da derrubada de florestas, das plantações e das colheitas. A participação feminina na agricultura foi fundamental para a manutenção das fazendas capixabas, desde o início da colonização. No entanto, apesar de as mulheres terem funções bem definidas dentro dessas pequenas propriedades e atuarem lado a lado com os homens nos campos, a cultura de tradição religiosa efervescente manipulava sua formação, voltada para a constituição de uma família, cujo principal papel era o de esposa e mãe” (NADER, 2013, p.70)”

No século XX, a presença feminina começou a aparecer nas indústrias a partir da década de 1920. Segundo NADER (2013), há registros do trabalho em duas fábricas: uma em Cachoeiro de Itapemirim, que 64% do quadro era formado por mulheres, e outra em Vitória. O crescimento da cidade, no entanto, não mudou muito a participação feminina. As mulheres continuaram sem acesso a profissões consideradas masculinas. Havia poucas oportunidades de trabalho assalariado, porque a convenção social era de que a mulher deveria cumprir com seus deveres como dona de casa. Quando uma mulher trabalhava fora, a atividade era considerada desmoralizante para o marido, porque era ele quem deveria sustentar a família.

Depois, os postos de trabalho ocupado pelas mulheres eram de professora, funcionárias de estabelecimentos comerciais com atividades ligada à burocracia, ou no desenvolvimento de atividades consideradas femininas e subalternas como cozinheira, lavadeira, arrumadeira, etc. Embora mal remunerados, esses empregos eram aceitos, já que de uma certa forma permitia a independência financeira das mulheres.

O quadro começou a mudar lentamente após os anos de 1970 que as mulheres começaram a sobressair em profissões rentáveis, por melhorarem seus níveis de formação, embora os estereótipos e os velhos preconceitos permanecessem. Muitos grupos feministas surgiram a

partir da década de 70 no Espírito Santo. Alguns dos registros desse período são de movimentos isolados, mas observa-se a partir da criação de novos grupos, que na década de 80 as causas das mulheres voltaram a ser fortes e entrar na pauta de discussões políticas do Estado.

Em 1984, foi fundado o Centro Integrado da Mulher (CIM) e em Vitória, composto em sua maioria, por mulheres de classe média. O grupo reivindicou a criação de uma delegacia de mulheres e a criação de um conselho estadual. A vitória do CIM foi alcançada e, em 1986, o governador na ocasião, Max Mauro, instalou a delegacia e enviou uma proposta para a Assembleia Legislativa criando o Conselho Estadual de Mulher Capixaba.

Uma notícia veiculada no Jornal A Gazeta, na época, reforça a criação do grupo com o título "Movimento feminista capixaba tem mais um grupo", afirmando que a exemplo de outros estados do país, o movimento começava a tomar novos rumos e estava mais voltado para os direitos e proteção à mulher. A notícia, inclusive, ressalta a criação da delegacia especializada, bem como retrata os esforços do grupo para não acabar já que, três anos depois de sua criação, começou a sofrer um esvaziamento.

Para muitas mulheres, o tema ainda não é capaz de mobilizar uma discussão mais profunda porque é uma crença generalizada — fruto da educação preconceituosa e discriminadora — de que política é assunto de homens. Mesmo assim, os grupos organizados estão se reunindo para tentar levantar todos os problemas que afetam diretamente a mulher — de saúde à educação — e através de documentos, encaminhar suas principais reivindicações (A GAZETA. Movimento feminista capixaba tem mais um grupo. 29 de maio de 1986. Editoria: Caderno Especial)

Também no movimento feminista no Espírito Santo, o objetivo era uma reordenação política que não levasse em conta as divisões por sexo, ideologia ou situação econômica, embora nesta época, o movimento ainda fosse formado, em sua maioria, por mulheres de classe média, que possuíam algum grau de instrução e eram brancas.

Nos anos seguintes, o CIM perde força, mas outros grupos começam a se organizar. Com a instalação de projetos desenvolvimentistas na Grande Vitória e a chegada de muitas famílias nos bairros periféricos, a Igreja Católica, através das suas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), organiza as mulheres na região metropolitana para lutas relacionadas à moradia e mudanças na infraestrutura de seus bairros e municípios.

Edna Calabrez Martins, que participou de ações do CIM e dos grupos de mulheres das CEBs, explicou que com a desestruturação do Centro ficou apenas a política conquistada por elas, mas não teve mais organização das mulheres. Embora os avanços tenham acontecido, não existia discussão de feminismo nos grupos das CEBs, segundo Martins.

Para organizar todos os movimentos de mulheres que já existiam no Espírito Santo, em 1992, surge o Fórum de Mulheres, que segundo sua própria descrição, "mobiliza mulheres e movimentos de mulheres para a formação política, para a auto-organização das mulheres, para a luta pela autonomia e liberdade, para a luta contra a discriminação étnico-racial, socioeconômica, geracional e de orientação sexual" (MARTINS, 2017).

Sendo assim, o Fórum de Mulheres articula movimentos sociais do estado, que também estão fragmentados em várias frentes de lutas. Em 2017, quando o grupo completou 25 anos de existência, faziam parte do Fórum as seguintes organizações sociais: Associação de Mulheres da Serra, a Associação de Mulheres em Busca de Libertação, a Via Campesina, a Rede de Mulheres Parto do Princípio, Levante Popular Capixaba, Consulta Popular, Diretório dos Estudantes da UFES, Mulheres Unidas contra a Violência.

Martins, que também está à frente do Fórum, explicou que a aproximação com grupos fora das cidades foi maior.

Com a criação do Fórum, começamos a ter uma relação maior com as mulheres camponesas através do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Fui diversas vezes colaborar na organização das mulheres do MST e era uma dificuldade, porque a visão do MST na época da década de 1990 era que a luta pela emancipação das mulheres era uma luta que atrapalhava a discussão da luta de classes. Eles não conseguiam enxergar a realidade das opressões, que as opressões incidem sobre a exploração. E nós fomos lutando por dentro para modificar essa visão e mostrar que as questões de gênero e de raça estruturam o sistema de exploração (MARTINS, 2017)

Atualmente, o Fórum se envolve em discussões políticas e sociais acerca da pauta feminista no Estado, fazendo o ativismo tanto online quanto offline. O grupo participa das discussões políticas na Assembleia Legislativa, organiza eventos de luta por direitos das mulheres, levantam as pautas correntes no movimento tais como legalização do aborto, liberdade sexual, emancipação, entre outras causas.

Outros grupos de mulheres que têm pautas em comum com o fórum coexistem no Espírito Santo. Em algumas ocasiões, as organizações se unem para angariar força e em outros momentos fazem atividades isoladas para o seu público. O Coletivo Femenina, por exemplo, surgiu em 2010 e atua na Grande Vitória, promovendo eventos e atividades voltadas para a educação e cultura das mulheres. O grupo conta com a participação de artistas do estado que contribuem para a luta do feminismo através de um ideal artístico. É esse coletivo que organiza no Espírito Santo todos os anos a Marcha das Vadias<sup>16</sup>.

A luta das mulheres negras também se encontra respaldada no grupo Mulheres Negras Capixabas, que atua para empoderar a mulher negra, que além do machismo sofre com o racismo. A organização também trabalha facilitando a troca de conhecimentos, criando espaço de encontros, reflexões e vivências para mulher negra.

No Espírito Santo, ainda aparecem outras formas de organização do movimento feminista que dá visibilidade às causas das mulheres. Uma delas é o cineclube Feminista de Quinta<sup>17</sup>, que desde 2015 se propõe a divulgar trabalhos audiovisuais com temáticas do feminismo. Mensalmente, são realizadas sessões em parceria com o Teatro da Ufes, que geram debates após a exibição dos filmes.

### **3. 4 Estudos dos feminismos na mídia**

Os estudos sobre o movimento feminista retratados na mídia apontam para diversas formas de representação da mulher. Um dos estudos apresentados por MESSA (2006) ao falar sobre as várias abordagens da teoria feminista na mídia destaca a distorção e a socialização da mulher.

No caso da distorção, aponta-se que a forma como a mídia retrata a mulher faz acreditar em uma realidade que não condiz com a prática. Entre os inúmeros exemplos que podem ser

---

<sup>16</sup> A Marcha das Vadias é um evento que surgiu no Canadá, porque durante uma palestra um professor disse que as mulheres sofriam estupro por causa da maneira como se vestiam. A afirmação polêmica foi o que motivou a organização da marcha e influenciou na forma como as participantes se vestem, muitas vezes não usam roupa e estão com o corpo pintado, e sinal de protesto.

<sup>17</sup> O cineclube Feministas de Quinta é uma iniciativa de Saskia Sá, do Cine Metrôpolis, da professora Gabriela Alves (DEPCOM) e o Coletivo Femenina.

encontrados está a forma como as revistas feministas mostram o padrão desejado pelas mulheres. Como socialização, o estudo identificou que o modo como os valores simbólicos da sociedade contemporânea é assimilado permite criar posicionamentos com determinado status ou papel.

Estudos com crianças e adultos expostos a tipos particulares de produtos midiáticos (pornografia, discursos sexistas, etc) mostram que seus efeitos são mediados pelas variáveis de gênero, idade e até mesmo educação. Isso significa que uma criança do sexo masculino, ao ser intensivamente exposta a uma programação onde a mulher é sempre subjugada ao poder masculino, tem mais chance de crescer acreditando ser esta uma premissa do comportamento feminino [...] A mídia de massa produz e reproduz memórias coletivas, desejos, esperanças e medos e assim assume uma função similar àquelas dos mitos nos séculos passados (MESSA, 2006, p. 15)

Estudos como esses mostram como as abordagens midiáticas influenciam na maneira como a sociedade enxerga os diversos papéis exercidos por seus atores. No caso da mulher, a situação torna-se ainda mais alarmante, já que ainda se observa uma imagem distorcida sobre a sua atuação na sociedade.

## 4 PESQUISA EMPÍRICA - UMA ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE OS FEMINISMOS NO JORNAL A GAZETA

### 4.1. METODOLOGIA DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

O primeiro passo da pesquisa empírica deu-se pela busca e coleta de dados a partir das coleções digitalizadas do Jornal A Gazeta do Espírito Santo. As tecnologias digitais permitiram um acesso mais dinâmico, facilitando a exploração desse repositório de edições, que fizeram parte da vida e da história recente vivida pela sociedade. Na Rede Gazeta, empresa responsável pelo jornal que é objeto da pesquisa, estão disponíveis dois softwares de busca e armazenamento digital de todo o material produzido pelos veículos impressos. Ambos os programas, o *Tark* e o *Shell* (Figuras 1 e 2), possuem a mesma base de dados e se diferenciam apenas na interface de busca. Neles, podemos pesquisar textos, fotos e arquivos em *pdf*; no entanto, para esta pesquisa utilizamos somente os arquivos de texto, porque a coleta deles é mais simples, uma vez que temos um período histórico extenso para analisar. Sendo assim, vamos fazer análises dos conteúdos e discursos presentes ao longo de 31 anos, entre 1986 e 2016, pois será possível observar o comportamento do jornal em um período amplo em que muitas mudanças significativas aconteceram tanto na história, quanto no próprio veículo. Não será possível analisar as imagens publicadas dentro das matérias, nem a importância relativa de cada texto nas páginas do jornal sobre os assuntos ligados ao feminismo, o que pode ficar como possibilidade para trabalhos posteriores.

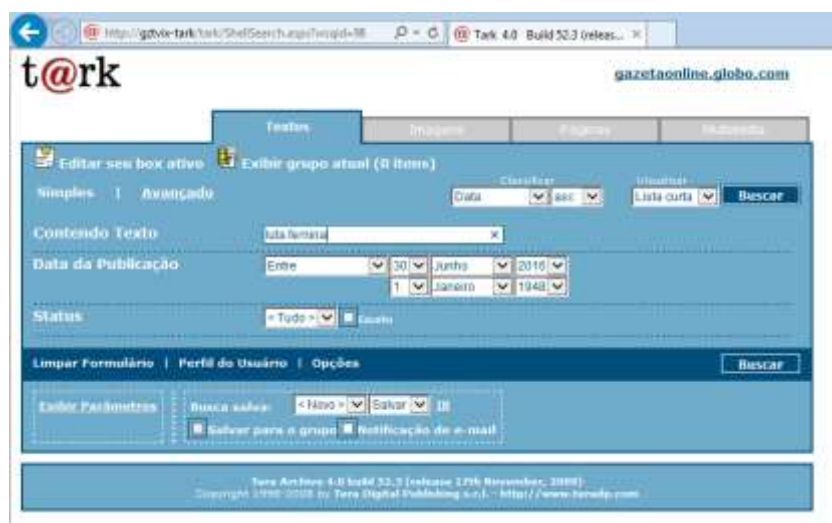


Figura 1 - Imagem da interface, mostrando como é estruturada a busca e os conteúdos usando o *Tark*

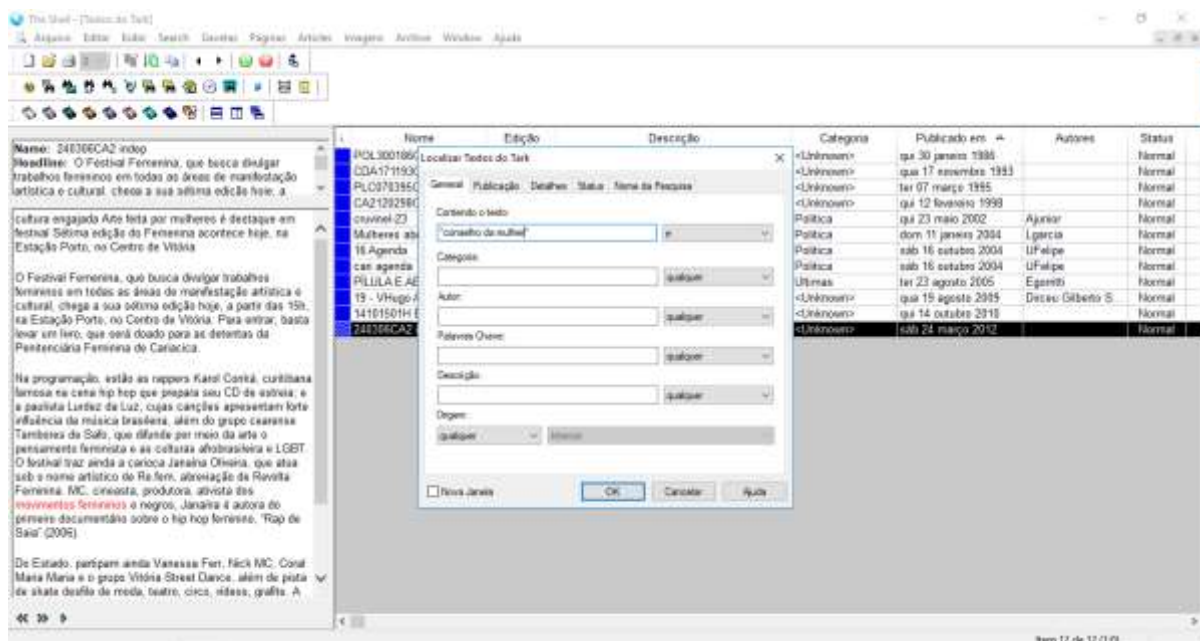


Figura 2 - Imagem da interface, mostrando como é estruturada a busca e os conteúdos usando o *Shell*

O *Tark* e o *Shell*<sup>18</sup> permitem acessar todo o material publicado a partir de busca a partir de termos que estão nas reportagens, de palavras chaves, categoria e de autor, em um período ou dia específico. Após a busca, a maior parte dos arquivos aparecem com o texto da reportagem na íntegra, a localização no jornal (editoria e página), o autor e o número da edição do dia (houve momentos em que o jornal A Gazeta circulava duas edições diárias). A pesquisa dentro de um repositório digital nos permite a aproximação a um conjunto de dados maior e mais complexo, que seriam muito difíceis de serem obtidos sem o suporte de uma plataforma. O nosso desafio aqui é transformar essa extensa base de dados em um objeto analisável a ser interpretado por meio de uma ação humana. Por se tratar de uma edição diária, em 31 anos, pelo menos 10.950 edições foram publicadas.

O presente trabalho surge do interesse por entender processos históricos que influenciam as decisões do presente. Nos últimos 31 anos, a sociedade ocidental viveu transformações importantes na forma de pensar e se organizar, sobretudo com as mudanças tecnológicas que fizeram com que a vida que antes era analógica se tornasse cada vez mais digital. As

<sup>18</sup> Os dois softwares são administrados pelo Centro de Documentação (Cedoc) de Mídia Impressa da Rede Gazeta, onde está armazenado todo o conteúdo veiculado pelos jornais A Gazeta e Notícia Agora. Além disso, esses programas possuem uma infinidade de funções que não foram necessárias para o tipo de pesquisa que estamos realizando, focada nos textos. O acesso a esse repositório foi autorizado pelo editor chefe de jornalismo impresso e online da Rede Gazeta, André Hess, com o acompanhamento da coordenadora dos Cedocs, Paula Roseli Rodrigues, e da coordenadora do Cedoc de Mídia Impressa Anelize Roris Nunes



informações chegam com mais velocidade às pessoas, o que influencia o modo de fazer jornalismo. Com esse corpus de 1986 a 2016, há a possibilidade de se identificar transformações tanto no modo de pensar do jornal, quanto daqueles que apontaram seus discursos nos textos. No entanto, surge um desafio metodológico de lidar com uma grande base de dados, que são facilitadas justamente por essas novas tecnologias digitais. Os dados desses 31 anos do jornal estão disponíveis e podem fornecer novos conhecimentos sobre as questões que eram apontadas na época e influenciam as atuais.

Com o auxílio do *Tark* e do *Shell* fomos atrás desses textos que falam sobre os feminismos no jornal. Não sendo possível folhear todas as edições publicadas pelo jornal nesse período, recorreremos ao uso de palavras chaves que puderam nos guiar nessa grande base de dados. Tais palavras foram escolhidas a partir da pesquisa histórica sobre o feminismo no Espírito Santo realizada no Capítulo 2 deste trabalho, a partir de palavras que são relevantes dentro do contexto do feminismo (como empoderamento, libertação, emancipação) e a partir de vestígios encontrados nas próprias matérias (como nomes de ativistas, grupos feministas, eventos, etc). Destacamos também que outras palavras chaves seriam possíveis para identificar textos sobre os feminismos, mas estas não foram escolhidas neste trabalho, porque levantariam conteúdos que não possuíam relevância e tornariam a limpeza destes grandes dados ainda mais complexa. Um exemplo de palavra seria a busca isolada pelo termo “mulher”. Caso fizéssemos essa busca, uma quantidade exorbitante de textos apareceria, mas a maior parte deles não estaria ligada necessariamente ao feminismo.

Na tabela 1, abaixo, listamos as palavras que foram buscadas nesse período, e a quantidade armazenada de conteúdo em formato de texto. Entretanto, esse número não é absoluto, uma vez que um mesmo texto pode aparecer mais de uma vez por conter duas ou mais palavras de busca ou palavras chaves, o que ficará mais claro na fase das análises.

**TABELA 1 - PALAVRAS CHAVES PESQUISADAS NO *TARK* E NO *SHELL***  
(continua)

<b>Palavras Chaves</b>	<b>Número de matérias onde aparecem</b>
movimento feminino	661
feminista	589
feministas	385
feminismo	272

**TABELA 2 - PALAVRAS CHAVES PESQUISADAS NO TARK E NO SHELL**  
(continuação)

movimento feminista	149
movimentos feministas	37
femen	31
Sônia Doxsey	29
girl power	25
conselho nacional dos direitos da mulher	22
marcha das vadias	20
empoderamento feminino	18
libertação da mulher	16
emancipação da mulher	15
voto das mulheres	15
centro integrado da mulher	14
cfemea	14
fórum das mulheres	12
movimentos femininos	12
feminismos	5
Margarida Bizotto	5
Carlinda Januário	4
encontro estadual da mulher	4
libertação das mulheres	4
emancipação das mulheres	3
mulher pioneira	2
congresso da união brasileira de mulheres	1
Florisa Verucci	1
grupo de articulação de mulheres	1
movimento das feministas	1
Neusa Barros de Brito	1
femismo	0

A cada palavra chave buscada, os programas nos davam uma listagem de textos em que o termo em questão aparecia. Manualmente, fizemos a seleção desse corpus. Para organizar um repositório tão extenso, em um mesmo arquivo de texto, copiamos e colamos cada conteúdo. Além disso, criamos uma tabela usando o software Excel que descrevia cada texto com a sua data de publicação, editoria, palavra chave que apareceu na busca, autor (há casos em que o autor não estava presente), e um código para que pudéssemos encontrar a matéria dentro do arquivo de texto.

Após essa seleção pela busca de palavras chaves no período de 1986 a 2016, chegamos a um corpus de 1.029 matérias. Todas, de alguma forma, falam sobre o feminismo ou sobre as causas defendidas pelo movimento neste período, mesmo que as palavras “feminismo” ou “feminista” não estivessem presentes no texto de forma explícita. Para chegarmos às análises do corpus, além de usarmos as tabelas dinâmicas e gráficos do Excel, também recorreremos a dois aplicativos online, disponíveis gratuitamente na internet: o *Voyant* e o *WordTree*, que serão especificados adiante.

### ***Voyant***

O *Voyant*<sup>19</sup> (Figura 3) é um aplicativo online, desenvolvido por pesquisadores de duas universidades canadenses - Stéfán Sinclair, da Universidade McGill (McGill University, Canadá), e Geoffrey Rockwell, da Universidade de Alberta (University of Alberta, Canadá), no qual é possível interpretar textos através dos códigos criados pela plataforma, por meio de análise de contexto, ocorrência e coocorrências de palavras, nuvem de palavras, visualizações que mostram a frequência e distribuição de termos em um corpus, entre outras possibilidades. Para começar, é preciso fazer o upload do texto desejado no site. O programa aceita arquivos de texto nos formatos do Microsoft Word, HTML, XML, PDF, RTF.



Figura 3 - Tela Inicial do *Voyant*

Neste trabalho, fizemos o upload do arquivo com todas as matérias coletadas, que totalizam 948 páginas no formato *docx*, da Microsoft Word, com 470.195 palavras no total e 36.821 palavras únicas, o que significa que mais de 36.821 mil palavras diferentes foram usadas em matérias sobre a temática feminista no jornal. O programa abre uma primeira página para exibir

<sup>19</sup> Disponível em <<https://voyant-tools.org/>>

as possibilidades iniciais de análise, que oferece indicação de aprimoramento do banco de dados com, por exemplo, inclusão ou carregamento de *stop words*, procedimento que desconsidera termos sem relevância para a pesquisa, como algumas preposições, artigos ou pronomes<sup>20</sup>.

Depois de aplicar os filtros, chegamos à visualização da nuvem de palavras (Figura 4). Usamos a forma de visualização com as 155 palavras que tiveram mais ocorrência no arquivo. Identificamos que a palavra “não” foi a mais recorrente: ela foi usada 4.290 vezes ao longo do período analisado. A segunda mais citada foi “mulheres”, com 2.048 ocorrências; seguida de mulher, com 1877. Algumas palavras da nuvem também chamaram a atenção e serão usadas para analisar como o tema do feminismo está relacionado a outros. Abaixo, segue a lista de palavras que mais foram usadas no conjunto de reportagens selecionado, seguida no número de ocorrências. Nas próximas páginas, vamos analisar separadamente algumas das que se destacam para o entendimento do sentido dado à questão da mulher e aos modelos ou ideais de feminismo presentes nas páginas de A Gazeta ao longo desses 31 anos.

- |                   |                    |                   |
|-------------------|--------------------|-------------------|
| • Ela - 1355      | • Diz – 480        | • Feminino – 326  |
| • Ele – 868       | • Fazer – 455      | • Movimento – 326 |
| • Vida - 708      | • Pode - 448       | • Família – 300   |
| • Hoje – 681      | • Tempo – 443      | • Feminismo – 288 |
| • Só - 675        | • Casa – 428       | • Amor – 285      |
| • Homens – 632    | • História - 425   | • Feminina - 271  |
| • Feminista – 608 | • Presidente – 401 |                   |
| • Mundo - 575     | • Vitória - 387    |                   |
| • Livro – 546     | • Violência – 360  |                   |
| • Contra – 522    | • Primeira – 347   |                   |
| • Elas - 527      | • Feministas – 337 |                   |
| • Trabalho – 509  | • Governo – 327    |                   |
| • Homem – 498     | • Sociedade – 327  |                   |

---

<sup>20</sup> Nesse corpus escolhemos algumas das que mais apareciam do arquivo e que estavam dificultando o aparecimento de outras mais relevantes. Foram elas: a, ainda, ao, as, até, caderno dois, com, como, da, das, de, depois, do, dos, e, em, entre, essa, essas, esse, esses, isso, já, mais, mas, me, mesmo, na, nas, no, nos, nunca, o, os, ou, para, pela, pelas, pelo, pelos, por, porque, que, quem, se, sempre, seu, seus, sobre, sua, suas, também, ter, um, uma, umas, uns, à, às, é.



Figura 4 - Nuvem de palavras formada com corpus completo da pesquisa. Disponível em <https://goo.gl/6pDNs3>.

Quando formamos a nuvem de palavras (Figura 5) com os termos usados para fazer as buscas por matérias, vemos que os mais recorrentes foram feminista, feministas, feminismo e movimento. Isso não quer dizer que todas as matérias analisadas possuem explicitamente esses termos. Em muitas, essas palavras que marcam mais especificamente o movimento feminista não aparecem, mesmo assim o tema está presente de forma mais sutil. Um exemplo é a substituição de movimento feminista por movimento feminino, mais recorrente na primeira década analisada, por exemplo.



Figura 5 - Nuvem formada com as palavras chaves encontradas entre 1986 a 2016

## 4.2. LINHA DO TEMPO E AS PAUTAS DO MOVIMENTO FEMINISTA EM A GAZETA

Uma das possibilidades de análise quantitativa está na distribuição de matérias sobre feminismos ao longo dos anos no jornal. Dos 1.029 textos coletados, a maior parte deles está concentrada nas décadas dos anos 2000. Em 17 anos, ou seja, pouco mais da metade do corpus, foram 961 matérias, que correspondem 93% do total.

No Gráfico 1 é possível identificar uma tendência de crescimento no número de conteúdos publicados com a temática, no entanto, essa tendência não obedece a um padrão de crescimento definido. Isso quer dizer que há anos em que temos muitos textos e em outros já vemos um declínio da quantidade.

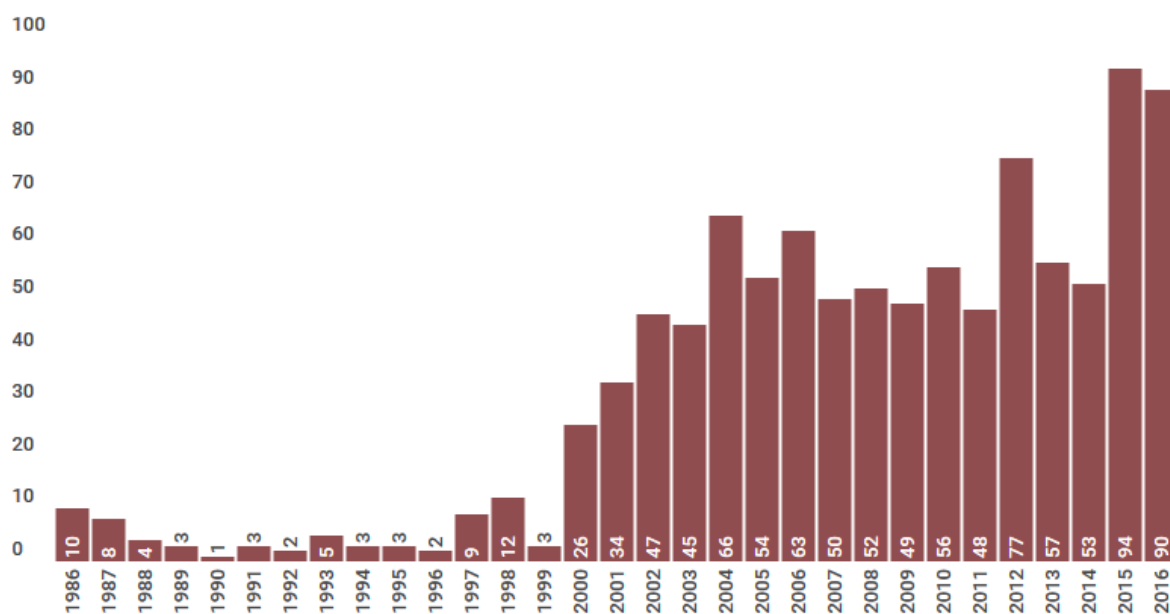


GRÁFICO 1 - Conteúdos produzidos pelo Jornal A Gazeta com temáticas relacionadas ao movimento feminista entre 1986 e 2016

Para entender porque alguns períodos se destacam no Gráfico 1 em relação à quantidade de conteúdos publicados, vamos tentar entender o que aconteceu nesses anos em que a produção foi maior. Por esse motivo, vamos analisar somente os períodos de 1986 a 2000, quando a produção era muito baixa em relação a todos os outros anos; também serão levantadas as razões pelos quais os anos de 2000 a 2004; 2012; e 2015 a 2016 dispõem de mais conteúdo sobre os temas pesquisados. A partir desses conteúdos, vamos procurar relações entre o momento

histórico vivido pelo país e o que o referido jornal listava como relevante a ser levado para seus leitores.

Diferente da tendência histórica de estávamos observando, o número de conteúdos voltou a crescer. Depois dele, voltamos a seguir um número parecido com os demais. Um novo crescimento só foi registrado em 2015. No Gráfico 2, apontamos esses picos de produção que analisaremos a seguir.

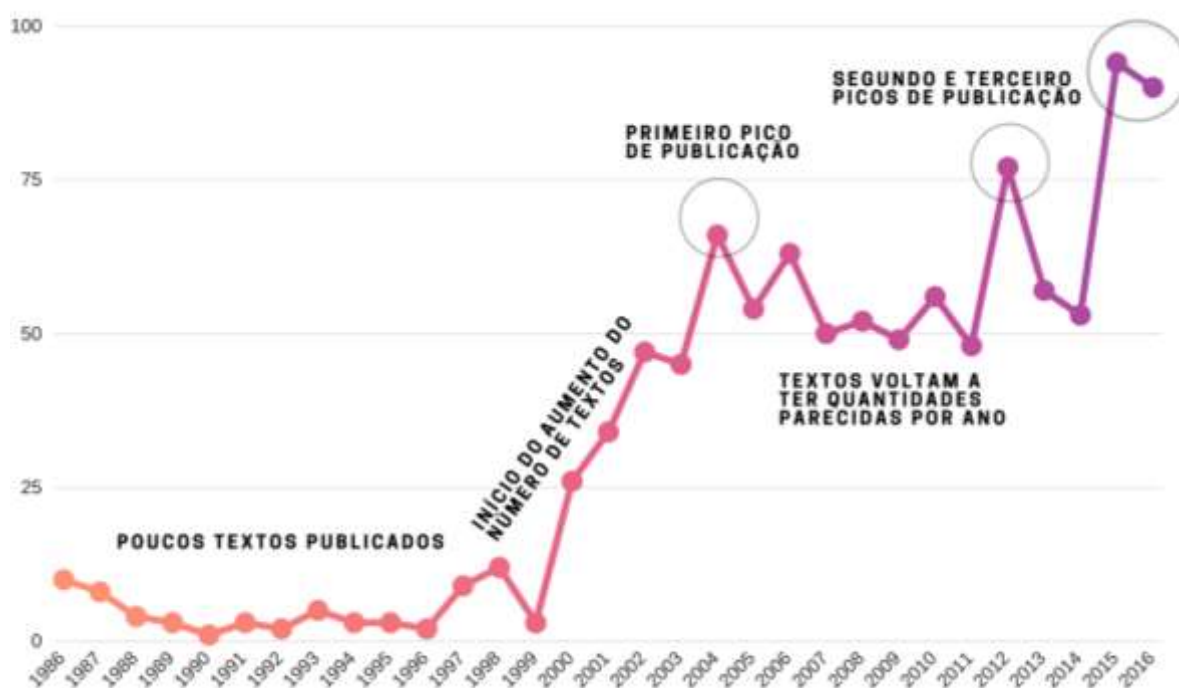


GRÁFICO 2 – Linha do tempo da produção jornalística sobre feminismo entre 1986 e 2016

Vale ressaltar que estamos levantando hipóteses sobre o que pode ter acontecido nesse período, já que a verificação delas implicam em outros métodos para confirmação que fogem do escopo deste trabalho, dedicado a entender o discurso presente sobre os feminismos no Jornal A Gazeta. Portanto, essas questões não serão respondidas categoricamente neste trabalho.

#### 4.2.1 Editorias

Se levarmos em consideração todo o corpus da pesquisa, a maioria das matérias está no Caderno 2, cujos assuntos estão tradicionalmente ligados a temas de entretenimento e cultura. São 402

textos, dos 1029. Em seguida, aparece Cidades, que trata dos assuntos cotidianos do jornal, falando sobre a vida no estado, em cuja seção foram publicados 112 textos. Política ficou em 3º lugar das editorias com mais textos, Opinião e Mundo vieram em seguida, com 74 e 60 textos, respectivamente, como mostra Tabela 2.

**TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DE TEXTOS POR EDITORIA**

(continua)

<b>Editoria</b>	<b>Número de conteúdos publicados</b>
Caderno 2	402
Cidades	112
Política	105
Opinião	74
Mundo	60
Colunas	53
Brasil	34
Revista da TV	31
Crônica	18
Não especificado	13
Polícia	13
Entrevista	11
Caderno Especial	10
Grande Vitória	10
Economia	9
Prazer & CIA	8
Revista Leve a Vida	7
Cartas	6
Tuitadas	6
Estilo	5
Revista .AG	5
Tuítadas	5
Capa	4
Editorial	4
Facebook	3
Empregos	2
Esporte	2
Gazetinha	2
Oportunidades	2
Classificados	1
Clique Domingo	1



**TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DE TEXTOS POR EDITORIA**

(continuação)

Cruzadas	1
Deu no Facebook	1
Frase	1
Interior	1
Nota	1
Sociedade	1
Turismo	1
Últimas notícias	1
Veículos	1
Vestibular	1
Vida	1

A partir das informações trazidas na Tabela 2 também identificamos que, mesmo em menores quantidades, os termos relacionados ao feminismo estiveram presentes em praticamente todas as editorias do Jornal A Gazeta. As referências sobre o assunto estiveram em editorias tanto ligadas aos factuais e notícias jornalísticas, quanto a espaços em que a predominância é a ficção e o divertimento.

Por meio destes dados apontados, compreendemos que, em relação às editorias, o tema do feminismo foi apresentado de maneira diversa, sendo emplacado em variados espaços do jornal. Apesar disso, a concentração dos textos nas editorias Caderno 2, Cidades, Política, Opinião, Mundo e Colunas aponta a forma como o feminismo está arranjado no jornal ao longo dos anos – a percepção de um movimento político com atuação internacional, que exerce influência sobre os assuntos cotidianos e das cidades, e que, sobretudo, está presente nas artes e nos produtos ficcionais de cultura e entretenimento. Além disso, revela-se como um movimento que proporciona o debate de opiniões acerca do tema, visto a presença significativa de artigos de opinião e ocorrências em colunas, que na maior parte das vezes trazem o ponto de vista do colunista (autor).

O Gráfico 2 permite tecer a análise das ocorrências do tema nas editorias ao longo dos anos. Seleccionamos apenas as editorias com maior destaque dentro do corpus, com relação ao número de textos publicados.

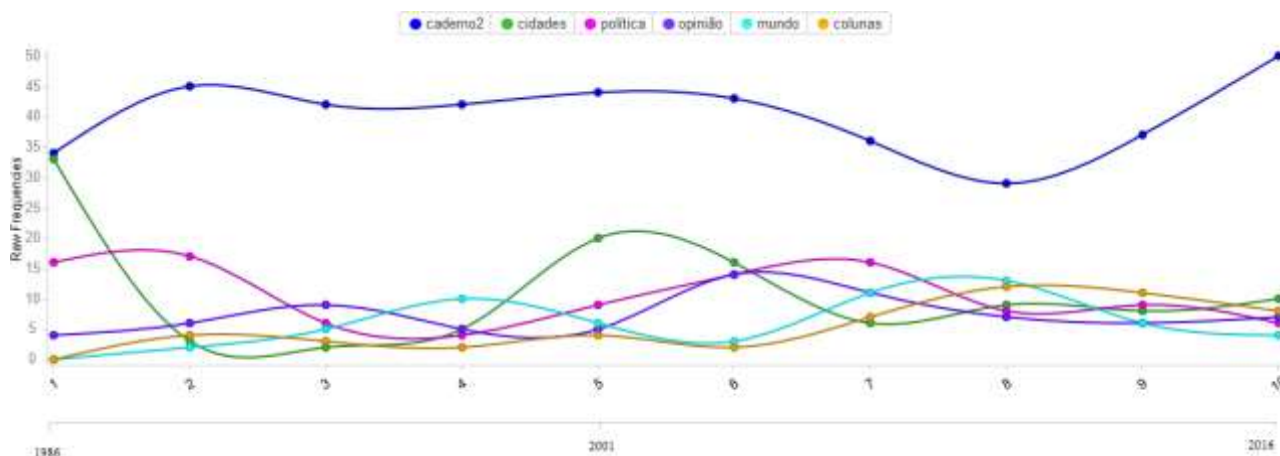


GRÁFICO 3 – Frequência de editorias dentro do corpus de 1986 a 2016<sup>21</sup>

Na imagem, observamos que a editoria Caderno 2 sempre ocupou uma posição de destaque ao longo dos anos, com uma alta frequência de publicação ao longo dos anos. Ao passo que a editoria de Cidades, que começa em alta, junto com Caderno 2, vai perdendo o espaço no corpus e passa a ocupar a mesma posição que as outras editorias mencionadas.

A partir do Gráfico 2, podemos inferir que, embora o feminismo seja considerado pelo jornal um assunto possível para suas editorias que lidam com o cotidiano, opinião e assuntos internacionais, a sua predominância sempre esteve nos assuntos ligados à cultura e entretenimento. A iniciativa feminista é vista com maior força nesses espaços e ganhou narrativas sobre questões culturais e conteúdos ficcionais, embaladas em textos que atraem a atenção rapidamente de leitores interessados. A abordagem neste tipo de conteúdo nos indica que as produções ficcionais, eruditas ou não, se interessam mais fortemente pelas questões feministas e acabaram por inseri-las no jornalismo.

#### 4.2.2 Autores

Dos 1.029 textos, apenas 347 (33,7%) foram identificados em relação à sua autoria. Esse dado oportuniza algumas deduções sobre o porquê a maior parte dos textos sobre o tema do feminismo não foi assinada. No jornal, principalmente nos primeiros anos analisados, vemos que a quantidade de textos sem assinatura é maior que nos anos posteriores. Isso pode ter

<sup>21</sup> Imagem extraída do *Voyant*, com o acréscimo de uma linha temporal, porque o programa toma o conjunto de textos como um único documento de texto e posiciona o gráfico na frequência de palavras dentro dele, não respeitando necessariamente uma linha temporal.

acontecido por alguns fatores. O primeiro deles é que se tratavam de textos curtos e de rotina, e, por uma prática do jornal, não se nomeava a pessoa que o escreveu, ou o jornalista pode não ter desejado assinar o conteúdo por se tratar de uma apuração simples e direta. Um outro motivo é o fato dele ter sido extraído de informações de agências de notícias, como acontece na editoria Mundo e Brasil, ou ainda de textos provindos das assessorias de imprensa. É uma prática comum do jornalismo usar esses textos e não os assinar com o nome do repórter que o reescreveu atendendo às normas da redação. Em todos esses casos em que os textos não apresentam o nome do autor, fica exposto que aquele texto é do jornal e subentendido que algum jornalista o escreveu.

As possibilidades de ninguém ter querido se responsabilizar como jornalista pelo texto ou o assunto não ter atraído tanto interesse do jornal para nomear seus autores também devem ser levantadas quando analisamos os escritos sob a perspectiva de autoria. Já sobre os textos assinados, foram 188 escritos por homens e 159 por mulheres. A diferença é pequena se considerarmos o corpus completo da pesquisa, de 1.029 textos. Sendo assim, ainda que os homens sejam maioria a assinar os textos publicados sobre o tema no jornal não concluimos se tratar de um dado relevante em relação ao corpus, visto que 76,3% das matérias não foram assinadas.

#### **4.2.3 Os anos entre 1986 e 2000**

Os primeiros 15 anos da análise foram marcados por uma quantidade reduzida de matérias, se compararmos com o total de textos coletados. De 1986 a 2000, foram publicadas 94 matérias. A quantidade chama atenção por corresponder somente a 9% do total. As matérias estavam distribuídas principalmente em duas editorias: Cidades e Caderno 2. Foram 30 textos na primeira e 29 no segundo. Em terceiro lugar, aparece a editoria de Polícia, com 14 textos.

Já em relação às palavras chaves que buscamos (Tabela 1), notamos que a que mais se destacou entre 1986 e 2000 foi feminista, seguida de feministas. Ou seja, o termo teve bastante uso na identificação das matérias. Na nuvem de palavras, outros termos também aparecem em destaque, como “movimento”, “mulher” e “feminismo”.



Figura 6 - Nuvem formada com as palavras chaves encontradas entre 1986 a 2000

Para avançar na aproximação com os termos buscados, montamos uma nova nuvem de palavras sem os termos mais recorrentes (feminismo, feministas, feminista, movimento, mulher e mulheres). Essa visualização (Figura 7) nos permite detectar alguns assuntos que tiveram a atenção da imprensa no período. Como por exemplo, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, criado em 1985 como um órgão vinculado ao Ministério da Justiça, cujo objetivo é promover políticas que eliminem a discriminação contra a mulher, além de assegurar a participação feminina em atividades políticas, culturais e econômicas do país<sup>22</sup>. Os textos associados a esse termo são engajados nas causas do feminismo brasileiro, como a participação das mulheres na elaboração da Constituição Federal, criada nesse período.



Figura 7 - Nuvem formada com palavras chaves entre 1986 a 2000, com exclusão de termos

<sup>22</sup> Informações do Ministério da Justiça. Disponível em < <http://www.spm.gov.br/assuntos/conselho> >

Com relação aos textos publicados no período, vemos muito engajamento político de mulheres feministas. Em 1986, por exemplo, a primeira matéria sobre o assunto é de Política e fala sobre o partido PMDB (recentemente renomeado para MDB) no Espírito Santo, que pretendia fazer uma reciclagem na sua estrutura e acolher lideranças de diversos grupos sociais, entre eles “os movimentos femininos”. Neste texto, temos apenas uma citação. Já uma outra matéria, na editoria de Polícia, registra-se que um grupo feminista, do Centro Integrado da Mulher, se uniu para protestar contra a discriminação da mulher na sociedade. Em um texto do mesmo ano, também se falou sobre a participação da mulher na política, o que evidencia a preocupação do movimento de se inserir em assuntos que poderiam mudar a vida da população, sobretudo das mulheres. Nela, há também a divulgação do Encontro Estadual da Mulher, previsto para acontecer naquele ano.

No primeiro ano analisado, foi comum encontrarmos uma participação ativa das mulheres como entrevistadas sobre assuntos relevantes, como saúde, educação e segurança pública, e a luta pelos direitos das mulheres. Nos registros, uma matéria chama a atenção: “Feminista alega que mulher é discriminada pela sociedade”, o que demonstra a demarcação do tema logo no título, apontando as lutas do movimento feminista em dois parágrafos de conteúdo. Por conta disso, o texto vai ser analisado com mais profundidade nas páginas finais deste trabalho, em que selecionamos os conteúdos que mais relevantes e representativos para uma análise do discurso. Nos anos seguintes, as abordagens são semelhantes, o feminismo é pauta de textos com temáticas sobre violência contra a mulher, direitos das mulheres, “protesto de ex-maridos cansados de pagar pensão”, e “protesto de mulheres sobre questões cotidianas e divórcio”. É nesse período que se começava a esboçar questões que, mais tarde, seriam mais elaboradas e levadas à diante a partir dos anos 2000.

#### **4.2.4 2000 – 2004**

Na nossa linha do tempo traçada pelos textos extraídos do Jornal A Gazeta, a partir dos anos 2000 vemos o número de matérias crescer em uma velocidade maior do que a experimentada nos 15 anos anteriores. Em 5 anos foram 218 textos. Certamente, existem fatores que influenciaram essa mudança de comportamento do jornal em relação às suas pautas, se compararmos com anos anteriores. Na história do movimento feminista, o ano 2000 foi

marcado pelo surgimento de uma “nova onda do feminismo”. Segundo Miklos e Cunha (2016), foi neste ano que surgiu a Marcha Mundial das Mulheres, um movimento feminista internacional que reuniu mais de 5 mil grupos de mulheres de 159 países. A Marcha foi uma ação conjunta contra a pobreza e a violência sexista. “Essa ação teve como função trazer o feminismo popular e militante de volta às ruas, o que impulsionou as mulheres a darem continuidade à marcha não como uma campanha, mas como um movimento permanente”. (MIKLOS; CUNHA, 2016). No Jornal A Gazeta, a Marcha Mundial também foi tema de conteúdos publicados, seja em notícias sobre manifestações do grupo no Espírito Santo, seja em artigos opinativos.

A maior parte dos conteúdos ligados ao feminismo no período de 2000 a 2004, no entanto, estava majoritariamente no caderno de cultura e entretenimento do jornal – Caderno 2 e Revista da TV –, nos quais foram encontrados 113 textos, dos 218. Política e Opinião também tiveram destaque, com 27 e 18 unidades informativas, respectivamente. Embora se vivesse um período de movimentação política e social do feminismo no país, a maior parte dos conteúdos estava em espaços que tradicionalmente são mais dedicados a produtos de ficção e diversos. Isso pode acontecer pela tendência de recurso à arte como forma de expressão de minorias, uma vez que esses espaços apresentam maior liberdade para se falar de assuntos que em outros territórios não são legitimados. Além disso, diz muito sobre a forma como o Jornal A Gazeta pautou a temática dos feminismos no período.

Em relação às palavras chaves buscadas (Figura 8), notamos o aparecimento, ainda que tímido no volume total de textos, de outros termos relevantes, como o Cfemea (Centro Feminista de Estudos e Assessoria), que foi responsável por emplacar algumas matérias no período. O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, visto no período anterior, continuou a aparecer nas pautas levando a questão política das reivindicações das mulheres para o debate. A palavra “libertação” também surge nesse momento do corpus e sugere o embalo dado pelos movimentos feministas sobre o pedido de liberdade feminina. Em alguns textos inclusive, fala-se da libertação da mulher a partir da arte, o que demonstra que o conteúdo localizado no caderno de cultura igualmente estava engajado com os propósitos feministas.

Por se tratar de um período menor que o anterior, se fizéssemos uma nuvem de palavras excluindo os termos mais recorrentes, teríamos uma conclusão semelhante à exposta acima,

com o aparecimento dos termos Cfemea, Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e libertação. Isso aconteceu porque havia menos palavras chaves diferentes nesse período do corpus e todas foram facilmente identificadas na nuvem principal (Figura 8).



Figura 8 - Nuvem formada com as palavras chaves encontradas entre 2000 e 2004

#### 4.2.5 Os anos de 2012, 2015 e 2016

A partir dos apontamentos inferidos através de uma leitura do Gráfico 1, que mostrou quantitativamente os textos publicados em A Gazeta ao longo dos anos, vimos que após o aumento expressivo de textos nos anos 2000, aconteceu uma estabilidade no número de publicações sobre feminismo nos anos seguintes até chegarmos em 2012 (Gráfico 2).

A maior parte dos textos com o feminismo de 2012 estava no Caderno 2 do jornal, assim como observado em outros períodos. Apesar disso, chamou a atenção o fato de a editoria Mundo, destinada a assuntos internacionais, ocupar a 2ª posição em relação às editorias daquele ano. Isso foi motivado por algumas situações que aconteceram no mundo envolvendo ativistas do movimento e que ganharam repercussão na mídia mundial. Uma delas foi o episódio envolvendo uma banda de punk feminista russa, a Pussy Riot, que teve três integrantes condenadas a dois anos de prisão por vandalismo, ao cantarem uma espécie de “oração punk” em um altar de uma catedral. Nesse mesmo ano, o grupo feminista Femen<sup>23</sup> também teve

---

<sup>23</sup> Femen é um movimento internacional de mulheres que começou na Rússia e atualmente tem sede em Paris. Segundo o próprio grupo, as ativistas costumam protestar com os seios à mostra e com coroas de flores. O corpo é usado como forma de expressão. Informações no site do grupo: [www.femen.org](http://www.femen.org).

destaque no jornal. As ativistas realizaram manifestações em vários locais do mundo, incluindo o Vaticano, local com característica mais conservadora católica em relação a diversos assuntos, sobretudo o aborto. As mulheres do Femen também foram notícia em outras editorias, principalmente, porque brasileiras que fazem parte do grupo realizaram manifestações no Brasil.

Em 2015, quando o número de textos começou a crescer novamente, repetindo o feito de 2016, observamos uma característica semelhante a 2012. Isso porque o movimento feminista voltou a ganhar força no país, principalmente com a efervescência da atividade de entidades feministas na internet. Foi nesse ano que surgiu a campanha divulgada por meio das hashtags #MeuPrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto, em que muitas mulheres relataram as situações de assédio sexual e moral já vividas. Também tivemos a aprovação da Lei do Feminicídio, que torna esse tipo de homicídio crime hediondo. A ONG brasileira Olga<sup>24</sup> publicou um infográfico para ilustrar o crescimento do feminismo na internet. Na imagem, o coletivo criou uma linha do tempo com os principais assuntos discutidos no ano.

Segundo o Olga, alguns fatos marcantes do ano fizeram com que a temática do feminismo tivesse mais menções na internet e na mídia tradicional (Figura 9). Alguns dos assuntos mencionados pela ONG podem ser encontrados em matérias de A Gazeta no ano de 2015. São eles:

- #MeuPrimeiroAssédio – depois de uma adolescente de 12 anos ser assediada após participar de um reality culinário infantil, mulheres passaram a relatar a primeira vez que foram assediadas. A hashtag foi usada mais de 100 mil vezes no Twitter.
- Mulheres no Enem – o tema da prova de redação foi “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”.
- #MulheresContraCunha – projeto de lei que dificulta o acesso ao aborto legal entrou em votação, motivando protestos em todo o país.
- #AgoraÉqueSãoElas – homens cederam espaço na mídia para que mulheres pudessem publicar textos feministas
- #MeuAmigoSecreto – mulheres denunciaram atitudes machistas que passam despercebidas no cotidiano.

---

<sup>24</sup> A Olga é uma ONG feminista criada em 2013, com o objetivo de empoderar mulheres por meio da informação. Site do grupo: [www.thinkolga.com](http://www.thinkolga.com).



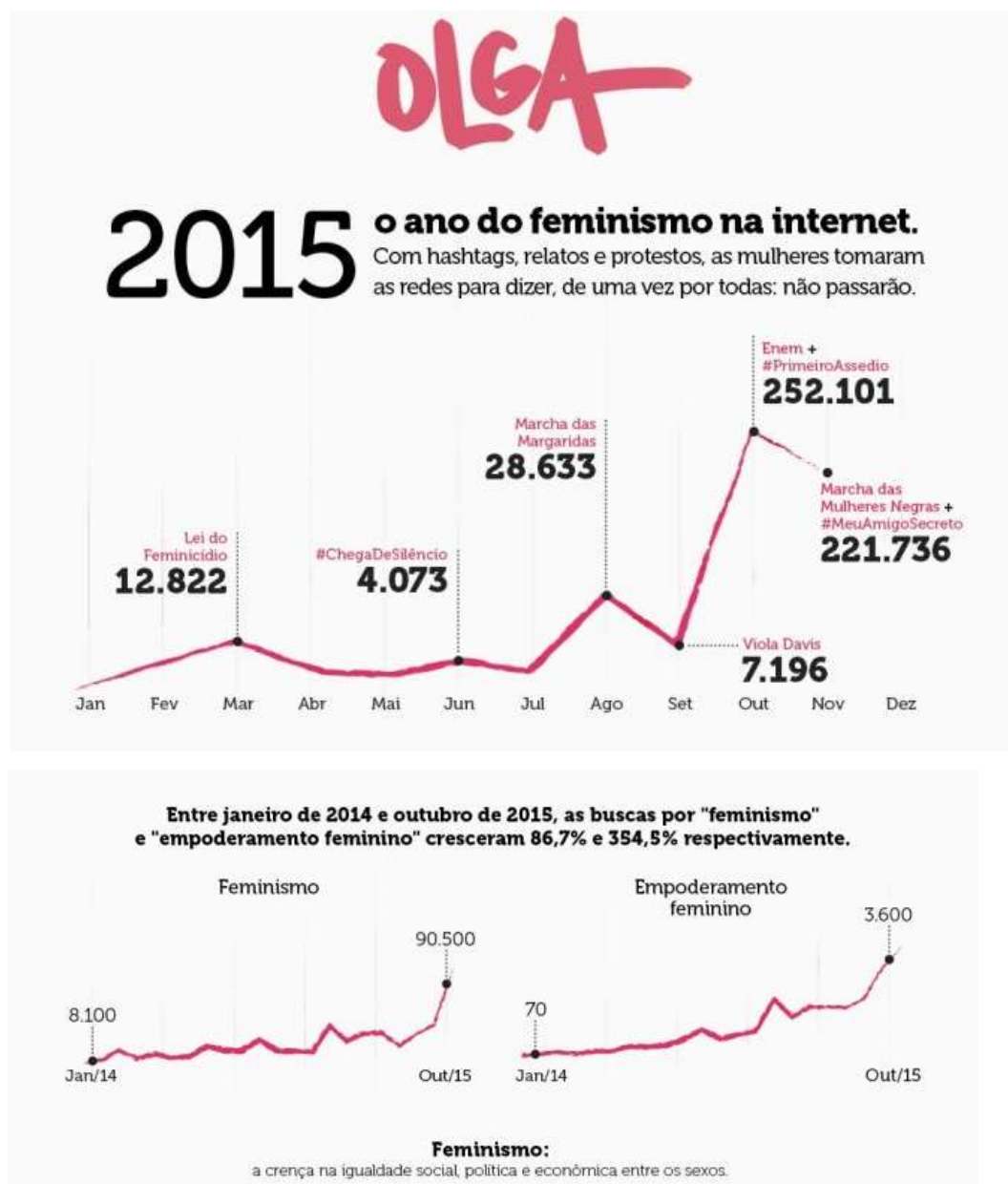


Figura 9 – ONG mostra a repercussão do feminismo nas redes sociais em 2015

#### 4.3. PRIMEIRAS ANÁLISES

A análise das palavras identificadas será feita usando outra plataforma online, o *WordTree*<sup>25</sup>, que oferece recursos de visualização de palavras chaves em contexto (KWIC – Keyword-in-

<sup>25</sup> Desenvolvida por Jason Davies, a partir de uma técnica criada em 2007 pelos pesquisadores Martin Wattenberg e Fernanda Viégas, a árvore de palavras torna mais fácil explorar repetições dentro de um contexto. A técnica usa uma estrutura de árvore para apresentar as palavras ou frases que seguem o termo particular pesquisado e as organiza espacialmente. Essa simples interação facilita as análises com um corpus amplo, identificando padrões e se aprofundando nos detalhes. Disponível em: <[www.jasondavies.com/WordTree](http://www.jasondavies.com/WordTree)>

O programa faz isso em formato de árvore de palavras, o que facilita explorar ainda mais o contexto em que as palavras estão inseridas. Inicialmente, faremos as análises por palavras que aparecem com mais frequência no corpus da pesquisa, levando em consideração a forma como ela está inserida nas frases e o seu contexto.

## Não

novidade.

mocinha

não é uma

Ela foi descrita pela primeira vez em 1689 em uma moça de 17 anos. Em 1930, Todos os meus discos passaram por esse mesmo processo, mas pouca gente sabe que só ama, também sonha ser feliz por ela. Não pensa em depositar no cara toda em perigo como nas telenovelas mexicanas. Ela é tão boa espadachim quanto o G situação fácil. Ao contrário do prognóstico de que essas mulheres trabalhando para o governo estariam em al obra 100% inédita, mas tem o mérito de trazer raridades como "Se quiseres chorar", uma das letras de Dolores personagem adocicada: Bridget Jones trabalha especialmente com o humor. A identificação é imediata porqu relativista. Sabe que a cultura afegã é bem diferente da norueguesa, mas diz que "uma mulher é uma mulher, líder feminista, mas está defendendo a tese de que eleger uma mulher é um avanço. O mais próximo que Pali ameaça e não vai produzir armas nucleares. Por outro lado, não avalizou as sanções econômicas ao Irã, que e característica só da renda, mas em todo o artesanato. Acho que pode existir uma interpretação nova a partir c tarefa das mães fáceis, apesar de hoje se comemorar 86 anos da institucionalização do Dia Internacional da M cidade simpática. Faltam-lhe as flores da Escócia, a gentileza britânica e a alegria irlandesa. É fela até! doutrina em si, mas uma atitude e uma forma de entender e de viver a doutrina. A atitude fundamentalista si geografia, é um estado de espírito. Ao público cabe identificar tudo isso, ligar os pontos, reconhecer as mil na cópia do homem. O texto, segundo o jornal, volta a proibir que mulheres se tornem padres, mas sugere que e continuidade de "Shrek". "É o mesmo personagem em um outro universo. É uma história de origem, mas não graça? Além do exposto, "O país do futuro" intriga no capítulo "Algumas coisas que amanhã talvez hajam des sentença de fracasso, afinal, como sabiamente definiu Zweig, o Brasil tem uma característica ímpar: "Onde ju obrigação. Se não estiver a fim, peço um delivery. Uma vez por mês, uma galera da novela tem ido jantar lá e questão de ser coralosa. Estou apenas exercendo um direito meu". A atriz também critica a atuação dos papas

90

Esse dado mostra um aspecto da estratégia do discurso feminista, de assumir atitudes de negação em relação aos modos como a sociedade se organiza. Em alguns aspectos, no discurso presente em A Gazeta, essa atitude pode parecer mais defensiva do que propositiva. No entanto, se olharmos sob outra perspectiva, observamos que ao longo dos anos, há muito do que se negar e transformar em relação à igualdade de direitos para as mulheres. Talvez seja por isso que o movimento tenda a adotar a negação como expressão de uma tomada de posição contra a uma situação dada e recalcitrante, que tem transformado o mundo, ou pelo menos bons bocados em ambientes hostis para as mulheres. Acredita-se que superado esse ponto teremos um espaço mais propositivo, de transformações positivas para as mulheres na sociedade.

Alguns exemplos ilustram as várias aplicações do advérbio de negação. Em uma matéria de 1996, publicada no Caderno 2 do jornal, mostra uma citação direta da pensadora feminista Simone Beauvoir, para ilustrar sobre as situações de discriminação pelo qual as mulheres sofriam (e ainda sofrem).

Como dizia a escritora francesa Simone de Beauvoir, "Não se nasce mulher; torna-se". Mas neste final de século, fazer-se mulher tornou-se um desafio cotidiano. É que entre buscar a igualdade de direitos e estabelecer as diferenças dos gêneros (masculino e feminino), fica faltando ainda acabar com a discriminação.

(BRAVIN, Adriana. As relações da diferença, 07 de março de 1996, Caderno 2, A Gazeta)

Ainda na mesma matéria, a palavra não aparece em outros momentos, o que provoca uma repetição do discurso de que a situação da mulher não está dentro dos padrões ideais que o movimento feminista em questão busca.

No dia-a-dia de mulheres de todas as classes sociais a discriminação continua sendo a pedrinha no sapato, apesar dos avanços alcançados ao longo de mais de 40 anos de movimento feminista. Principalmente no mercado de trabalho, cada vez mais competitivo, onde a situação não é diferente.

(BRAVIN, Adriana. As relações da diferença. 07 de março de 1996. A Gazeta. Editoria: Caderno 2)

O advérbio também foi usado para mostrar a negação na aceitação das mulheres em algumas esferas da sociedade. Em uma matéria de política de 1986, cujo título é “PFL de Cariacica perde mais de 300 filiados para PDC”, mostra que o fato de o partido não aceitar a filiação de 144 mulheres e jovens fez com que todos deixassem a sigla e partissem para outra.

Segundo Faria, o alijamento começou com a disposição do PFL em não aceitar 144 filiações [de mulheres] feitas pelo grupo para o partido. O problema foi parar na Justiça e o juiz eleitoral Jorge Góes obrigou o PFL a inscrever os eleitores que assinaram a ficha do partido.

(A GAZETA. PFL de Cariacica perde mais de 300 filiados para PDC. 06 de abril de 1986. Editoria: Política)

Um outro destaque está em uma matéria de 1998, que fala sobre a retomada de temas feministas em um tom mais pacífico e sobre o mesmo espaço para homens e mulheres. O texto, escrito por duas jornalistas, já traz a negação como a primeira palavra do texto:

Não foi com o objetivo de mudar a mulher que surgiu o feminismo, no início da década de 60 no Brasil, e sim a relação com o homem e seu papel na sociedade.

(AGUIAR, Sandra; HOLZMEISTER, Silvana. Guerra de sexos, que guerra? 08 de março de 1998. A Gazeta. Editoria: Caderno 2)

E continua a trazer as negações para marcar o caráter recente das mudanças nas relações de poder e dominação entre homens e mulheres e:

Não tem tanto tempo assim que aquelas donas de casas deixaram de se resignar com o papel secundário e foram para as ruas exigir seus direitos de cidadãs, mas isso parece distante da realidade das meninas de 15 a 20 anos de hoje, as mulheres do ano 2000

(AGUIAR, Sandra; HOLZMEISTER, Silvana. Guerra de sexos, que guerra? 08 de março de 1998. A Gazeta. Editoria: Caderno 2)

Nessa matéria, o jornal faz uma previsão do que pode acontecer no século seguinte, já que os anos 2000 despontariam em breve e era tempo em que se especulava sobre o que viria pela frente. Embora os aspectos levantados pelo jornal de fato existam, as várias vertentes do feminismo mostram que a situação atual não é exatamente a que foi prevista.

Na fala de uma das entrevistadas dessa matéria, é possível identificar alguns aspectos importantes que devem ser levados em consideração sobre como o feminismo era visto na época.

Hoje o feminismo perdeu o sentido, porque a mulher não quer ser melhor do que o homem, somos equivalentes, apesar de a realidade ainda não refletir isso", compara Cinthya Andrade de Paiva Gonçalves, 22 anos, estudante de Direito da Ufes.

(AGUIAR, Sandra; HOLZMEISTER, Silvana. Guerra de sexos, que guerra? 08 de março de 1998. A Gazeta. Editoria: Caderno 2)

O primeiro é de que ele tenha perdido o sentido, porque supostamente pregaria a supremacia das mulheres em relação aos homens. No entanto, pelo que vimos no Capítulo 2 deste trabalho, essa é uma visão distorcida do feminismo, uma vez que a busca é pela igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Já o segundo ponto de atenção é sobre o fato de a equivalência entre homens e mulheres ainda não ser encontrada na sociedade, uma constatação da época que ainda persiste nas análises sobre a situação das mulheres hoje. Elas continuam com salários menores do que os homens, mesmo que exerçam a mesma função; continuam sofrendo violências múltiplas e não tendo reconhecimento por parte da sociedade.

Essa mesma matéria é finalizada com frases que reforçam o machismo presente na vida das mulheres da época. Elas se referem ao fato das mulheres preservarem a virgindade e agirem da forma como a sociedade espera que elas ajam, reprimindo sua sexualidade.

A estudante Gisela de Souza, 16 anos, conta que conversa muito com as amigas sobre casamento e tem notado que muitas têm vontade de preservar a virgindade e cumprir todo o ritual da cerimônia. "Só a minoria quer o contrário", ressalta, justificando que o homem está dando mais valor à mulher que é independente, mas não é solta, aquele tipo que não namora com todos. "Não acho que seja por causa da Aids, porque muitos não têm medo. É uma coisa da própria sociedade", acrescenta (AGUIAR, Sandra; HOLZMEISTER, Silvana. Guerra de sexos, que guerra? 08 de março de 1998. A Gazeta. Editoria: Caderno 2)

Uma outra matéria, de 1999, escrita para o Caderno 2, conta a história de uma mulher que foi homenageada no Dia Internacional da Mulher, e traz um texto sobre o que querem as mulheres nessa data comemorativa.

Para explorar a temática, a autora fala sobre uma pesquisa desenvolvida por Maria Beatriz Nader (professora da Ufes), que estudou a vida da mulher após o divórcio. A palavra não, aqui neste caso, reforça a inexistência de motivos para se comemorar o Dia Internacional da Mulher. Essa construção se repetiu em outras ocasiões do mesmo dia.

A pesquisa ouviu 130 mulheres no Estado revelando a tendência do fim da família tradicional e que elas se sentiam mais felizes sendo "donas de seu nariz". Apesar do aparente avanço, Maria Beatriz não vê motivos para comemorações neste Dia Internacional da Mulher. "Os casos de violência

contra as mulheres aumentaram, até porque elas se tornaram alvo, por serem donas de seu destino" opina. Mesmo tendo galgado profissões em várias áreas antes restritas ao homem, a pesquisadora acha que a mulher ainda levará uns 20 anos para se equilibrar. Há o dilaceramento emocional. "A briga pela igualdade foi superada. Hoje buscamos ressaltar as diferenças", explica. (FRIZERRA, Rose. Depois da Revolução Feminista, a busca equilibrada das emoções. 08 de março de 1999. A Gazeta. Editoria: Caderno 2)

## Mulher

Com o *Voyant*, é possível pesquisar de uma só vez palavras que possuem a mesma construção morfológica. Quando pesquisamos o termo mulher, por exemplo, o programa nos oferece, ao mesmo tempo, palavras com a mesma morfologia ou suas derivadas, como mulheres, mulherada, mulherzinha, mulherio, mulherão, mulherengo e mulherzinhas. Nessa busca por mulher e suas variações, encontramos 3.952 aparições ao todo.

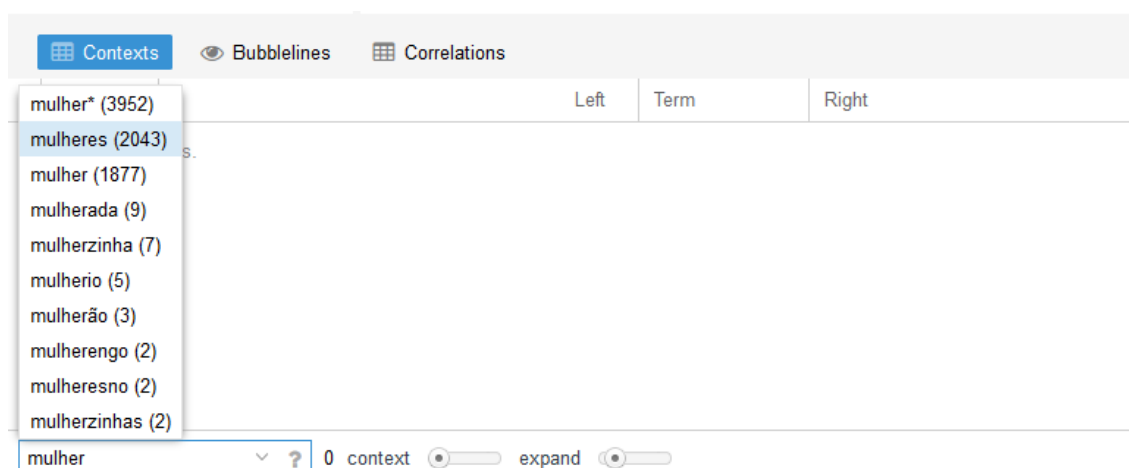


Figura 11 - Imagem mostra a busca por termos para identificar os contextos no *Voyant*

Entre as variações que aparecem, a palavra "mulherada", apesar da baixa recorrência, chama a atenção para o tom informal. Ao observar o contexto, elas estão aplicadas em situações cotidianas ou opinativas em relação à mulher, como por exemplo, "a mulherada deveria se desfazer os ideais românticos", "mulherada está matando a cobra e escondendo o pau", "acho que a mulherada sente falta do tempo em que havia aquela divisão de mulher em casa e homem na rua" ou ainda "alertando a mulherada para que elas possam mudar suas posturas e serem cada vez mais respeitadas".

Uma outra palavra que foi analisada mulherzinha, que foi usada como função de adjetivo. A maior parte das aparições dessa palavra tratava de formas de classificar algo como sendo “de

mulherzinha”. Por exemplo, “cinema de mulherzinha”, “filme de mulherzinha”, “papo de mulherzinha”, “fulano é mulherzinha”, “literatura de mulherzinha”, “cinema-mulherzinha”.

A variação oposta, mulherão, foi encontrada três vezes ao longo de todo o corpus e em todas as aparições levantou-se o debate sobre o uso de mulherão, substantivo masculino, para se tratar de uma mulher exuberante e atraente. As três frases em que estão a palavras são: “mulherão é palavra masculina (como a maioria dos aumentativos –ão)”, “mulherão é masculino” e “Em português, se eu disser que Vera Fisher é um mulherão, estarei usando o masculino para fazer um elogio à exuberante feminilidade da atriz”.

Algumas frases se destacaram na busca pelo termo “mulher” com o WordTree (Figura 12), no qual encontramos uma visualização mais ampla e aberta do conteúdo dessas matérias.



Figura 12 - Palavras relacionadas ao termo “mulher é” no WordTree

Somente com a associação do verbo ser e a palavra “mulher” dá para identificar narrativas em que a mulher se insere e que estiveram presentes nas páginas do jornal ao longo desses 31 anos. Embora tenha qualificações positivas, associadas às características da mulher, também há adjetivos e construções pejorativas.



Como referências positivas, vemos: “Mulher é mais econômica”, “Mulher é mais profunda”, “Mulher é mais seletiva”, “Mulher é a mola-mestra que impulsiona o mundo”, “Mulher é a vida”, “Mulher é a parte boa”, “Mulher é um avanço”, “Mulher é um sonho para o homem”, “Mulher é um processo histórico”, “Mulher é capaz de quase tudo”, “Mulher é capaz de ver o lado humano”, “Mulher é a grande romântica da relação”, “mulher é cuidadora”, “mulher é bom demais”, “mulher é metáfora”, “mulher é multiorgástica”.

E negativas, há: “mulher é sempre a vítima da questão”, “Mulher é agredida em seu próprio lar”, “mulher é sempre bom ter de reserva”, “Mulher é uma Barbie”, “mulher é igual chuchu, se pular a cerca o vizinho come”, “mulher é escrava do espelho”, “mulher é espancada no país”. Nessas situações negativas, encontramos uma demonstração das discriminações, preconceitos e violência simbólica e física que as mulheres sofrem. Quando observamos essas frases negativas acima, vemos reflexos do discurso machista ganhando espaço nas páginas do jornal. Mesmo que tais matérias não sejam maioria, apontam para um problema que é evidente e que é denunciado pelo feminismo.

Em outras construções como: “A mulher na...” é possível identificar o contexto social e os espaços de atuação dessas mulheres que aparecem no jornal. Na imagem abaixo (Figura 13), identificamos como contextos, a sociedade, a vida política, a história, a música, a cultura, a literatura, entre outros. O destaque maior é para a sociedade e vida política, que lideram as ocorrências no corpus da pesquisa. O que demonstra que a mulher ainda exerce papéis importantes que foram ressaltados no jornal, com as matérias que tratam de assuntos relacionados à vida em sociedade.



Figura 13 - Palavras relacionadas ao termo “mulher na” no WordTree



Uma outra relação que pode ser feita na visualização produzida pelo *WordTree* é entre a palavra mulher e o advérbio “não” (Figura 14), já apresentado na primeira análise, que se mostra com o maior número de ocorrências. Entre as que se destacam estão: “mulher não é sexo frágil”, “mulher não é difícil”, “mulher não é enigma”, “mulher não é cópia do homem”, “mulher não quer ser melhor que o homem”, “mulher não quer amor a seus pés”, “mulher não pode se deixar levar pela revolução da modernidade”, “mulher não deve se autodefinir”, “mulher não deve ter medo de sua história”, “mulher não deve desprezar o homem que tem qualidades que ela não tem”, “mulher não gosta de correr riscos”, “mulher não gosta de brigar”, “mulher não tem critério”, “mulher não tem essa dependência financeira”, “mulher não chegará a lugar nenhum se o casamento continuar a existir”.

Essas frases negativas presentes no jornal, apontam discursos extremados sobre vários temas que envolvem o universo feminino, ao mesmo tempo em que define conceitos (a mulher não é), desejos (a mulher não quer), obrigações (a mulher tem, deve ou pode fazer). A partir disso, podemos inferir que os discursos sobre a mulher no jornal ainda partem de pressuposto de idealização e direcionamento das atitudes que seriam as corretas a serem tomadas, lançando mão de um preceito básico dos feminismos em geral que é a luta da mulher pela liberdade de escolher fazer o que quer fazer sem ser questionada por isso.



Figura 14 - Palavras relacionadas ao termo “mulher não” no *WordTree*

O uso do pronome relativo “que” antes da palavra “mulher” também indica algumas abordagens feitas sobre as mulheres no jornal, nas matérias relacionadas ao feminismo. Uma, que chamou a atenção nesse ponto, foi sobre o aborto de mulheres que se relacionaram com padres. O texto é fruto de uma entrevista com a feminista Fátima de Oliveira, uma das 50 brasileiras indicadas para o Prêmio Nobel da Paz de 2005. Ela tinha acabado de lançar o livro “A hora do Angellus”, um romance que narra amores, abortos e abandono, num universo de padres e freiras. Na entrevista, é possível identificar a forma subalterna a que a mulher é submetida pela Igreja e denúncias o alto número de abortos realizados por freiras, o qual a matéria, em forma de entrevista pinguê pinguê divulgava.

A Igreja não respeita os direitos sexuais e reprodutivos dos seus religiosos. O livro parte dessa concepção. Uma igreja que mantém a castidade e o celibato forçados, exerce uma forma de violência sobre os direitos sexuais e reprodutivos das pessoas. Isso configura uma forma de violência, porque a Igreja usurpa o direito à paternidade dos seus religiosos e, em geral, obriga as religiosas que engravidam a serem mães.

**Elas têm que se afastar das suas congregações?**

Exatamente. Os padres podem ter filhos na clandestinidade, não assumir e continuar sua vida religiosa.

**Seu livro narra uma história do gênero.**

Sim, é a história de uma mulher que se relacionou afetiva e sexualmente com três padres. Ele aborda a situação de subalternidade das mulheres na Igreja, a vivida por padres, freiras. Há um número expressivo de freiras que abortam, se querem continuar na congregação religiosa. No geral, padres querem que a mulher que deles engravida aborte

(FELIZ, Cláudia. 75% das mulheres foram, são ou serão alvo de violência. 14 de agosto de 2005. A Gazeta)

Uma outra matéria, anos mais tarde, também fala sobre o aborto e usa um discurso indireto para informar o que as feministas querem quando pedem a legalização do aborto.

As feministas afirmam que a mulher tem direito sobre o próprio corpo. Mas isso muda a partir do momento que elas têm dentro de si uma vida frágil que se inicia. Concordamos que a vida das mulheres também deve ser preservada, mas não há justificativa para a liberação porque as mulheres morreriam menos por abortos clandestinos. O que precisa acontecer é o Estado oferecer políticas preventivas de pré-natal. O aborto é crime em qualquer situação, apenas algumas são toleradas e não penalizadas. Legalizar não vai resolver nenhum desses problemas

(A GAZETA. Direito à vida é inviolável. 28 de fevereiro de 2007. Editoria: Cidades)

## Ela

O pronome pessoal ela apareceu 1355 vezes ao longo do arquivo. Na maior parte das vezes, usado como sujeito de orações e acompanhados de um complemento que descrevia quem é a mulher a que o texto se refere. Em um desses casos, “ela” precede o verbo ser. Na construção “ela é”, conseguimos identificar diversas formas como a mulher é apresentada e descrita pelo jornal (Figura 15). Anteriormente, já vimos como são descritas quando temos “mulher é”. São muitas as formas encontradas, de temáticas políticas a casos sobre o cotidiano. “Ela é uma ministra atenta”, “ela é uma anarquista disfarçada”, “ela é uma heroína do seu tempo”, “ela é uma mulher negra”, “ela é do PT de São Mateus”, “ela é do Coletivo DasMina”, “ela é um ícone”, “ela é poderosa”, “ela é solitária”, “ela é inteligente, bem resolvida e consegue articular bem as questões de família”, “ela é mãe de família”, “ela é o símbolo do movimento Marcha das Vadias” estão entre os exemplos encontrados. Na árvore de palavras abaixo é possível identificar como essa construção aparece no corpus.

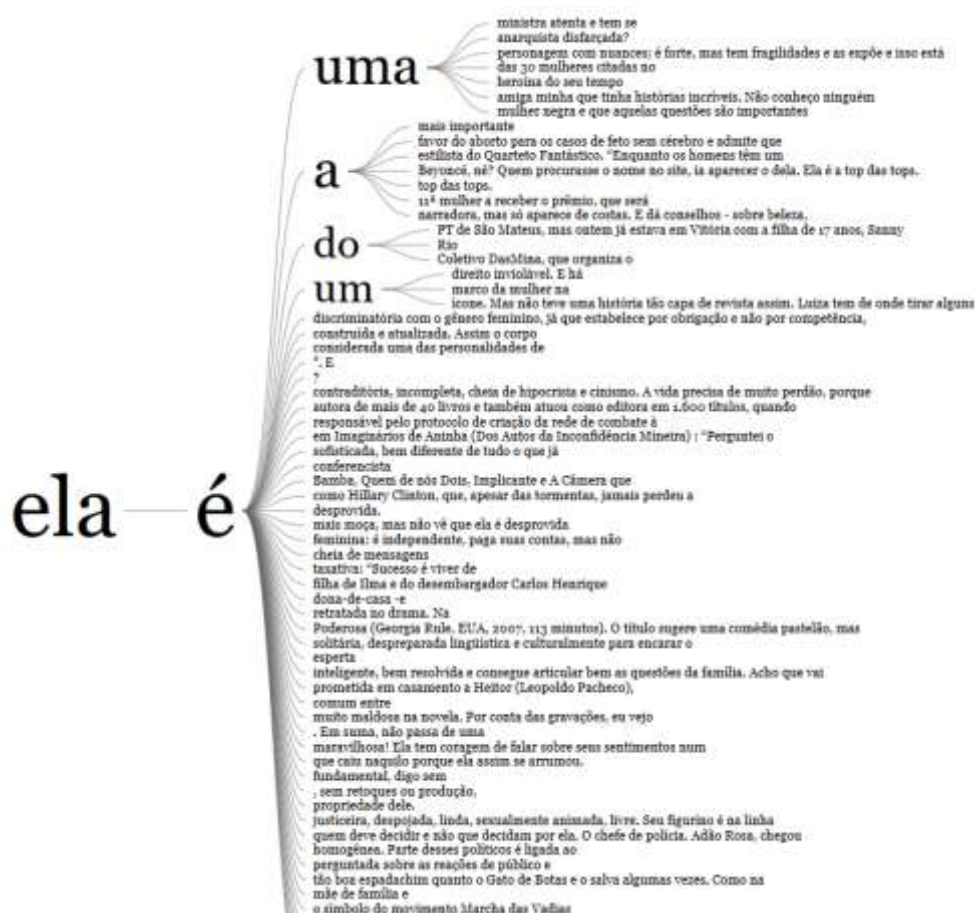


Figura 15 - Palavras relacionadas ao termo “ela é” no WordTree

Quando associamos a palavra ela com a negação, também encontramos vestígios interessantes da forma como o movimento está presente nas páginas do jornal. “Ela não aceita receber ordens porque sabe o valor de sua contribuição para a família”, “ela não é mais uma mãe”, “ela não se deixa abalar”, “ela não é o problema”, “ela não tem que ficar dependendo de uma pessoa” aparecem como uma forma de reforçar o posicionamento de mulher forte, impositiva e que não aceita ser coadjuvante na construção social.

Já no caso de “ela foi”, identificamos algumas personagens históricas e a forma como elas são descritas pelo jornal. “Ela foi a primeira mulher escolhida democraticamente para o cargo no país”, “ela foi a primeira mulher a ocupar um cargo alto no Espírito Santo”, “ela foi um grande ícone americano”, “ela foi a única capixaba a receber a Comenda Ordem do Rio Branco, a maior honraria que um brasileiro pode receber”.

Ainda na construção da frase “ela foi” também encontramos associações negativas em relação a mulher: “ela foi xingada mais duas vezes”, “ela foi agredida em sala de aula”, “ela foi rejeitada pelo primeiro amor”, “ela foi morta por dois guardas”.

Em “ela tem” encontramos outros aspectos interessantes do discurso presente nas matérias. Fala sobre a obrigação das mulheres e do que fazem em áreas diversas como política, cultura e entretenimento. Veja os exemplos: “ela tem a missão de recrutar mais mulheres”, “ela tem a voz mais particular do rock”, “ela tem que ficar longe dele”, “ela tem desempenhado um papel marcante no trabalho”, “ela tem coragem de falar sobre seus sentimentos”, “ela tem um grande coração”.

## **Homens**

A palavra “homens” apareceu 632 vezes no corpus. Em uma quantidade considerável de vezes, surgiu em destaque ao lado da palavra “mulheres” (Figura 16). Isso porque muitos textos falavam sobre a igualdade entre homens e mulheres, como “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”, “homens e mulheres são igualmente capazes”.

Quando pesquisamos a palavra homens junto com o advérbio de negação “não”, identificamos também uma série de negativas em relação à figura masculina e ao seu comportamento – “homens não estão nem aí para os problemas das mulheres”, “homens não são civilizados”,

[illegible]

**Ele**

O pronome ele também aparece em destaque no corpus de pesquisa com 868 menções (Figura 17). Em alguns casos, é usado para falar sobre os homens ou sobre objetos, como por exemplo, encontramos o “ele” para se referir ao anticoncepcional. Apesar disso, na maior parte das vezes, “ele” vem com a intenção de substituir a repetição da palavra homem, que nesse corpus aparece menos vezes que “ele”.

O pronome ele também aparece em destaque no corpus de pesquisa com 868 menções (Figura 17). Em alguns casos, é usado para falar sobre os homens ou sobre objetos, como por exemplo, encontramos o “ele” para se referir ao anticoncepcional. Apesar disso, na maior parte das vezes, “ele” vem com a intenção de substituir a repetição da palavra homem, que nesse corpus aparece menos vezes que “ele”.

Figura 17 - Palavras relacionadas ao termo “ele é” no *WordTree*



## Vida

O substantivo “vida” apareceu 708 vezes nesses 30 anos de matérias levantadas sobre o feminismo. Em alguns casos, ela apareceu para descrever a vida de alguma figura histórica: “a vida de Simone [Beauvoir] foi marcada por pequenas tragédias”, ou “o homossexualismo marca também a vida de Virgínia Wolf”. Ou ainda para descrever aspectos da vida pessoal, social, política, sexual e cultural das mulheres.



Figura 18 - Palavras relacionadas ao termo “vida de” no WordTree

## Feminista

Uma das palavras mais significativas se quisermos compreender como os feminismos estão presentes no jornal nesses 30 anos é verificar como a palavra “feminista” aparece no corpus, 608 vezes. Se somarmos com “feministas”, que apareceu 337 vezes, temos 945 ocorrências.

Quando associamos “feminista” à conjunção conectiva “e”, observamos (Figura 19) alguns vestígios de quem são as feministas que falam no jornal, principalmente sobre aquelas que são as personagens das matérias. Por exemplo, “feminista e ambientalista”, “feminista e especialista em Direito da Mulher”, “feminista e militante de esquerda”, “feminista e ativista contra o racismo”. Também identificamos feminista como uma oposição à sensualidade, como se uma mulher que luta pelos direitos das mulheres precisasse de um certo esforço para além de ativista

feminista—e

a luta pela participação da mulher no cenário político e cultural. Era uma batalha incipiente e que fecundou a mulher passou a competir por um lugar ao sol nos escritórios. Ficou praticamente impossível criar movimentos

## as culturas afrobrasileira e LGBT

anti-racista. Tem um preço? Sou feliz com as opções que fiz na vida. Tenho a profissão que escolhi, casei com os  
teorias recentes do conhecimento científico nos encorajam a decidir que ao invés de vermos castigo como nosso  
queria escrever coisas para a mulher pensar. Falávamos de sexualidade, comportamento, saúde, moda, educação,  
femininas, mas com o pé na contemporaneidade. Essa rica mistura sonora pode levar os ouvintes mais experimen  
de todos que batalham pela consolidação da democracia brasileira. Transformar a situação de sub-representação  
um dos cartazes falava sobre a questão de gênero, dizendo: não importa o sexo que eu nasci biologicamente e sim  
retrata situações machistas, homofóbicas, transfóbicas e elitistas em seu trabalho. “A palavra feminismo tem um  
suas vertentes. “Quero incentivar todos a aceitarem a própria identidade e não se sentirem inseguros ao expressar  
uma rede em defesa da mulher. E conseguimos isso com a tecnologia, com a internet. Então a impressão que se  
especialista em direito da mulher, Flávia Vercelli, durante a realização do 15º painel do “O Espírito Santo na Co  
lutam pela justiça social, para homens e mulheres, indistintamente, mas não deixam de revelar que a condição fo  
Liderança”; “Mulher e a Mídia; “Mulheres Negras, Índias e deficientes – no Processo de Colonização e Transfor  
que, embora não militem diretamente na entidade, podem contribuir com suas experiências”, explica. Será após  
advogada Ivone Vilanova avalia: “As Delegacias da Mulher do Espírito Santo atualmente são as piores da região  
avançadíssima para os padrões da Inglaterra vitoriana. Se comprovada, acredita o pesquisador, a descoberta mo  
hippie ditavam regras. Para equilibrar, vestidos justos nos braços e mangas bufantes. n. Anos 80: Mais um conto  
ambientalista, subindo e descendo os rios para conscientizar extrativistas e porteiros de seus direitos. A indígena  
presidenta da OAB-Mulher-ES A vigilância feminista Ela lei indiscutivelmente é um avanço conquistado pelos  
também não faz nem de longe o gênero didático. “Queríamos um texto divertido, que tratasse os temas do dia-a  
existencialista proposta por Lina Chamie -, “Mutum” recebeu a honra de encerrar a tradicional Quinzena dos Re  
sobre afro-descendência. Além disso, obtivemos notas máximas nas avaliações feitas recentemente”, afirma Dile  
direcionada ao que o júri oficial queria ouvir, confirmou tratar-se de uma candidatura orientada para estar na hora  
reclamação. É uma comédia para rir mas também para acordar”, explica a atriz Inez Viana, em entrevista por tele  
pedindo trouxas de roupa suja. E que máquina de lavar que nada! O negócio é tanquinho! Nos bastidores da Ma  
o pai, pastor protestante que virou liderança entre professores. Com discografia de quase cinquenta álbuns, Fale  
negra. RTV090314GZ Para Vivianne Pasmanter, uma estrela. Quando ela entra em cena na novela “Em Família  
integrante do Coletivo Feminista – um grupo articulado de mulheres capixabas que luta pelos seus direitos por n  
ainda ser sexy.” OP1190314GZ Homens e mulheres: novas relações criativas A criatividade é a dinâmica do própri  
militante de esquerda Hildete Pereira de Melo sai em defesa da ministra Kátia Abreu, cuja escolha é muito critic  
levou a tradição das rendas renascenças, produzidas por essas mulheres, para a passarela o maior evento de mo  
ativista contra o racismo, Bárbara da Silva, 29, nasceu em Cachoeiro e hoje vive no Rio, onde faz doutorado em L  
ela nasceu por algumas situações de assédio e falta de respeito só pelo fato de ser mulher. É muito difícil conviver

Já quando o termo vem junto com a conjunção “que”, encontramos exemplos (Figura 20) da luta dentro do movimento: “feminista que lutou pelo direito de voto das mulheres”, “feminista que dizia que lugar de mulher não era no fogão ou no tanque”, “feminista que superou os preconceitos”. Com essa mesma relação, também encontramos sinais do preconceito evidente com as mulheres feministas. Podemos identificar isso na oração: “as mulheres não cansam de exigir igualdade em relação aos homens. Mas, no fundo, não há causa feminista que faça dispensar um gesto cavalheiro. Quando o assunto é diversão, então, os privilégios quase sempre são delas”.

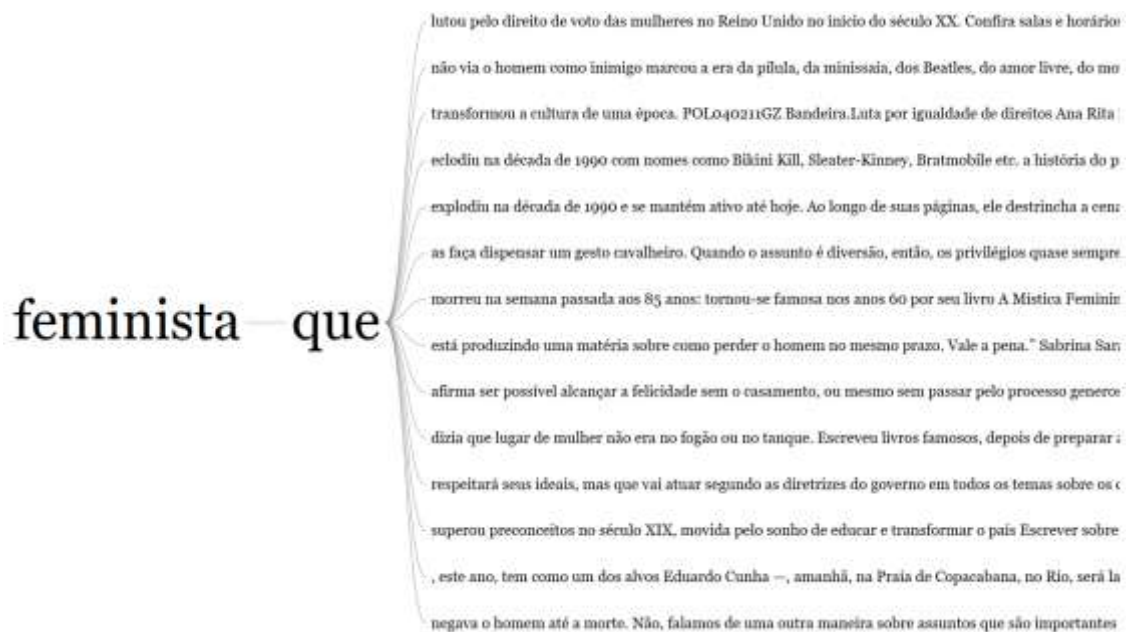


Figura 20 - Palavras relacionadas ao termo “feminista que” no *WordTree*

Quando a pesquisa no *WordTree* é feita com a palavra-chave “feministas” (Figura 21), encontramos termos semelhantes à busca por feminista, no singular, mas é possível identificar mais aspectos da coletividade do movimento. “Feministas que nos apontam quão profundas são as raízes da dominação das mulheres” e “discussões feministas que têm como foco a mulher e sua posição da sociedade” estão entre os exemplos.

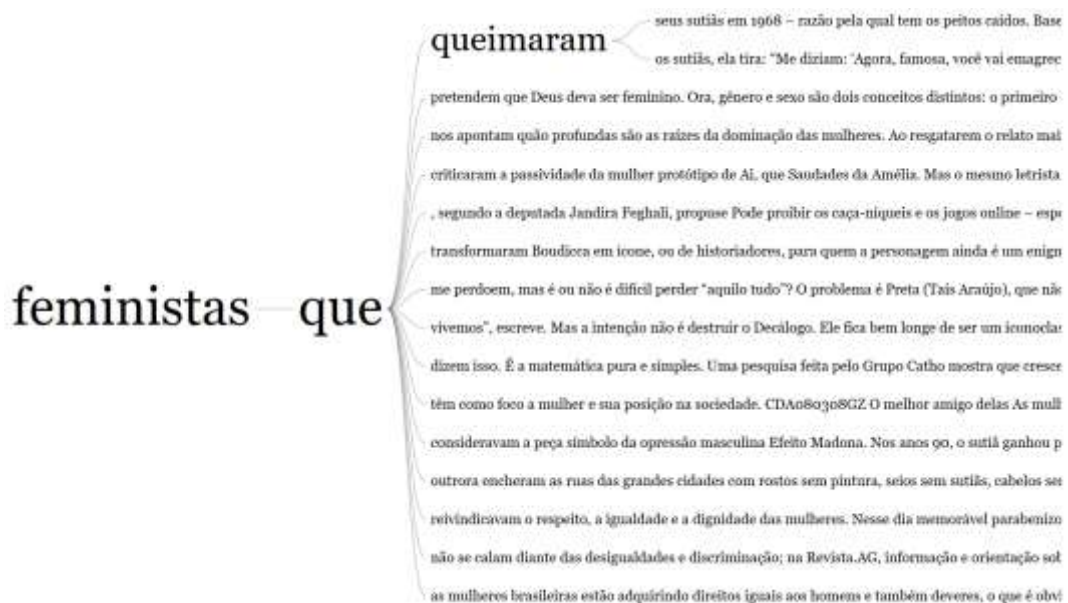


Figura 21 - Palavras relacionadas ao termo “feministas que” no *WordTree*



## Contra

Na luta pelos direitos das mulheres, as feministas precisam se posicionar contra diversos aspectos da vida em sociedade. É por isso que a palavra “contra”, quando aparece no corpus da pesquisa, ganha relevância, à medida em que mostra características fundamentais do feminismo presente nas páginas do jornal. São mulheres que lutam contra o machismo, o regime militar, o capitalismo, a violência doméstica, a violência sexual e contra a transfobia.



Figura 22 - Palavras relacionadas ao termo “contra o” no *WordTree*

## Violência

O aparecimento de “violência” (Figura 23) em destaque no corpus aponta para um problema evidente ao qual o movimento feminista se opõe, sobretudo no Espírito Santo, estado que sempre figura entre os que registram maiores índices de violência contra a mulher do país<sup>26</sup>. “Contra” foi o termo que mais apareceu associado à violência e sempre em relação à violência contra a mulher, como é possível observar na árvore de palavras abaixo.

<sup>26</sup> Dados do Mapa da Violência 2015: Homicídios de Mulheres. O Espírito Santo figurava-se como o segundo estado do país com mais homicídios de mulheres. Além disso, era o primeiro em homicídios de mulheres negras. Vitória é a capital com maior taxa de feminicídios no Brasil. Disponível em: [www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)



meio com a presença de suas ideias e pontos de vista, a contestação de padrões estabelecidos na época e ao machismo e especulações sobre o futuro do movimento.

Apesar disso, também pudemos (em menor número) encontrar afirmações negativas ligadas à luta feminista, mostrando a figura da mulher ativista como negativa perante pontos discutidos na sociedade. A reprodução de afirmações machistas, que presumiam que a mulher deveria agir de forma submissa, também foram encontradas no jornal; principalmente nas falas de entrevistados.

Um outro ponto de destaque em todo o corpus foi o aquecimento do número de publicações na data do Dia Internacional da Mulher (8 de março), momento em que acontecem manifestações ou que ainda o jornal publica textos engajados sobre a posição da mulher na sociedade.

#### **4.4. ANÁLISE DO DISCURSO**

Ao pesquisar os termos em destaque com as ferramentas mostradas antes, que nos evidencia a ocorrência e co-ocorrência de palavras, o contexto textual em que estão inseridas e outras leituras a partir dos metadados do corpus estudado, pudemos identificar textos específicos que mereciam nossa atenção. A escolha se deu a partir das primeiras análises já mostradas acima, quando identificamos as construções frasais mais recorrentes e o que elas representavam para o contexto do feminismo no jornal. Cada uma delas está situada em um período, contemplando matérias de editorias distintas, para mostrar como as temáticas aparecem delineadas em cada espaço do jornal. Foram escolhidos seis textos dos anos de 1986, 1987, 2000, 2011 e 2015, e das editorias de Polícia, Cidades, Opinião, Mundo, Caderno 2 e Caderno Especial. Antes de analisarmos cada matéria, explicamos os motivos que nos levaram a escolher cada um deles.

A análise do discurso que nos propomos fazer neste capítulo tem por base o conceito de discurso de Fairclough (2001), que entende o uso da linguagem como uma forma de prática social. O discurso seria um modo de ação por meio da representação, ou seja, o modo como as pessoas podem agir sobre os outros ou sobre o mundo. Outro ponto levado em consideração em se tratando do pensamento de Fairclough é a relação dialética entre discurso e o que ele denomina estrutura social, que consegue ser condição e efeito ao mesmo tempo.

"[...] o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito ou a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções, tanto de natureza discursiva como não-discursiva, e assim por diante. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91)

Neste aporte teórico, portanto, entendemos o discurso como uma prática de representação e significação do mundo, por meio da qual se constrói “identidades sociais e posições de sujeito”, “relações sociais” e “sistemas de conhecimento e de crença” (Fairclough, 2001, p. 91). Para Fairclough, cada um desses três efeitos construtivos corresponde a três funções da linguagem: “identitária”, “relacional” e “ideacional”.

A função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso, a função relacional a como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas, a função ideacional aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92)

Fairclough (2001) propõe uma análise a partir da concepção tridimensional do discurso, que reúne três tradições analíticas, consideradas por ele, indispensáveis para entender o discurso. São elas o texto, a prática discursiva e a prática social.

Para que a análise dos textos selecionados do Jornal A Gazeta fosse realizada, selecionamos entre os procedimentos propostos por Fairclough (2001) algumas categorias de análise, que foram reproduzidas nas tabelas 3 e 4. Tais categorias vão orientar a Análise Crítica do Discurso realizada neste trabalho.

#### **4.4.1 Análise do texto**

A análise do texto, conforme proposição de Fairclough (Tabela 3), é organizada em quatro itens, estrutura textual, coesão, gramática e vocabulário.

Esses itens podem ser imaginados em escala ascendente: o vocabulário trata principalmente das palavras individuais, a gramática das palavras combinadas em orações e frases, a coesão trata da ligação entre orações e frases e a estrutura textual trata das propriedades organizacionais de larga escala do texto. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 103)

**TABELA 3 – QUADRO DE ANÁLISE DO TEXTO**

<b>Elemento da Análise</b>	<b>Descrição</b>	<b>Tópico</b>	<b>Perguntas para o texto</b>
Estrutura textual	Maneira ou ordem que os elementos ou episódios são organizados para constituir o texto	Controle interacional	Quem são os participantes do texto? Quem são os falantes do texto? Há simetria no grau de controle entre os participantes?
		Controle de tópicos	Os participantes do texto possuem a mesma autonomia para sugerir tópicos? Como é desenvolvida a conversa dentro do texto no sentido da escolha de temáticas?
		Determinação e policiamento de agendas	Quais são as agendas presentes no texto?
		Ethos	Que características são usadas para descrever os participantes do texto? Essas características constituem que tipo de identidade social?
Coesão	Modo como as orações e frases são ligadas para formar o texto	Conectivos e argumentação	Como são organizados os parágrafos? Há repetição de palavras? Usa-se sinônimos próximos? Que conjunções são usadas para criar os enunciados? Quais são os mecanismos de referência e substituição usados (pronomes, artigos definidos, demonstrativos, etc.)? Qual a mensagem transmitida no texto a partir desses aspectos?
Gramática	A unidade principal deste elemento é a oração, ou oração simples	Transitividade	Quais os verbos que estão presentes no texto? Quem são os sujeitos desses verbos? O que cada verbo indica (relação, ação ou passividade)? Quais escolhas de voz são feitas (ativa ou passiva)?
		Tema	Que temas estão presentes nos parágrafos do texto? Como esses temas estão distribuídos ao longo do texto (eles se conectam ou destoam)?
Vocabulário	Elemento que leva em consideração as palavras individuais	Significado de palavra	Quais são as palavras chaves que dão significação ao texto? Qual o significado delas no texto?
		Criação de palavras	O texto possui itens lexicais novos? Qual o significado deles?
		Metáfora	Que metáforas estão presentes no texto? Há contraste entre as metáforas usadas no texto quando são usadas em outro lugar?

Fonte: Fairclough (2001)

#### 4.4.2 Prática discursiva

Segundo Fairclough (2001), a prática discursiva envolve processos em que se produz, distribui e consome um texto. Cada texto é produzido de forma particular em um contexto social específico, mediante rotinas complexas, que pretendem ser reveladas com as análises dessa dimensão.

No caso da prática discursiva, vamos fazer uma análise geral, no que tange ao tópico interdiscursividade<sup>27</sup>, que para Fairclough (2001) também é denominada intertextualidade constitutiva. A interdiscursividade mostra como um tipo de discurso é constituído através de uma combinação de elementos das ordens do discurso; trata-se de uma articulação particular do discurso, da maneira como as convenções discursivas entram na produção de outro discurso. É uma noção de que o discurso é sempre heterogêneo.

Tal análise geral sobre o tópico da interdiscursividade será feita neste momento, sem considerar cada texto selecionado específico porque estamos tratando de um mesmo gênero discursivo – o gênero jornalístico. Mesmo que os textos mudem, a prática discursiva neste caso vai ser considerada a mesma, uma vez que estamos tratando de um mesmo jornal, que possui uma linha editorial definida.

Uma característica que atravessa a prática do jornalismo e sua estrutura textual é o objetivo de informar e esclarecer fatos e acontecimentos para seus leitores. No entanto, vale ressaltar que, por tratarmos da linguagem como prática social, as práticas jornalísticas desempenham um papel de formar visões de mundo, perspectivas, ideologias, não sendo apenas um generoso fornecedor dos conhecimentos de mundo e explicador dos assuntos relevantes do cotidiano. A produção do texto obedece a uma estrutura estabelecida na maior parte dos casos, com a presença da manchete (título) e do corpo do texto, que vai trazer todo o conteúdo expresso no jornal. Há casos em que temos notas curtas, de poucos parágrafos, e em outras matérias mais elaboradas, ricas em personagens (entrevistados) e com opiniões diversificadas sobre um mesmo assunto.

---

<sup>27</sup> A análise da prática discursiva (Intertextualidade Manifesta, Cadeias Intertextuais e Coerência) vai ser feita individualmente, abaixo da análise do texto de cada um dos textos selecionados

A reportagem é bastante complexa em termos de estilo. Começemos com o modo retórico, que é dar informação. Mais precisamente, o (a) fornecedor (a) de notícias é aqui construído (a) como recipiente passivo (a) da mesma, e a reportagem consiste em asserções categóricas autoritárias que os jornais tipicamente fazem sobre os eventos, apesar do fato de que tais eventos são usualmente de um caráter incerto e aberto a várias interpretações. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 165)

A prática discursiva, segundo Fairclough (2001), envolve processos que variam de acordo com fatores sociais, dependendo dos tipos de discurso. Cada texto é produzido de forma particular em um contexto específico. No caso do jornalismo, as notícias, reportagens, artigos, notas, etc., são produzidos a partir de rotinas complexas e coletivas, envolvendo indivíduos em diferentes estágios de produção do texto. Por exemplo, para que uma notícia seja feita, o jornalista recebe a demanda inicial para a produção do texto, com as orientações sobre a pauta; em seguida, escuta fontes e cria uma versão inicial do texto. Esse material vai passar ainda pelo crivo de um ou mais editores, que em muitos casos vão decidir sobre como o discurso será estruturado, além de criar títulos, chamadas e decidir sobre o tamanho relativo do texto no espaço do jornal. Todas essas decisões tomadas por diferentes indivíduos na prática discursiva vão influenciar na forma como os discursos são apresentados no texto.

Já no caso da intertextualidade manifesta, os textos referidos estão explicitamente marcados no texto analisado, com a presença do discurso direto (marcado por aspas) e do indireto (marcada pela conjunção, como no caso de “disse que”, “afirma que”, “alega que”, sem demarcar a fala exata dita no outro texto. Segundo Fairclough (2001), a intertextualidade se manifesta com a representação discurso, pressuposição, negação, metadiscurso e ironia.

No caso da pressuposição, são proposições tomadas pelo autor do texto como se já fossem estabelecidas ou dadas e “são formas efetivas de manipular as pessoas, porque elas são frequentemente difíceis de desafiar” (FAIRCLOUGH, 2010, p. 156). Na negação, o texto em questão contesta uma afirmação já dita anteriormente, pressupondo de que existe outro texto além daquele que foi dito. Já no metadiscurso, o autor usa expressões evasivas para se distanciar do seu próprio discurso. Nessa forma de intertextualidade manifesta, o autor está acima ou fora do seu próprio discurso dando a possibilidade de manipulá-lo. E por fim, a intertextualidade manifesta por ironia ocorre quando o autor diz algo querendo dar outro significado; o entendimento desse tipo de texto vai depender do reconhecimento dos intérpretes de que o dito não é o significado pretendido.

**TABELA 4 – QUADRO DE ANÁLISE DA PRÁTICA DISCURSIVA**

<b>Elemento da análise</b>	<b>Tópico</b>	<b>Perguntas para os textos</b>
Produção	Interdiscursividade	Quais são os tipos de discurso presentes nos textos? Ele possui mais de um gênero discursivo? Os textos são convencionais ou inovadores em relação à interdiscursividade?
	Intertextualidade manifesta	Como acontece a representação discursiva (direta ou indireta)? O discurso representado está claramente demarcado? Como o discurso representado está contextualizado?
Distribuição	Cadeias Intertextuais	Que tipos de transformações esse tipo de amostra discursiva sofre? Há sinais de que o produtor do texto antecipa mais do que um tipo de audiência?
Consumo	Coerência	Como o texto pode ser interpretado pelo leitor? O texto é ambivalente e heterogêneo para o leitor? O texto pode receber leituras resistentes de algum tipo de leitor?

Fonte: Fairclough (2001)

#### **4.4.3. Textos extraídos do corpus**

Em um corpus tão extenso, de 31 anos, há uma certa dificuldade em se analisar o discurso do jornal. Nele, como já vimos anteriormente, há a presença de diversas vozes, de diversos discursos e posicionamentos. Isso acontece porque o jornalista fala a partir de um discurso que ele mesmo já tem construído sobre si e sobre o contexto social. Os textos são produzidos a partir de um repertório já estabelecido, seja particular do jornalista, seja por influência da linha editorial do jornal para o qual se escreve. No Jornal A Gazeta, encontramos matérias sobre os feminismos em praticamente todas as editorias do jornal, apesar de a maior parte delas estarem concentradas nas editorias Caderno 2, Cidades, Política, Opinião e Mundo. Mesmo assim, essas editorias revelam afinidades temáticas e de tratamento editorial, embora apresentem assuntos sob diversos ângulos e em esferas diferentes da vida social. No Caderno 2, vamos encontrar matérias que tratam de assuntos com mais leveza, sempre ligados à arte, cultura e entretenimento, enquanto a editoria de Cidades, trata dos assuntos cotidianos, como manifestações e mudanças na rotina da cidade, comportamentos dos indivíduos, decisões provindas do Estado ou da iniciativa privada e que afetam as pessoas entre outros. Nas matérias de Política, como o próprio nome já sugere, os temas são abordados pelo ângulo das estratégias e disputas na esfera pública. Na seção de Opinião, podemos ver posicionamentos bem definidos



sobre temas elaborados por pessoas convidadas a escrever, ou por proponentes chancelados pelo jornal. Em Mundo, as pautas trazem uma síntese sobre diversos acontecimentos registrados fora das fronteiras do país, em geral sob um ângulo político ou comportamental.

Abaixo, vamos analisar seis matérias, que tratam do tema feminismo, a partir da teoria desenvolvida por Fairclough (2001).

No entanto, um ponto relevante quando estamos tratando sobre jornalismo é a divisão dos textos em gêneros, porque se tratam de formas já estabelecidas e que determinam as estratégias de produção das narrativas e dão ao leitor as chaves de compreensão dos textos. Há muitas classificações feitas por diversos autores ao longo do tempo, mas nos ateremos à realizada por Marques de Melo (2010), que define os seguintes gêneros do jornalismo brasileiro: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário.

No caso do gênero informativo, como o próprio nome sugere, há o intuito de informar os leitores acerca de um fato que aconteceu, trazer uma discussão profunda sobre algum tema ou ainda realizar o debate sobre determinado assunto. Neste gênero, há 4 tipos de formatos, segundo o autor. São eles: nota, notícia, reportagem e entrevista. A nota é um furo de reportagem, “a antecipação de um fato que pode gerar uma notícia”, ou ainda “um relato de acontecimento que está em processo de configuração” (MARQUES DE MELO 2010, p. 55). A notícia é definida como o relato integral de um fato que já aconteceu e contém a resposta para as perguntas clássicas (que, quem, quando, onde, como e por que); além disso, a notícia geralmente obedece a uma pirâmide invertida, que distribui o texto a partir das informações mais importantes do fato e complementa com detalhes. Já a reportagem o relato do acontecimento é mais amplo e aprofunda fatos que geralmente atraem a atenção dos leitores, não há a preocupação factual e objetiva necessariamente; nesse formato o autor tem maior espaço de criação e pode brincar com as palavras. Por fim, o último formato do gênero informativo para Marques de Melo (2010) é a entrevista, que é um relato que leva em conta a versão de um ou mais envolvidos no fato informado. O autor, neste caso, tem uma função de mediador e interprete do entrevistado.

O gênero opinativo é dividido em oito formatos, segundo Marques de Melo (2010): editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta. O editorial é a opinião oficial do jornal sobre os fatos que acontecem no momento da publicação; o comentário explica as

notícias apontando suas consequências e circunstâncias, e é feito por um enunciador autorizado e que detém credibilidade diante do assunto que trata; o artigo é um texto em que jornalistas ou cidadãos comuns desenvolvem suas ideias e opiniões a respeito de um assunto; enquanto a resenha aprecia trabalhos artísticos ou produtos culturais, cuja finalidade é orientar aquele que os aprecia ou os consome. A coluna é um espaço em que o autor (colunista) narra um fato, às vezes um furo, emitindo juízo de valor; a crônica é um relato poético de um acontecimento; a caricatura é uma ilustração que ridiculariza, satiriza ou critica algo que aconteceu; e a carta é um espaço em que os leitores podem apontar seus pontos de vista (MARQUES DE MELO, 2010).

O gênero interpretativo é “um esforço analítico e documental que procurou situar mais precisamente o cidadão diante dos acontecimentos” (MARQUES DE MELO, 2010, p. 66). Ele é dividido em: dossiê (facilita a compreensão da notícia, com boxes dados distribuídos em boxes, mapas, ilustrações ou tabelas); perfil (relato biográfico); enquête (narrativas a respeito dos fatos de cidadãos escolhidos aleatoriamente); e cronologia (reconstituição de acontecimentos, a famosa “linha do tempo”).

O gênero jornalístico utilitário, como o nome também sugere, aponta informações que são úteis e orientam as escolhas dos leitores, são textos que se destinam ao interesse público e fornecem um serviço para quem os consome. Os formatos desse gênero são: indicador (dados que influenciam nas decisões cotidianas, como cenários econômicos, meteorologia, etc.); cotações (informações sobre a variação de mercados, por exemplo, a cotação do dólar e do café); roteiro (informações sobre roteiros de viagens, sobre programações de fim de semana, entre outras); e por fim o serviço, que informa sobre conveniências para os cidadãos. Por último, o gênero jornalístico diversional, que no Brasil convencionamos chamar de jornalismo literário, uma tentativa de usar os recursos da ficção e da literatura para contar sobre um acontecimento.

Nos textos selecionados do jornal, identificamos os gêneros opinativo, informativo e interpretativo que também são os mais comuns no Jornal A Gazeta, presentes em praticamente todas as editorias. Tais gêneros revelam o modo de produção das narrativas que estão no jornal sobre o feminismo, além de indicar o intuito das publicações, que se aproxima da promessa de um jornalismo que traz informação, opinião qualificada e profundidade, quando necessário.

## **Texto 1- Feminista alega que mulher é discriminada na sociedade**

A primeira matéria selecionada foi uma notícia iniciada por uma afirmação de uma mulher feminista. A escolha aconteceu por se tratar de um texto produzido no primeiro ano do corpus, que delimita com clareza se tratar de um texto com ideias feministas. Apesar de pequeno, ele pode indicar temáticas que eram trazidas por ativistas do movimento e que tiveram espaço no jornal.

### **Feminista alega que mulher é discriminada pela sociedade**

Cristina Có. Ela faz parte do Grupo de Mulheres de Vitória. Para ela não só a mulher, mas todos não têm mais segurança nos dias de hoje, já que a violência ocorre de forma generalizada. Porém, faz uma ressalva: “As mulheres são mais violentadas, têm menos segurança, porque são discriminadas pela sociedade machista”.

A violência hoje está diretamente relacionada aos problemas sociais que atingem índices insuportáveis, contribuindo para se registrar um aumento gradativo da criminalidade. Há carência de serviços na área educacional, da saúde e da habitação, problemas estes que agravam o quadro da insegurança que se vive neste país.

(A GAZETA. Feminista alega que mulher é discriminada pela sociedade. 30 de julho de 1986. Editoria: Caderno Especial sobre violência)

Há a presença de dois falantes no texto, uma explícita (Cristina Có) e outro implícito (jornal/jornalista/autor). Por se tratar de um texto jornalístico, não é possível falar em simetria entre esses dois falantes, uma vez que a fala de Cristina (a entrevistada) está condicionada ao olhar do autor (jornalista) que foi quem demarcou a temática e as questões na forma de perguntas/entrevista e as colocou em seu texto. Nesta notícia, cujo título é “Feminista alega que mulher é discriminada pela sociedade”, há uma interação entre as falas da entrevistada e do autor do texto, uma vez que as duas se complementam e se articulam numa continuidade.

As agendas presentes no texto são: discriminação contra a mulher, violência, insegurança, criminalidade, problemas sociais e carência de serviços básicos (educação, saúde e habitação). Apenas Cristina Có é descrita no texto, por ser a entrevistada. Ela é apresentada como feminista e integrante do Grupo de Mulheres de Vitória, uma organização feminista, que atuou no Espírito Santo na década de 1980. A partir disso, pode-se concluir que se trata de uma mulher militante e que está atenta às causas em favor das mulheres. Quando usamos a palavra feminista, já deixamos claro a que movimento ela pertence, mas não conseguimos definir qual corrente do feminismo (das destacadas no Capítulo 2) ela faz parte.

O texto é composto por apenas dois parágrafos: um primeiro com a fala da entrevistada e o segundo a apropriação por parte do autor de um discurso contra a violência, o que ainda conota uma concordância entre os dois interlocutores com base na agenda proposta. Algumas palavras com significados semelhantes se repetem dando ênfase ao tema principal do texto que é a violência. Apesar do título trazer a fala da entrevistada sobre a discriminação contra a mulher, vemos que o foco do texto não é esse, uma vez que encontramos a palavra “discriminada” apenas uma vez, enquanto “violência”, “segurança”, “violentadas”, “criminalidade” (palavras que remetem ao tema da violência) estão presentes em praticamente todas as orações do texto.

Embora a matéria tenha a proposta inicial de tratar da discriminação contra a mulher, a primeira fala da entrevistada (Cristina Có) já revela que não se está falando somente disso. “Para ela não só a mulher, mas todos não têm mais segurança nos dias de hoje”. O conectivo “não só” mostra que o problema a ser tratado ali não é uma exclusividade da mulher, desviando para um conjunto amplo, o que é reforçado no segundo parágrafo, que não remete em nenhum momento mais às mulheres, nem às causas defendidas pelo feminismo, tratando a violência como um problema social geral, não fazendo associações sobre o sexo, ou o fato de as mulheres estarem mais expostas às situações de violência e insegurança.

Quanto à gramática, o primeiro aspecto analisado foi em relação aos verbos presentes no texto, como exposto na Tabela 5.

**TABELA 5 – GRÁMATICA - TRANSITIVIDADE**

<b>Verbo</b>	<b>Orações</b>
Alegar	“Feminista alega que mulher[...]”
Fazer	“Ela faz parte”, “faz uma ressalva” [...]
Ter	“mas todos não têm mais segurança nos dias de hoje”, “têm menos segurança”
Ocorrer	“já que a violência ocorre de forma generalizada”
Ser	“as mulheres são mais violentadas”, “porque são discriminadas pela sociedade machista”
Estar	“A violência hoje está diretamente relacionada aos problemas sociais”
Atingir	“problemas sociais que atingem índices insuportáveis”
Contribuir	“contribuindo para”
Registrar	“registrar um aumento gradativo da criminalidade”
Agravar	“problemas estes que agravam o quadro de insegurança”
Viver	“o quadro de insegurança que se vive neste país”

A maior parte dos verbos no texto formatam parte do estilo jornalístico que quer demonstrar um distanciamento e uma autonomia diante do fato, mas que de algum modo dão intencionalidade. Como exemplos podemos citar “a violência hoje está diretamente relacionada”, “problemas sociais que atingem índices insuportáveis”, “contribuindo para registrar o aumento gradativo da criminalidade” e “problemas estes que agravam”, que dão o tom de impessoalidade à informação. Mesmo que seja um discurso incisivo sobre as causas da violência, as locuções verbais ou os verbos escolhidos pelo autor tentam criar esse distanciamento entre o autor e o fato.

O autor do texto também funciona como um filtro, que recebe o discurso da entrevistada e o reproduz da forma como entendeu. No caso de “feminista alega”, “faz uma ressalva” e “para ela” temos uma reprodução do discurso da entrevistada de forma indireta, por não expor a fala exata, entre aspas, de Cristina, identificamos a fala a partir da perspectiva do autor. As orações que indicam passividade estão relacionadas às mulheres, como se elas estivessem passivas em relação ao assunto, sem nada poder fazer para resolver. Por exemplo: “as mulheres são mais violentadas”, “porque são discriminadas”.

Em relação à intertextualidade manifesta, temos a presença do discurso direto da entrevistada, ao emitir sua fala literal, entre aspas; mas também temos o discurso indireto, quando o autor se apropria do discurso da entrevistada (“Para ela não só a mulher...”). Há também a presença da fala do jornalista no segundo parágrafo, que não se refere a um entrevistado ou uma fonte, mas disserta sobre a questão da violência. Os discursos da entrevistada e do autor estão demarcados e reforçam a preocupação sobre a situação de insegurança em que vive o país. Além disso, o autor relaciona a violência com os problemas sociais, fazendo uma relação de causa e consequência, ao mostrar que a carência na atenção básica à população contribui para o aumento da criminalidade.

O título da matéria enfatiza a discriminação contra as mulheres, mas o texto que o sucede disserta sobre a violência de maneira geral, não específica para as mulheres. Observamos que a contradição entre título e texto indica que o autor (jornalista/jornal) embora tenha optado por destacar a questão feminista no título não a sustentou ao longo do texto. Para quem leu apenas o título, ficou uma informação acentuando uma questão das lutas feministas; já se o leitor explorou o restante do texto teve uma outra percepção sobre a questão, uma vez que o tema

proposto era de discriminação contra mulheres e o conteúdo do texto articulou sobre violência. Na dinâmica de um jornal, nem sempre quem escreve o texto é o mesmo profissional que escolhe o título. Geralmente, o repórter produz o texto, sugere um título e o editor decide se mantém o proposto ou se cria um próprio; por isso, pode ter acontecido uma interpretação distinta sobre o assunto por duas pessoas diferentes. Além disso, o caderno especial no qual o texto está inserido trata sobre a violência de maneira geral e por esse motivo tenta levar as questões da mulher para dentro do texto.

O leitor pode interpretar a mensagem de que mesmo que as mulheres sofram mais com a violência por conta da discriminação, o problema é ainda maior porque afeta todas as pessoas, não somente as mulheres. Ou seja, o leitor pode perceber que se trata de uma questão ampla relacionada a diversos fatores, incluindo os problemas sociais.

A partir dos vestígios deixados no texto, constatamos que fica registrado um posicionamento que propõe a dissolução da questão da mulher em uma problemática mais geral, construído com a interseção da fala da entrevistada com a do autor (jornal/ jornalista) do texto. Percebemos também que o projeto de feminismo exposto nesta matéria é o de demonstrar que os problemas sociais das mulheres estão inseridos em um conjunto de problemas que afeta toda a sociedade. Trata-se de uma visão feminista mais analítica sobre a situação social encontrada na época, desviando da visão militante, que defende a causa da mulher acima de outras questões também graves na sociedade.

## **Texto 2 – Mulheres vítimas de violência são transformadas em culpadas**

A violência contra a mulher é uma das diversas questões levantadas pelo feminismo. Por esse motivo, o segundo texto a ser analisado levou em conta a inserção desta temática nas nossas análises mais aprofundadas do corpus. O texto também não levanta com clareza o feminismo, dando a possibilidade de identificarmos como coberturas de assuntos correlatos às pautas do movimento são tratadas no jornal em questão.

### **Mulheres vítimas de violência são transformadas em culpadas**

A questão da violência contra a mulher, uma prática tão constante e divulgada com tanta amplitude, mais uma vez volta a ser discutida, a partir do momento em que ela, depois de agredida, estuprada e, às vezes, até estrangulada e morta, ainda passa como culpada ou responsável direta pelo crime cometido pelo seu

agressor. Os dois principais pontos explorados, quando uma mulher é estuprada ou assassinada brutalmente, são os que se referem à infidelidade conjugal ou uso e tráfico de drogas. Em torno do nome de uma mulher ultrajada, muitos comentários são feitos e muitas informações, nem sempre verdadeiras, são divulgadas. Mas, afinal, o que está por trás de tudo isso? Qual é o papel da imprensa? Quais são os interesses da polícia ou da Justiça? Como agem os advogados na ânsia de defender o seu cliente, o criminoso? E a vítima, como fica em toda essa história?

### **Os principais casos registrados no Estado**

No dia 29 de março de 1984 a cozinheira Maria Hocione Braga Ferreira, 17 anos, era esquartejada e assassinada pelo marido Clemente José Ferreira. Um ano e três meses depois, ele casava-se novamente com a jovem Cláudia Andrade, o que, inclusive, mereceu ampla divulgação da imprensa.

Da ex-mulher, entretanto, poucos se lembram e quase nada se comenta. Na fase do inquérito policial o próprio patrão de Hocione a acusou, e a imprensa divulgou, que ela era adúltera, pois tinha um caso com um outro homem, Jair Soares Filho. Talvez, essa fosse uma maneira de justificar o crime hediondo praticado por Gemente José.

A bonita menina Araceli Cabrera Crespo também foi barbaramente assassinada, no dia 18 de maio de 1973, quando tinha 8 anos de idade. Pelo fato de ser uma criança e por não existir flagrante delito contra ela, Araceli inicialmente foi poupada. Entretanto, mais tarde foi acusada de ser “avião” (intermediária) no tráfico de drogas, fazendo dupla com sua mãe Lola Cabrera Sanches. Dona Lola, ao mesmo tempo em que sofria a dor pela perda da filha, era ultrajada com o título de traficante.

### **Advogado analisa a gravidade do problema**

“Só posso ver isso como um argumento de defesa, usado pelo advogado do acusado, já que a defesa, segundo a lei, é ampla. Fora disso, não se justifica que imprensa, polícia ou quem quer que seja venha jogar lama sobre a vítima. Além disso, vale lembrar que, mesmo sendo a mulher uma prostituta, ela está tutelada por lei no caso de um estupro”. A explicação é do advogado criminalista David Bourguignon Bigossi.

Ele argumenta que mesmo esse posicionamento do advogado deve constar apenas do processo, pois se ele o divulgar para a imprensa estará ferindo a ética profissional. Quanto à imprensa, comenta: “É imoral a divulgação de assuntos envolvendo a intimidade das pessoas, principalmente porque, ainda que se diga tal coisa, às vezes carece de provas”. David Bourguignon indaga sobre qual delito a mulher infringe ao manter um relacionamento extraconjugal. “Afinal”, questiona, o Código Penal proíbe isso? Proíbe um relacionamento amoroso entre duas pessoas solteiras?

(A GAZETA. Mulheres vítimas de violência são transformadas em culpadas. 10 de maio de 1987. Editoria: Polícia)

Há a presença de dois falantes no texto, um explícito (David Bourguignon Bigossi) e outro implícito (autor). Assim como no caso anterior, não se pode falar em simetria entre os falantes, uma vez que o jornalista, é quem domina a conversação dentro do texto, indicando seus pontos de vista e utilizando como suporte para defendê-lo a fala do entrevistado. Os dois participantes do discurso, neste caso, interagem e apontam argumentos complementares sobre um mesmo assunto. Não há conflitos entre os discursos do entrevistado e do autor.

O autor defende uma agenda explícita no texto, ao trazer questionamentos que delinearam toda a construção do discurso: a discriminação contra a mulher vítima de violência. Mesmo que uma mulher tenha sido estuprada, agredida e morta não a isentam de uma culpa imposta pela sociedade. Além disso, o autor fala de recursos que são usados para tentar culpar as vítimas, associando-as ao tráfico de drogas e infidelidade.

O texto foi construído com seis parágrafos, no velho estilo “nariz de cera”. O primeiro apresenta a temática da matéria e faz perguntas para instigar o leitor, o segundo e o terceiro trazem personagens que ilustram o tema e reforçam a ideia principal, já o quinto e o sexto têm a fala de um especialista, que vai validar e comentar aquilo que o autor apresentou nos parágrafos anteriores. Trata-se de um texto do gênero jornalístico interpretativo, ao lançar para os leitores dados e análises sobre a violência contra a mulher.

Logo no primeiro parágrafo temos uma repetição de frases e palavras que dão ênfase ao tema central do texto: a violência contra a mulher. As frases e expressões foram marcadas abaixo e mostram esse reforço dado pelo autor do texto para a problemática.

A questão da **violência contra a mulher**, uma prática tão constante e divulgada com tanta amplitude, mais uma vez volta a ser discutida, a partir do momento em que ela, **depois de agredida, estuprada e, às vezes, até estrangulada e morta**, ainda passa como culpada ou responsável direta pelo crime cometido pelo seu agressor. Os dois principais pontos explorados, quando uma **mulher é estuprada ou assassinada brutalmente**, são os que se referem à infidelidade conjugal ou uso e tráfico de drogas.  
(A GAZETA. Mulheres vítimas de violência são transformadas em culpadas. 10 de maio de 1987. Editoria: Polícia)

Em relação à gramática, o primeiro aspecto analisado foi dos verbos presentes no texto. A maior parte daqueles que estavam relacionados às mulheres estavam na voz passiva, demonstrando a situação de vítima desses sujeitos nas orações - agredida, estuprada, estrangulada, esquartejada, assassinada, morta, poupada, acusada, ultrajada. Já quando os sujeitos são masculinos, os verbos indicados nas orações são de ação: “Como agem os advogados para defender seus clientes”, “ele casava-se novamente”, “advogado analisa”, “ele argumenta”, “se ele o divulgar”, “indaga”, “questiona”.

A principal expressão chave que dá significação ao texto foi “violência contra a mulher”. É ela quem vai nortear todo o texto, embora tenha sido usada uma única vez. As outras palavras e



expressões usadas, principalmente os verbos na voz passiva (referidos no parágrafo anterior), agregam significados que remetem ao mesmo assunto.

Sobre a intertextualidade manifesta, temos claramente a presença da fala dos dois participantes: o do autor (jornalista/ jornal) e do advogado, que analisa o tema proposto pelo autor. O autor faz o seu discurso a partir daquilo que ele pensa sobre a violência contra a mulher e inicialmente não faz uso de nenhuma fonte ou voz alternativa para reforçar o que diz. Ele convida o leitor a se questionar sobre os comportamentos de diversas instituições, incluindo a imprensa, no qual ele se insere – “Qual é o papel da imprensa?”, “a imprensa divulgou que ela era adúltera pois tinha um caso com um outro homem”, “ele [depois de matar a esposa] casava-se novamente [...], mereceu ampla divulgação da imprensa”. Esse texto não foi assinado por nenhum jornalista, o que nos leva a questionar também se o jornal se exclui dessa “imprensa” que ele julga ou se é uma autocrítica ao papel desempenhado por ele mesmo nas coberturas sobre a violência contra a mulher.

Podemos observar, inclusive, uma crítica ao machismo disseminado pela sociedade, mas que não é definido dessa forma. O jornalista não usa essa palavra para dar nome a essa problemática, mas usa outros termos e construções de frases que nos levam à essa conclusão. Por exemplo, no primeiro parágrafo, o autor questiona por que a mulher que é vítima ganha o status de culpa pelo crime cometido pelo seu agressor; essa atitude da sociedade de se considerar a mulher como culpada por tudo aquilo que um homem faz com ela é comumente associada a uma atitude machista. Também quando o autor vai relatar o exemplo de uma vítima que foi desqualificada pelo seu padrão, mesmo depois de morta, ao dizer que ela era adúltera e por isso o crime cometido pelo marido estaria justificado.

Com relação ao discurso do advogado, homem que vai analisar a discriminação sofrida por mulheres quando ela mesmo é vítima, ele é direto. A sua análise é colocada entre aspas e é claramente demarcada. Entendemos visivelmente que os dois últimos parágrafos tratam do pensamento do advogado acerca do assunto. A partir disso, podemos inferir que o autor (jornalista/ autor) realiza uma tentativa de agregar mais autoridade ao que foi dito por ele mesmo nos parágrafos anteriores e não se comprometer com a fala do advogado.

Nos chama a atenção as vozes masculinas dentro do texto, principalmente a do advogado. A mulher, em toda a matéria é colocada como vítima, mas nenhuma foi ouvida para que pudesse se posicionar. Por que o jornal não escolheu uma voz feminina para analisar a temática? Esses são questionamentos que surgem quando tentamos entender como o jornal constrói esses discursos sobre a mulher em seus conteúdos. Uma hipótese, que permanecerá nesta condição por escapar do escopo deste trabalho, é o fato de não se cogitar reconhecer nas mulheres autoridade técnica para desenvolver argumentos dentro do tema tratado.

### **Texto 3 – Manifestação marca o Dia Internacional da Mulher**

Ao longo dos anos analisados anteriormente, vimos que o Dia Internacional da Mulher tem fomentado a publicação de textos sobre o assunto e que os anos 2000 foram marcados pela efervescência dos movimentos sociais, entre eles, o feminismo. Por esses motivos, escolhemos uma notícia do caderno de Cidades, que fala sobre a movimentação das mulheres nessa data comemorativa, dando possibilidade de entendermos com mais profundidade as pautas trazidas nessa virada do milênio, bem como a maneira como as ativistas realizavam seus protestos em prol das ideias feministas.

#### **Manifestação marca o Dia Internacional da Mulher**

O Dia Internacional da Mulher, comemorado hoje em todo o mundo, e que este ano coincidiu com a Quarta-feira de Cinzas, não será cinzento para uma grande parcela de mulheres que busca soluções para o fim da criminalidade. Isso porque o Fórum das Mulheres do Espírito Santo, com o lema "Contra a Pobreza e Contra a Violência que Atinge as Mulheres do Mundo Inteiro", espera reunir cerca de 400 pessoas para uma passeata, a partir das 14 horas, em frente à Casa da Cultura, no Centro de Vitória. O trajeto da caminhada até a Praça Oito será marcado pela distribuição de pães e rosas para pedestres e motoristas. Elas vão fazer duas paradas para exigir que seus direitos sejam respeitados.

Chegando à Praça Oito, por volta das 16 horas, haverá discursos de mulheres negras, de regiões rurais e de integrantes dos direitos humanos. Após isso, será realizado um ritual simbólico de queima de tudo que incomoda e humilha as mulheres, como mordagens e cartazes com as palavras "violência" e "injustiça", seguido de uma leitura da Bíblia. Para o encerramento, o grupo irá até o Palácio Anchieta e jogará cinzas, velas e cruzeiros nos jardins da sede do Governo. Para engrossar as fileiras desse protesto, professoras, sindicalistas e trabalhadoras rurais já confirmaram presença.

Um grupo de militantes da União Cachoeirense de Mulheres (UCM) chega hoje a Capital, de ônibus, para participar das programações referentes à Marcha Mundial de Mulheres no Estado. No sábado, a UCM fará sua tradicional caminhada em defesa dos direitos da mulher, pelas ruas do centro de Cachoeira. Na ocasião, a entidade fará distribuição de folhetos com

informações sobre quais são e como funcionam os órgãos de defesa dos direitos da mulher na região.

Por causa da Quarta-feira de Cinzas, a Câmara de Vereadores de Vitória adiou para o dia 31 deste mês uma grande festa em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. O evento ocorrerá no Centro de Convenções de Vitória, em Santa Lúcia, para aproximadamente 800 convidados. Políticos e personalidades da sociedade estadual e nacional estão sendo aguardados.

(A GAZETA. Manifestação marca Dia Internacional da Mulher. 08 de março de 2000. Editoria: Cidades)

Tradicionalmente, os textos em Cidades possuem um caráter factual, ou seja, tratam de assuntos que influenciam na vida cotidiana local. Esses textos costumam registrar acontecimentos ou informar sobre o que vai acontecer em um futuro próximo. No caso da matéria do Dia Internacional da Mulher, em 8 de março de 2000, não há presença de outros falantes além do jornalista, que é quem explica tudo o que vai acontecer em uma manifestação daquele dia. O texto tem como agenda falar sobre os atos que as participantes do Fórum de Mulheres do Espírito Santo (entidade feminista) vão fazer pela capital do estado, Vitória, para marcar a data.

A notícia é dividida em 4 parágrafos – o primeiro responde às perguntas essenciais de um tradicional lead jornalístico, falando sobre quem, quando, onde, como e por que acontece a manifestação no Dia Internacional da Mulher, que expressa o título; o segundo parágrafo faz um complemento às informações iniciais, dando mais detalhes sobre como acontecerão os atos; o terceiro comenta a participação de um outro grupo feminista e informa sobre outra manifestação que será realizada em outra data; enquanto o último parágrafo, embora tenha a mesma temática dos anteriores, destoa porque fala de uma festa que a Câmara de Vereadores de Vitória para o Dia da Mulher que foi adiada para o fim do mês e espera a presença de políticos e de personalidades da sociedade estadual e nacional.

Apesar de não apresentarem falas expressas dentro do texto, as mulheres são personagens importantes na construção da mensagem a ser transmitida com o texto. Temos a presença das participantes do Fórum de Mulheres, de professoras, sindicalistas e trabalhadoras rurais, além de um grupo de militantes da União Cachoeirense de Mulheres (entidade de Cachoeiro de Itapemirim, cidade do Sul do estado). A essas personagens dentro da notícia são atribuídos a maior parte dos verbos de ação:

- Fórum de Mulheres – “espera reunir cerca de 400 pessoas para uma passeata”, “elas vão fazer duas paradas para exigir que seus direitos sejam respeitados”, “será realizado um

ritual simbólico”, “o grupo irá até o Palácio Anchieta [sede do governo] e jogará cinzas, velas e cruzes nos jardins”.

- Professoras, sindicalistas e trabalhadoras rurais – “engrossar as fileiras desse protesto”, “já confirmaram a presença”.
- Grupo de militantes da União Cachoeirense de Mulheres – “chega hoje à Capital, de ônibus, para participar das programações”, “fará sua tradicional caminhada em defesa dos direitos da mulher”, “fará a distribuição de folhetos com informações”.

Nesse texto, a mulher é o sujeito das ações contidas na notícia, sendo a responsável por fazer todas essas movimentações de protesto durante a data. No entanto, tais falas estão no discurso indireto, tendo sido organizadas pelo autor (jornalista/ jornal), ou seja, as ações foram condicionadas àquilo que quem escreveu julgou dar destaque.

Em relação às palavras usadas neste texto, observamos que muitas delas demarcam a participação de feministas nas ações do Dia da Mulher, mas em nenhum momento faz uso dessa palavra para descrever as mulheres que comandam a ação. Através da pesquisa história (vide Capítulo 2), identificamos que o esse Fórum de Mulheres é a principal entidade feminista em funcionamento no estado até os dias atuais (2018), mas no jornal ele não foi expresso desta forma, embora todas as ações atribuídas ao grupo fossem de caráter militante em favor das mulheres. Observamos isso ao nos deparar principalmente com o lema da manifestação: “contra a pobreza e contra a violência que atinge as mulheres do mundo inteiro”. Esse lema, ainda que atribuído somente à manifestação que aconteceria em Vitória, fazia parte de um grupo internacional feminista que surgiu nos anos 2000, a Marcha Mundial de Mulheres. O autor chega a falar sobre isso mais abaixo no texto, mas sem fazer relação direta entre os assuntos, tratando somente como manifestações de mulheres no Dia Internacional da Mulher.

Embora o discurso feminista não esteja demarcado, sem nem mesmo ter sido feita a referência à palavra, feminismo, feminista ou movimento de mulheres, o texto traz o discurso feminista implícito ao mencionar assuntos que fazem parte desse tipo de discurso. Encontramos tais vestígios nas orações: “grande parcela de mulheres que busca soluções para o fim da criminalidade”, “contra a pobreza e contra a violência que atinge as mulheres”, “exigir que seus direitos [das mulheres] sejam respeitados”, “queima de tudo que incomoda e humilha as mulheres, como mordagens e cartazes com as palavras violência e injustiça”, “em defesa dos

direitos da mulher”. Há, inclusive, uma repetição de algumas dessas expressões que só reforçam o apoio às causas feministas, mesmo que seja velado e não claramente demarcado.

Um leitor mais atento às causas feministas vai conseguir perceber a presença do discurso feminista no texto. No entanto, por estar implícito, este pode ser difícil perceber dependendo do repertório daquele que o lê. Segundo Fairclough (2001), neste caso, temos a intertextualidade manifesta por pressuposição, ou seja, o autor dá indícios do discurso feminista como se estes já estivessem como estabelecidos, sendo facilmente identificado pelos leitores. Apesar de isso não ser exatamente o que acontece, a pressuposição aqui indica ainda uma possibilidade de manipulação em relação a esse discurso, já que ele não está claro e o leitor pode apreendê-lo da forma que lhe convier.

O discurso feminista enfrenta resistência de uma parcela da sociedade, incluindo homens e mulheres, que não entendem a relevância e importância desse tipo de movimento na luta por direitos iguais para as mulheres. Tal fato nos leva a inferir que talvez tenha sido esse o motivo pelo qual o autor da notícia não marcou o texto com os termos “feminismo” e “feminista”, para que a resistência fosse menor a esse tipo de discurso. Outra hipótese, num sentido oposto, é o autor definitivamente não associar o conceito de feminismo ao Dia Internacional da Mulher.

#### **Texto 4 – Encontro Feminista**

Por tratarmos de um movimento que luta por garantia de direitos para as mulheres, buscamos avaliar de que maneira a opinião dessas ativistas estão dispostas no jornal. Para tanto, seria coerente selecionarmos um texto do gênero jornalístico opinativo, que trata das pautas do feminismo a partir da perspectiva de uma mulher que estivesse inserida neste contexto. Assim, conseguiremos traçar uma análise dessa forma de pensar sendo mais próxima do discurso feminista.

##### **Encontro feminista**

*O importante agora é a unificação dos movimentos organizados*

Foi em João Pessoa, de 26 a 30 de abril, o XIII Encontro Nacional Feminista. Por lá, mais de mil mulheres do Brasil todo debateram feminismo nos 500 anos de dominação: resistências, conquistas e perspectivas, com vários painéis, oficinas, debates, mostrando claramente que apesar da luta deste meio século do Brasil, ainda temos muito que nos firmar e conquistar. Ficou claro para nós que é importante a partir de agora, a “unificação dos movimentos organizados”, fortalecendo a bandeira da união. Ficou claro também que o

poder continua branco, rico e masculino. Temos que enfrentar isto de frente para desmistificar este poder e mostrar que o feminismo não está fazendo um machismo ao inverso, pois hoje, o conceito que se vê da feminista não é mais aquele de que ser feminista é ser feia, frustrada, ser mais do que os homens, e sim, é a mulher que luta por seus direitos e pelos daquelas que não dão conta de lutar, é aquela que faz aquilo que gosta e que vai em frente com suas idéias e defende suas teses.

A mulher tem o direito de fazer tudo igual ao homem, mostrando que a frase “mulher não vive sem homem” já foi abolida há muito tempo, pois a mulher mostra que tem, sim, a capacidade de viver, e viver bem, com a força enorme que tem dentro de si, nós já estamos acordando, para a vida, para sermos felizes, gostarmos de nós mesmas, nos maquiarmos e nos sentirmos bem. Continuamos lutando pela nossa dignidade de direitos, continuamos vivendo num contexto desigual.

Não é porque trabalhamos, temos liberdade, autonomia, alegrias, tristezas que a luta é diferente, pois existe ainda, muito explícito na nossa sociedade brasileira, um tratamento desigual nas famílias, em relação aos casais, pois o índice de violência contra a mulher é crescente em todas as camadas sociais.

Em meio a todos estes questionamentos, as mulheres continuam sua marcha mundial pelo fim da pobreza e violência sexista, com firmeza, união, mostrando que, feministas ou femininas, ou as duas, estamos bem dispostas a mostrar para o mundo que temos ideais e que a nossa preocupação com as futuras gerações se manifesta através do nosso modo despojado e corajoso de ser, mesmo sabendo que o debate continua, de Norte a Sul do país, e que os diversos temas como: “Saúde da Mulher”; “Direitos Reprodutivos”; “Violência”; “Poder das Mulheres”; “As Relações de Gênero” e a “Vivência da Sexualidade”; “Feminismo e Lesbianismo”; “Aids”; “Prostituição”; “Trabalho Rural e Urbano”; “Ecologia do Trabalho da Mulher”; Meio Ambiente”; “Comunicação Política-Instrumento de Empoderamento das Mulheres”; “Formação Feminista e Liderança”; “Mulher e a Mídia”; “Mulheres Negras, Índias e deficientes — no Processo de Colonização e Transformação”; “Desafios nos Processos de Alianças”; “Direitos Sexuais” — tudo isto se mistura numa simbiose: a mulher é muito mais que ter um sexo, é mais que ser um complemento do homem, é mais do que o avesso ou o inverso, mulher é muito mais que sofrimento. Mulher é a vida, a vida é mulher.

Concluimos em nosso encontro que queremos dizer não a tudo aquilo que nos escraviza e nos coloca num plano inferior; dizer não àqueles que não nos valorizam e que, muitas vezes, nos espancam com palavras, com agressões físicas e até com um tipo de elogio.

Queremos continuar nossas descobertas, poder construir um jeito menos violento de viver a vida. Queremos convidar todos os homens, nossos companheiros de luta, para que também construam uma nova identidade, que se unam conosco na busca de um novo jeito de nos relacionarmos uns com os outros.

Mulheres agora são outros 500...

(COUZI, Fátima. Encontro Feminista. 18 de maio de 2000. A Gazeta. Editoria: Opinião)

O texto em questão faz parte da editoria de Opinião, tratando-se de um artigo sobre a temática feminista. O espaço é destinado a apresentar diferentes pontos de vistas sobre assuntos dentro do jornal. Este texto específico foi escrito por Fátima Couzi, que em 2000 (ano em que o texto

foi escrito), era deputada estadual no Espírito Santo e presidente da Comissão da Cidadania e dos Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado.

Por ser tratar de um artigo de opinião, este é um texto que dispõe de uma única falante, sua autora, que domina a conversação em todo o desencadeamento de ideias. No entanto, cabe ressaltar que estando o texto dentro de um jornal, partimos do pressuposto de que passou pelo crivo editorial da publicação para que pudesse ser colocado dessa forma, podendo ter sido ou não editado, a depender de como eram as rotinas de produção da editoria na época.

O texto está dividido em sete parágrafos que falam de um encontro feminista que aconteceu em João Pessoa, em 2000, para debater o feminismo nos últimos 500 anos<sup>28</sup>. Ao longo dos parágrafos, a autora vai explicando o que foi debatido, mas também apresenta as lutas do movimento feminista. As agendas presentes no texto foram: o cenário do feminismo no Brasil (suas conquistas, resistências e perspectivas), a unificação dos movimentos organizados de mulheres, o enfrentamento do machismo, o conceito equivocado sobre o feminismo na sociedade, a luta por direitos iguais para mulheres, a violência contra a mulher e os ideais feministas.

Logo no começo, a autora já se posiciona como uma mulher feminista; ela marca sua identidade ao falar em “nós” e não em “elas”, usando sempre a primeira pessoa do plural ao tratar da temática. A mulher detém voz ativa no texto, visto que toda a ação é dominada por ela, uma vez que a autora usa a primeira pessoa do plural – “temos muito que nos firmar e conquistar”, “continuamos lutando”, “trabalhamos, temos liberdade, alegrias, tristezas”, “queremos dizer não a tudo aquilo que nos escraviza”, “queremos continuar nossas descobertas”.

Sobre as palavras e frases usadas, encontramos claramente a demarcação de feminista e feminismo, além de outros termos relacionados ao assunto, que remetem às lutas das mulheres.

Veja na lista abaixo:

- 500 anos de dominação
- Unificação dos movimentos organizados (feministas), fortalecendo a bandeira da união
- O poder continua branco, rico e masculino

---

<sup>28</sup> Foi no ano de 2000 que o Brasil completou 500 anos da colonização portuguesa, por isso a referência a 500 anos do feminismo no país. A data foi completada em abril.

- Mostrar que o feminismo não está fazendo o machismo ao inverso
- O conceito que se vê da feminista não mais aquele de que ser feminista é ser feia, frustrada, ser mais do que os homens
- É a mulher que luta por seus direitos e pelos daquelas que não dão conta de lutar
- É aquela que faz aquilo que gosta e que vai em frente com suas ideias e defende suas teses
- A mulher tem o direito de fazer tudo igual ao homem
- A frase “a mulher não vive sem o homem” já foi abolida há muito tempo
- Nós já estamos acordando para a vida, para sermos felizes, gostarmos de nós mesmas, nos maquiarmos e nos sentirmos bem
- Continuamos lutando pela nossa dignidade de direitos, continuamos vivendo num contexto desigual
- O índice de violência contra a mulher é crescente em todas as camadas sociais
- As mulheres continuam sua marcha mundial pelo fim da pobreza e violência sexista, com firmeza, união
- Feministas ou femininas, ou as duas, estamos bem-dispostas a mostrar para o mundo que temos ideais
- Mulher é muito mais que sexo, é mais que ser um complemento do homem, é mais do que o avesso ou o inverso, mulher é muito mais que sofrimento

Um outro momento de destaque no texto foi quando a autora demarcou todos os temas referentes ao feminismo naquela época, mostrando que a maior parte deles perdura até os dias atuais (vide capítulo 2): “Saúde da Mulher”; “Direitos Reprodutivos”; “Violência”; “Poder das Mulheres”; “As Relações de Gênero” e a “Vivência da Sexualidade”; “Feminismo e Lesbianismo”; “Aids”; “Prostituição”; “Trabalho Rural e Urbano”; “Ecologia do Trabalho da Mulher”; “Meio Ambiente”; “Comunicação Política-Instrumento de Empoderamento das Mulheres”; “Formação Feminista e Liderança”; “Mulher e a Mídia”; “Mulheres Negras, Índias e deficientes — no Processo de Colonização e Transformação”; “Desafios nos Processos de Alianças”; “Direitos Sexuais”.

A representação discursiva nesta matéria é direta, ou seja, identificamos se tratar de um discurso feminista logo no primeiro parágrafo. Ele está claramente demarcado no texto, principalmente pelo uso das palavras feminismo e feminista e de afirmações que são características evidentes



desse tipo de discurso. Um exemplo é o uso de uma metáfora ao descrever que o poder continua “branco, rico e masculino” e que as mulheres precisam se opor ao machismo, desmistificando esse tipo de poder.

Naturalmente, os textos de opinião, por trazerem dentro de um jornal um posicionamento forte e desconectado da dinâmica jornalística, de tentar se fazer imparcial para o leitor, esse gênero textual pode encontrar resistência a leitores que possuem pontos de vista contrários. Isso acontece principalmente porque os artigos de opinião não estão interessados em levantar o que o jornalismo convencionava como “outro lado”, ele expressa a opinião unilateral e o discurso escolhido por aquele que escreve.

### **Texto 5 – Elas querem é poder (com ph)!**

O penúltimo texto a ser analisado foi retirado do Caderno 2 do jornal, que agrega textos sobre cultura e entretenimento. Como vimos anteriormente, a maior parte dos textos relacionados ao feminismo no jornal estão nessa editoria e por esse motivo incluímos esse texto para as análises mais profundas. Por se tratar de um caderno ligado aos temas de cultura e produtos ficcionais, selecionamos um texto humorístico e que nos dá uma possibilidade de analisar que humor é associado às mulheres dentro do jornal, se ele consegue expressar seus pontos de vista com respeito, ou se é só a reprodução de afirmações preconceituosas já estabelecidas. Além disso, o texto escolhido data de um momento em que o Brasil elegeu, pela primeira vez, uma mulher presidente.

#### **Elas querem é poder (com ph)!**

No governo de Fudilma Roskoff as mulheres estão por cima, ao contrário das antigas posições que ocupavam na sociedade, como a por baixo, a de quatro e a de ladinho. Mas a mulherzinhificação da máquina do governo não para por aí. Depois da nomeação de Javali Salvatti e Gleide Sachê, Dilmandona pretende nomear o cartunista e cross-dresser Laerte como seu personal stylist. A própria presidenta, num gesto ousado, revelou em entrevista à Marília Gabriela que, assim como o desenhista transformista, também gosta de se vestir de mulher.

Para ser sua “amiga”, colega e confidente, a presidente nomeou a truculenta Idi Amin Salvatti, que, enquanto foi Ministra da Pesca, não fez nada pelas piranhas que infestam Brasília, a capital mundial do lenocínio e do patrocínio. Felizmente, o núcleo duro e feminino do governo já está na menopausa. Se elas ainda sofressem de TPM (Tensão Pré-Ministerial), certamente o Brasil já teria invadido a Argentina, gasto as verbas da saúde numa liquidação de shopping e outras maluquices que as mulheres cometem nos dias de tensão pré-menstrual. Ao contrário do machismo e do cachacismo da Era Lula, a

República Cor de Rosa mostrou que agora as coisas vão mudar em Brasília: domingo, bem na hora do futebol, Ideli, Gleide e Dilma convocaram o Sarney e o Michel Temer ao Planalto para discutir a relação e, depois, assistir uma comédia romântica. E as mudanças não ficam só nisso na ginecocracia brasileira. O núcleo flácido e cheio de estrias do governo já decretou que as reuniões ministeriais a partir de agora vão ser realizadas num salão de beleza, o lugar mais adequado para discutir os problemas e as fofocas do Brasil. E até no Exército as poderosas mulheres do governo estão metendo o bedelho. A presidenta em pessoa ordenou que o veículo de combate blindado Urutu mude de nome para Urutau. Mas por trás de todo esse papo feminista, a realidade é outra. Na verdade, a presidenta Dilmendada Rousseff está exercendo o mero papel de diarista do Lula fazendo faxina no palácio, deixando a casa bem arrumadinha pra quando ele voltar à presidência em 2014. Para mim, a presença da mulherada cada vez maior no mundo é um fato. As mulheres estão no comando: Carla Bruni, Cristina Kirchner, Angela Merkel, Hillary Clinton... Até a filha do Toninho Cerezo, a Léa T. prova que a mulherada está matando a cobra e escondendo o pau. Como, aliás, acontece com a Isaura, a minha patroa que, desde que casamos, manda em mim. Manda eu ir à m\*!!\*#\*\*erda, manda eu ir pra pra p\*!!!!#uta!\* que o pariu e me manda tomar no c\*!!\*#\*\*u! Por falar nisso, vejam como a Isaura, a minha patroa invisível, está bem no meu filme meu filme “As Aventuras de Agamenon, o Repórter”. E só ir lá no meu blog. Pode ir sem susto: é de grátis! ([www.agamenon.com.br](http://www.agamenon.com.br)) Agamenon Mendes Pedreira é ginecologista amador.

(PEDREIRA, Mendes Agamenon. Elas querem é poder (com ph)!. 19 de junho de 2011. A Gazeta. Editoria: Caderno 2)

O texto escolhido para análise dentro do Caderno 2, que dispõe matérias de entretenimento e cultura, foi da categoria humor. O autor, Agamenon Mendes Pereira, é um jornalista fictício, criado por humoristas. Suas colunas são publicadas no Jornal O Globo, mas A Gazeta costuma publicar alguns textos em seu jornal. Por ser um texto de humor, não há preocupação jornalística de tentar se aproximar da verdade e, mesmo se tratando de uma brincadeira, o texto explicita um discurso machista e reforçar a opressão de homens sobre as mulheres.

Começamos, portanto, a análise do texto acima, que já no título nos mostra a relação entre mulher e sexo – “Elas querem é poder (com ph)!”. Se escrevermos a palavra poder com ph, que sem som de F, na língua portuguesa, temos a criação de uma nova palavra, que na linguagem popular remete ao sexo.

O texto é dividido em dois parágrafos e tem como tema principal o governo da presidente Dilma Rousseff. No primeiro parágrafo, o autor não diz diretamente se tratar da presidente, mas cria neologismos (Tabela 6) que dão outros significados à figura da primeira mulher presidente do Brasil.

**TABELA 6 – VOCABULÁRIO – CRIAÇÃO DE PALAVRAS**

<b>Palavras criadas</b>	<b>Significado subentendido</b>
Fudilma Roskoff	Mistura o nome da presidente com uma conotação sexual e muda o seu sobrenome Roussef para o nome de uma marca de Vodka.
Mulherzinhificação	Está na frase “mulherzinhificação da máquina de governo” e nos remete à ideia de que a presidente está tentando aumentar a participação das mulheres no governo federal. A criação desta palavra dá um tom completamente negativo a essas mudanças.
Dilmandona	Outra brincadeira com o nome da presidente em junção da palavra mandona, que significa “mandar com arrogância”. Cabe lembrar que a presidente já foi amplamente criticada por ter uma postura austera em relação a diversos assuntos.
TPM (Tensão Pré-Ministerial)	Jogo das palavras menstrual com ministerial, fazendo uma brincadeira com o fato de terem muitas ministras mulheres no comando do país
Cachacismo	Como o sufixo ismo indica doutrina, o significado seria “doutrina da cachaça”
Ginecocracia	O sufixo cracia exprime a noção de goveno, poder. Já o termo gineco, a noção de mulher. O significado de ginecocracia seria o governo de mulheres.
Dilmandada	Aqui, Dilma assume uma outra posição a de ser uma figura ilustrativa no governo, de apenas receber ordens do seu antecessor e executá-las sem nenhuma criticidade.

As novas palavras criadas reforçam o preconceito contra a mulher e critica com clareza a posição da mulher na política, como se fosse motivo de piada e absurdo o fato de uma mulher ocupar o mais alto cargo político do país e incluir mulheres na sua mesa de governo. As mulheres são minoria na participação política e quando ocupam os cargos de poder se veem ridicularizadas em quadros de humor como esse. Mesmo que o tom de brincadeira esteja explícito, as palavras usadas continuam reproduzindo preconceitos e reduzindo o papel da mulher, sempre com conotação sexual. Ora ela é considerada detentora de um poder exagerado e por isso é questionada, ora é submissa demais.

As críticas à figura da mulher e, sobretudo, à então presidente Dilma estão disfarçadas em quase todas frases no texto. Crítica à sua feminilidade, crítica à sua forma de governar e ao seu papel na conjuntura política do Brasil naquele momento. Veja algumas das frases:

- “As mulheres estão por cima, ao contrário das antigas posições que ocupavam na sociedade, como a por baixo, a de quatro e a de ladinho”
- “A própria presidenta, num gesto ousado, revelou [...] que também gosta de se vestir de mulher”

- “Enquanto foi Ministra da Pesca não fez nada pelas piranhas que infestam Brasília, a capital mundial do lenocínio<sup>29</sup> e patrocínio”
- “certamente o Brasil já terá invadido a Argentina, gasto as verbas de saúde numa liquidação de shopping e outras maluquices que as mulheres cometem nos dias de tensão pré-menstrual”
- “O núcleo flácido e cheio de estrias do governo já decretou que as reuniões ministeriais a partir de agora vão ser realizadas num salão de beleza, o lugar mais adequado para discutir os problemas e as fofocas do Brasil”
- “Na verdade, a presidenta Dilmandada Roussef está exercendo o mero papel de diarista do Lula fazendo faxina no palácio, deixando a casa bem arrumadinha pra quando ele voltar à presidência em 2014”.

Aqui, a intertextualidade se manifesta por ironia. O texto é recheado de expressões que dizem uma coisa, mas significam outra, o que torna o trabalho do leitor mais complexo, porque ele precisa identificar qual o discurso é pretendido e está implícito. Abaixo, seguem os exemplos de ironia presentes no texto, com suas explicações:

- “No governo de Fudilma Rosfoff as mulheres estão por cima, ao contrário das antigas posições que ocupavam na sociedade, como a por baixo, a de quatro e a de ladinho” – o autor quer dizer que no governo da presidente Dilma as mulheres ocupam posições de poder que antes não eram ocupadas na sociedade, diferente de outras vezes em que era submissa. No entanto, ele faz isso usando palavras de conotação sexual para fazer a relação entre dominação e submissão, dando teor negativo à participação da mulher na vida política.
- “A própria presidenta, num gesto ousado, revelou em entrevista à Marília Gabriela que, assim como o desenhista transformista, também gosta de se vestir de mulher” – na época em que ficou nos holofotes da política, Dilma foi duramente criticada por sua postura austera e pelo modo como se vestia, julgado pouco feminino. Por ser uma mulher solteira, ela teve a sexualidade questionada e colocada em questão no momento em que se tornou presidente do país. Nessa ironia, o autor faz essa intertextualidade com o discurso preconceituoso que era feito entorno da figura de Dilma.
- “Na verdade, a presidenta Dilmandada Roussef está exercendo o mero papel de diarista do Lula fazendo faxina no palácio, deixando a casa bem arrumadinha pra quando ele

---

<sup>29</sup> Crime de aliciação no comércio sexual ou de prostituição.

voltar à presidência em 2014” – nas eleições 2010, quando Dilma foi eleita pela primeira vez, opositoristas ao governo PT questionaram o surgimento dela como candidata. Isso porque diziam que ela era apenas um fantoche do presidente Lula (que apoiou toda a sua campanha) para que ele pudesse voltar na eleição seguinte. Neste texto, o autor associa a figura de Dilma com uma diarista que deixará tudo arrumado para o seu sucessor, reforçando ainda mais o caráter machista do texto, que coloca a mulher como uma figura inferior e atuante apenas na esfera doméstica.

- “As mulheres estão no comando: Carla Bruni, Cristina Kirchner, Angela Merkel, Hillary Clinton... Até a filha do Toninho Cerezo, a Lea T. prova que a mulherada está matando a cobra e escondendo o pau” – nestas afirmações o autor usou da ironia para falar da representatividade feminina naquele momento histórico. Ele menciona Lea T., mulher trans, que ficou famosa por ser modelo para diversas marcas de roupas e acessórios, e faz uma relação com a expressão “mata a cobra e mostra o pau”, que significa cumprir com aquilo que disse. Com essa expressão podemos tirar duas observações: a primeira que seria uma brincadeira entre a mulher trans que “esconde” o órgão genital masculino e dar um novo significado à expressão, que seria, as mulheres que estão no poder estão falando muito, mas não estão cumprindo suas promessas.

## **Texto 6 – Papa pede salários iguais para homens e mulheres**

O último texto escolhido para análise foi uma notícia da editoria Mundo, do ano de 2015. Escolhemos esse texto por reproduzir um pedido do Papa, uma figura que exerce influência sobre as formas de pensar e agir de uma boa parcela da população mundial, além de se situar em um ano em que o movimento feminista eclodia com força tanto no Brasil quanto no mundo, como observamos anteriormente neste capítulo.

### **Papa pede salários iguais para homens e mulheres**

O papa Francisco se juntou ao coro do movimento feminista ontem ao pedir salários iguais para pessoas que exercem a mesma função, dizendo ser “puro escândalo” que mulheres ganhem menos que homens quando fazem o mesmo trabalho. O pontífice também criticou os que creditam a crise nas famílias às mulheres que deixam de cuidar do lar 100% do tempo para procurar trabalho remunerado. Para Francisco, isso é atitude “machista” e mostra como o homens “querem dominar mulheres”. Para o papa, a “igualdade radical” que o cristianismo propõe entre marido e mulher deve render novos frutos. “Devemos apoiar com empenho o direito à igualdade de salários para funções idênticas”, disse. “Por que mulheres devem ganhar menos que homens? Não! Eles têm os mesmos direitos. Essa disparidade é escândalo puro.” Os

comentários foram feitos durante a audiência geral de quarta-feira, que o papa tem devotado a comentar diferentes aspectos da vida familiar. Ele também tem pedido que mulheres assumam cargos mais altos na igreja, embora tenha descartado a ordenação ou a chefia de congregações por mulheres.

(A GAZETA. Papa pede salários iguais para homens e mulheres. 30 de abril de 2015. Editoria: Mundo)

O texto pertence à editoria Mundo e trata-se de uma notícia sobre algumas afirmações feitas pelo Papa Francisco sobre a situação das mulheres no mundo. Na condição de autoridade máxima no Catolicismo, os discursos do Papa costumam ser aceitos e seguidos pela maior parte das pessoas que seguem essa religião. Nesta notícia, não está evidente a posição do autor do texto (jornalista/jornal), porque ele faz somente a reprodução das afirmações feitas pelo pontífice - é um texto noticioso, portanto uma questão de gênero narrativo. No entanto, cabe evidenciar que mesmo que ele tenha reproduzido os discursos do papa, ele o fez a partir do seu repertório e da sua visão de como o assunto deve ser tratado, tendo total controle sobre o que está sendo apresentado nesse texto.

O texto é formado por um único parágrafo que trata do tema: salários iguais para homens e mulheres. Logo no início, o autor já deixa claro que o Papa está reproduzindo um discurso feminista: “se juntou ao coro do movimento feminista”, expondo a intertextualidade manifesta através da representação do discurso do pontífice.

Em relação aos verbos usados no texto, a maior parte deles tem como sujeito o Papa Francisco ou as mulheres ou homens das quais ele se refere (Tabela 7).

**TABELA 7 – GRÁMATICA - TRANSITIVIDADE**

<b>Verbo</b>	<b>Orações</b>
Juntar	“O papa Francisco se juntou ao coro do movimento feminista”
Pedir	“ao pedir salários iguais para pessoas que exercem a mesma função”
Dizer	“dizendo ser puro escândalo que mulheres ganhem menos que homens”
Criticar	“o pontífice também criticou”
Creditar	“os que creditam a crise nas famílias às mulheres”
Cuidar	“que deixam de cuidar do lar 100% do tempo”
Procurar	“para procurar trabalho remunerado”
Dominar	“mostra como os homens querem dominar as mulheres”
Apoiar	“Devemos apoiar com empenho o direito à igualdade de salários”

Os verbos destacados estão todos na voz ativa e são usados para descrever a situação de cada um dos sujeitos dentro do texto – temos um papa que é aquele quem pede, diz, critica, credita e apoia; a mulher que cuida do lar e precisam sair de suas casas para conseguirem um trabalho remunerado; e os homens que querem permanecer com o poder de dominar as mulheres.

Um ponto que chama a atenção dentro do discurso do papa divulgado pelo jornal é de tratar, mesmo que indiretamente, as atividades da mulher em casa como um trabalho. Observamos isso na frase: “mulheres que deixam de cuidar do lar 100% do tempo para procurar trabalho remunerado”. Além disso, no discurso indireto feito pelo autor (jornalista/ jornal) ao dizer que “para Francisco, isso é atitude ‘machista’ e mostra como os homens ‘querem dominar mulheres’”, evidenciam a posição do papa em relação ao trabalho doméstico não seu uma obrigação exclusiva das mulheres.

Quanto às palavras e expressões usadas, o discurso indireto atribuído ao papa pelo autor (jornalista/ jornal) demonstra espanto com a situação de desigualdade entre homens e mulheres. São elas:

- “dizendo ser puro escândalo que mulheres ganhem menos que homens quando fazem o mesmo trabalho”
- “isso é atitude machista”
- “os homens querem dominar mulheres”
- “a igualdade radical que o cristianismo propõe entre marido e mulher deve render novos frutos”
- “devemos apoiar com empenho o direito à igualdade de salários”
- “essa disparidade é um escândalo puro”

A representação do discurso do papa no texto é claramente demarcada pelo jornalista/ jornal, que seleciona as suas falas e as amarram na forma do texto. Embora ele trate do discurso feminista, ele não deixa de lado o próprio discurso religioso, ao falar do cristianismo e até mesmo pelo que a própria figura do pontífice representa para a sociedade. Ao fim do texto, no entanto, ele dá margem ao leitor para interpretar o discurso feminista dele apenas nesse nível das palavras e não das ações.

O texto finaliza com a seguinte frase: “Ele também tem pedido que mulheres assumam cargos mais altos na igreja, embora tenha descartado a ordenação ou chefia de congregações por mulheres”. Aqui, o discurso da religião católica entra em cena. Na igreja, principalmente nas divisões de funções dentro dela, não há igualdade entre homens e mulheres. Nenhuma mulher pode assumir o mais alto cargo, que é o de pontífice. Também não é permitido às mulheres serem ordenadas (se tornarem algo no mesmo nível de um padre), ou seja, serem a autoridade máxima dentro de um templo ou uma paróquia. Isso reflete uma contraposição entre o que é defendido pelo papa através da sua tentativa de emitir um discurso feminista e o que realmente acontece na igreja, uma vez que ele descarta a possibilidade de uma mulher ocupar o cargo mais alto dentro de uma igreja ou uma congregação.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos presentes no jornalismo são objetos simbólicos, que produzem sentidos e possuem papel fundamental na formação de sujeitos e na construção da memória a ser partilhada no futuro. Fazer uma travessia por mais de 30 anos de história de um jornal é uma tarefa que permite desvendar modos de configuração de uma sociedade que já se transformou e nos possibilita refletir sobre contextos anteriores e que influenciam ativamente no presente. O desejo por conhecer o passado para compreender o presente moveu a construção desse trabalho, a cada descoberta deixada pelos vestígios deixados pelos autores do discurso permitiu identificar o porquê de determinadas questões estarem acontecendo na atualidade.

Os objetivos principais deste trabalho eram entender como os discursos feministas são construídos no território discursivo do jornalismo, em especial do Jornal A Gazeta, e compreender como se estabelecem as disputas de poder no jornalismo e por que esse é um território que reproduz discursos que virão a ser legitimados.

Para essas duas perguntas encontramos diversas respostas. A primeira delas é que encontramos um discurso feminista ora diversificado, ora estereotipado no corpus selecionado. Enquanto uma parcela significativa de textos dedica-se a discutir ideias e pontos de vista do feminismo, a contestar padrões que não condizem com a realidade das mulheres, a fomentar a luta por direitos iguais entre homens e mulheres; outros se limitam a reproduzir um discurso machista e uma redução do papel da mulher apenas na esfera doméstica, alheia às questões políticas e sociais. O corpus analisado apontou a forma como o feminismo esteve arranjado no jornal ao longo dos anos – a percepção de um movimento político com atuação internacional, que exerce influência sobre os assuntos cotidianos e das cidades, que está presente nas artes e nos produtos ficcionais de cultura e entretenimento, e que proporciona o debate de opiniões sobre o tema.

Nas situações negativas, identificamos demonstrações de preconceitos, discriminações e culpabilização de vítimas, em casos de violência física ou simbólica que muitas mulheres sofrem. Há uma reprodução de discursos que reforçam a idealização da figura da mulher e o direcionamento de atitudes que supostamente seriam as corretas, lançando mão de uma luta básica dos feminismos em geral que é a liberdade. A reprodução de afirmações machistas, que presumiam que a mulher deveria agir de forma submissa, também foram encontradas no jornal;

principalmente nas falas de entrevistados. Mesmo sendo minoria dentro do corpus, tais ocorrências destacam problemas evidentes e denunciados pelo feminismo cotidianamente, ao passo que também contribuem para reforçar discursos semelhantes na sociedade, que desvalorizam as reivindicações feministas.

As leituras quantitativas do corpus também evidenciaram a presença de textos engajados, que reproduzem uma imagem próxima ao que representa a luta feminista, de exigência de direitos, de opinião sobre os assuntos cotidianos, de participação política e da mulher como figura ativa nas tomadas de decisões que influenciam a vida das pessoas. Esses textos contribuem para apresentar e mostrar para os leitores que o movimento traz para discussão pautas válidas, mesmo que encontre resistência pelo caminho.

Encontramos também, no corpus, a figura de feministas que fazem parte da história do Espírito Santo e eram ouvidas quando era preciso discutir temas relacionados às mulheres. Essas ocorrências, no entanto, às vezes não levavam de maneira explícita o feminismo em questão. Em alguns momentos, vimos uma tentativa de dissolver as questões-chaves do movimento feminista, como a violência contra a mulher, por exemplo, em uma problemática mais geral. Está presente um projeto de feminismo que demonstra que os problemas sociais das mulheres estão inseridos em um conjunto de problemas que afeta toda a sociedade. É uma visão feminista mais analítica sobre a situação social encontrada na época, desviando da visão militante, que defende a causa da mulher acima de outras questões também graves na sociedade.

Atualmente, vivemos em um momento histórico de maior visibilidade dos movimentos sociais nas ruas e nas redes sociais. No entanto, essa também era uma característica do passado, como pudemos observar nos textos jornalísticos analisados nesse trabalho. Embora o discurso feminista não esteja demarcado claramente, alguns dos textos apontam um discurso implícito ao mencionar assuntos que são recorrentes nesse tipo de discurso.

Uma explicação tanto para essa dissolução do feminismo dos problemas da sociedade quanto da menção ao discurso sem classificá-lo com clareza é a de que o discurso feminista encontra resistência em uma parcela da sociedade, incluindo homens e mulheres, que não entendem a importância do movimento e tomam para si discursos que legitimam o preconceito e a redução do papel da mulher. Essa foi uma hipótese levantada para o grande número de matérias do

corpus que encontramos que debatem sobre o feminismo, mas usam termos como movimento de mulheres, movimentos femininos para ter uma menor resistência dos leitores.

Um leitor mais atento vai conseguir identificar essa referência, mas por estar implícita pode ser difícil perceber dependendo do repertório do leitor e mesmo que ele concorde com as ideias expostas no texto não vai conseguir relacionar com o feminismo, permanecendo na ignorância do que realmente trata esse movimento social. Aprendemos com Fairclough (2001) que esses são casos de intertextualidade manifesta por pressuposição, como vimos anteriormente, em que o autor dá indícios do uso de um discurso como se este já estivesse como estabelecido. A pressuposição aqui nos indica uma possibilidade de manipulação em relação a esse discurso mencionado, já que ele não está claro e o leitor pode apreendê-lo da forma que lhe convier.

Ao longo das análises, nos chamou a atenção a presença de vozes masculinas nos textos. Em alguns momentos, quando os assuntos tratavam de questões femininas, a fonte escolhida para a informação eram homens. A escolha nos rendeu questionamentos que não puderam ser respondidas neste trabalho, por escapar do escopo, mas que nos inquietou a perguntar: o que motiva a escolha do jornal pelas vozes masculinas para tratar de uma temática tão contundente para as mulheres?

Outra observação possibilitada pela análise quantitativa do corpus foi a distribuição dos textos nas editorias do jornal. Notamos que embora o feminismo seja considerado pelo jornal um assunto possível para suas editorias que lidam com o cotidiano, opinião e assuntos internacionais, a sua predominância sempre esteve nos assuntos ligados à cultura e entretenimento. A iniciativa feminista é vista com maior força nesses espaços e ganhou narrativas sobre questões culturais e conteúdos ficcionais, embaladas em textos que atraem a atenção rapidamente de leitores interessados. A abordagem neste tipo de conteúdo nos indica que as produções ficcionais, eruditas ou não, se interessam mais fortemente pelas questões feministas e acabaram por inseri-las no jornalismo.

Sobre o segundo objetivo geral deste trabalho, de compreender como ocorrem as disputas de poder no jornalismo e como acontecem a reprodução dos discursos, identificamos que o jornalismo é o território em que as marcas discursivas se encontram evidentes e que colabora para a construção de ideologias que perpassam todo o tecido social. Isso acontece porque o

jornalismo possui um modo de operar estruturado, que conta com um conjunto de atores e engrenagens que fazem o negócio funcionar. Cada um submetido às suas regras de funcionamento, que são dotadas de intencionalidade e capaz de produzir sentidos (CHARADEAU, 20015). O discurso jornalístico costuma distinguir fatos de opiniões pessoais, como se fosse uma garantia estabelecida no contrato entre leitor e produtor da informação. No entanto, sabemos que há variáveis que influenciam nesse processo dito isento pela maioria dos veículos de informação. Uma delas é a prática dos autores dos textos (jornalistas/ jornal) de buscarem entrevistados que digam aquilo que ele mesmo gostaria de dizer, tornando o conteúdo ainda mais subjetivo. É um mundo filtrado, que destacam acontecimentos que foram julgados relevantes para aqueles que produziram a informação.

Durante a realização deste trabalho, também aprendemos sobre a organização dos movimentos feministas, que não contam com uma definição unitária, uma vez que se trata de um movimento complexo, diversificado, com diversas raízes, construído no cotidiano e não tem um ponto de chegada determinado previamente. O feminismo, por ser caracterizado como um processo de transformação, emerge com contradições avanços e recuos, e é tratado no plural – “feminismos”. Além disso, também identificamos algumas frentes de luta do feminismo, que mudaram de acordo com o momento histórico vivido e as condições sociais, políticas, econômicas e culturais dos países nos quais está inserido.

Ao fim do percurso teórico, bem como das análises acerca da temática, percebemos o desafio de se construir um jornalismo que se preocupa em produzir textos que tenham clareza sobre as questões de gênero, que não reproduzam preconceitos, e que não reforcem as relações de desigualdade entre homens e mulheres. Vivemos um momento histórico, embalado pelas novas tecnologias de informação, de efervescência dos movimentos sociais (incluindo os feminismos), que questionam paradigmas, que apresentam suas pautas e geram discussões a respeito de suas causas e lutas. É preciso construir um jornalismo que atue junto na luta pelas minorias e que use a influência que ainda exerce sobre os cidadãos para levantar questões que durante séculos foram apagadas dos discursos da sociedade, como a cultura do estupro, violência contra a mulher, machismo, para que sejam fortemente combatidos e que conduzam a mudanças no curso da sociedade.

## 6 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sandra; HOLZMEISTER, Silvana. Guerra de sexos, que guerra?. **A Gazeta**, Vitória, 8 de mar. 1998. Caderno 2.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Brasiliense, 1982.

ANUNCIADA, Patricia. **Feminismo Interseccional**: um conceito em construção. Blogueiras Negras, 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/09/29/feminismo-interseccional-um-conceito-em-construcao>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

APPADURAI, Arjun. **Aqui e agora**. In: Dimensões culturais da globalização. Lisboa: Teorema, 2004.

ATIVISTAS recebem Putin de topless. **A Gazeta**, Vitória, 5 abr. 2013. Mundo.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão, seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2004.

BRAVIN, Adriana. As relações da diferença. **A Gazeta**, Vitória, 7 mar. 1996. Caderno 2.

BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes**: O feminismo e a questão do “Pós-modernismo. Cadernos Pagu. Vol. 11, 1998. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/viewFile/8634457/2381>>.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

COUZI, Fátima. Encontro Feminista. **A Gazeta**, Vitória, 18 mai. 2000. Opinião.

CRARY, Jonathan. **24/7 - Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: CosacNaify, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Postscriptum sobre as sociedades de controle**. In. DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: 34 Letras, 1992.

DIREITO à vida é inviolável. **A Gazeta**, Vitória, 28 fev. 2007. Cidades.

FAIRCLOUGH, Norman.; MAGALHÃES, Izabel. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.

FELIZ, Cláudia. 75% das mulheres foram, são ou serão alvo de violência. **A Gazeta**, Vitória, 14 ago. 2005. A Gazeta

FEMINISTA alega que mulher é discriminada pela sociedade. **A Gazeta**, Vitória, 30 jul. 1986. Caderno Especial.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. **A verdade e as formas jurídicas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. 7. ed. 3. reimpressão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRANÇA, Vera Veiga. **O objeto da comunicação/A comunicação como objeto**. In: FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. (Orgs). Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 39-60.

FRANÇA, Vera Veiga; GUIMARÃES, César. **Experimentando as narrativas no cotidiano**. IN:\_\_\_\_\_ (Orgs). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.89-108.

FRIZERRA, Rose. Depois da Revolução Feminista, a busca equilibrada das emoções. **A Gazeta**, Vitória, 08 de mar. 1999. Caderno 2.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HANSEN, Anders; COTTLE, Simon Cottle; NEGRINE, Ralph; NEWBOLD, Chris. **Mass Communication Research Methods**. Nova York: New York University Press, 1998.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

JOSGRILLBERG, Fábio. **Cotidiano e sujeito ordinário**. In: CITELLI, A. e outros (Orgs). Dicionário de Comunicação. Escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014.

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: norte e sul**. 2. ed. - São Paulo: EDUSP, 2002.

LAKOFF, George.; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Educ, 2002.

LIMA, Venício A. **Sete teses sobre mídia e política no Brasil**. In: Revista, São Paulo, n.61, p. 48-57, março/maio 2004.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Tradução Lucia Haddad. Projeto história, São Paulo, v.17, p.63-201, 1998.

MANIFESTAÇÃO marca Dia Internacional da Mulher. **A Gazeta**, Vitória, 08 mar. 2000. Cidades.

MARTINS, Edna Calabrez. **Militância feminista no Espírito Santo**. 2017. Entrevista concedida a Isabella Mariano, Vitória, 11 mai. 2017.

MARQUES DE MELO, José; Assis, Francisco. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MESSA, Márcia Rejane. Os **estudos feministas de mídia**: Uma trajetória anglo-americana. In: Cartografias: Estudos Culturais e Comunicação, julho de 2006. Porto Alegre: FAMECOS/PUC-RS, 2006.

MIKLOS, Jorge; CUNHA, Maria Aparecida Ledura. **Feminismo e ecologia da comunicação na Marcha Mundial das Mulheres**. Líbero: São Paulo, v. 19, n.38, p. 81-90, jul./dez. 2016.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente**. In: Revista Eletrônica e-compós. Edição 1, dezembro de 2004.

MULHERES vítimas de violência são transformadas em culpadas. **A Gazeta**, Vitória, 10 mai. 1987. Polícia.

NOBREGA, Mariana. **Entenda os diferentes feminismos**. Pandora Livre, 2015. Disponível em: <<http://pandoralivre.com.br/2015/08/26/entenda-os-diferentes-feminismos>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

PAPA pede salários iguais para homens e mulheres. **A Gazeta**, Vitória 30 abr. 2015. Mundo.

PEDREIRA, Mendes Agamenon. Elas querem é poder com ph!. **A Gazeta**, Vitória, 19 jun. 2011. Caderno 2.

PFL de Cariacica perde mais de 300 filiados para PDC. **A Gazeta**, Vitória 6 de abr. 1986. Política.

QUANDO a mulher diz não é não!. **A Gazeta**, Vitória 3 nov. 2016. Cidades.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1993.

RANGEL, Livia de Azevedo Silveira. **'Feminismo ideal e sadio': os discursos feministas nas vozes das mulheres intelectuais capixabas, Vitória/ES (1924 a 1934)**. 2011. 268 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O acontecimento**. In: TRAQUINA, Nelson. jornalismo: questões, teorias e “estórias”. 2ª edição. Lisboa: Vega, 1999.

\_\_\_\_\_. **Experiência, modernidade e campo dos media**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1999.

SACK, Robert David. **O significado de territorialidade**. In: DIAS, Leila Christina & FERRARI, Maristela. Territorialidades humanas e redes sociais. Florianópolis: Insular, 2013.



SAQUET, Marco Aurelio. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SHUDSON, Michael. **As notícias como um gênero difuso**: a transformação do jornalismo na contemporaneidade. In: Comunicação & Cultura, n.º 12, p. 139-150, 2011.

TOMAZELLI, Rondinelli. Dos 524 candidatos registrados no Estado, apenas 68, ou 12,9%, são mulheres. **A Gazeta**, Vitória, 29 jul. 2010. Política.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 9ª ed., 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005.

VAN DIJK, Teun A. **O que é a Análise Crítica do Discurso**. In: \_\_\_\_\_. Discurso, notícia e ideologia. Estudos na Análise Crítica do Discurso. Porto: Campo das Letras, 2005, p. 19-34.

VAZ, Paulo Bernardo; ANTUNES, Elton. **Mídia**: um aro, um halo e um elo. In: FRANÇA, Vera Veiga; GUIMARÃES, César (Orgs.). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 43-60.

VERONESE, Marília Veríssimo; e GUARESCHI, Pedrinho Arcides. **Hermenêutica de Profundidade na pesquisa social**. Revista Ciências Sociais Unisinos. Edição 42: maio/ago de 2006. p. 85-93.

WATTENBERG, Martin; VIÉGAS, Fernanda B. **The Word Tree, an Interactive Visual Concordance**. Hint.FM, 2008. Disponível em: < [http://hint.fm/papers/wordtree\\_final2.pdf](http://hint.fm/papers/wordtree_final2.pdf)>. Acesso em: 13 fev. 2018.